

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre)**

Ingrid da Silva Borges

**ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO:**  
o Museu da Farmácia como exemplo de aplicação.

Belo Horizonte

2022

Ingrid da Silva Borges

**ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO:**  
o Museu da Farmácia como exemplo de aplicação.

**Versão final**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Verona Campos Segantini

Belo Horizonte

2022

B732r  
T

Borges, Ingrid da Silva, 1983-  
Roteiro para elaboração do plano museológico [manuscrito] : o Museu da Farmácia como exemplo de aplicação / Ingrid da Silva Borges. -- Belo Horizonte, 2022.  
172 f. : enç, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Verona Campos Segantini

Bibliografia: f. 114-117.

Apêndice: f. 118.

Anexos: f. 119-172.

1. Universidade Federal de Ouro Preto -- Museu da Farmácia -- Teses.  
2. Educação -- Teses. 3. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses.  
4. Museus -- Planejamento -- Teses. 5. Museus -- Planejamento estratégico -- Teses. 6. Museus -- Organização e administração -- Teses.

I. Título. II. Segantini, Verona Campos, 1985-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 069.1

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA INGRID DA SILVA BORGES

Realizou-se, no dia 22 de agosto de 2022, às 14:00 horas, por videoconferência, a 346ª defesa de dissertação, intitulada *Roteiro Para Elaboração do Plano Museológico: O Museu da Farmácia como exemplo de aplicação.*, apresentada por INGRID DA SILVA BORGES, número de registro 2019652972, graduada no curso de MUSEOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Verona Campos Segantini - Orientador (UFMG), Prof(a). Leticia Julião (UFMG), Prof(a). Gabriela de Lima Gomes (UFOP).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada  
 Reprovada  
 Aprovada com modificações

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 22 de agosto de 2022.

Prof(a). Verona Campos Segantini ( Doutora )

Prof(a). Leticia Julião ( Doutora )

Prof(a). Gabriela de Lima Gomes ( Doutora )

Ao João Rafael e à Maria Tereza meus alicerces.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Verona Segantini, assim, obrigada pelo apoio neste longo período. Agradeço também aos professores que compuseram a banca, pelo carinho e pelo olhar dedicado a este trabalho.

À UFOP, em especial, à Escola de Farmácia, local de onde sempre obtive o apoio e o incentivo necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço carinhosamente às Prof<sup>ª</sup>s. Dras. Andrea Grabe e Maria Elisabete que foram fundamentais desde o início desta jornada.

Aos queridos amigos, Akemi, Ana, Henrique, Joana, Lisa, Maria, Moacir, Nádia, Webert, Marília e Laryssa, pelas conversas, trocas e incentivos que, mesmo em tempos tão difíceis de enfrentamento de uma pandemia, sempre aconteceram.

Àqueles que estiveram comigo nos momentos mais atribulados e não me deixaram desistir, me apoiaram e incentivaram, à equipe do Museu da Farmácia, Maria da Conceição, Wendy, Luiz e Victor, e aos amigos Victor de Godoy e Edson Fialho.

Agradeço, especialmente ao Luciano, ao João Rafael e à Maria Tereza, pelo apoio, carinho e paciência; vocês são a minha maior motivação! Aos meus pais, Hilda e Márcio, meus irmãos, cunhados, sobrinhos e sobrinhas, refúgios dos dias árdusos.

“Museu do abraço experimental  
Das almas atentas, antenas entre si, entrelaçadas  
Da rede, maca, tipóia, museu do índio íntimo  
Contemporâneo mítico “  
(Museu – Chico César)

## **RESUMO**

O desenvolvimento deste trabalho se deu por meio da busca de solução para uma necessidade percebida durante a experiência que vem sendo desenvolvida no Museu da Farmácia (MF) da Universidade Federal de Ouro (UFOP). Dentre as muitas necessidades de uma instituição museológica, está aquela da construção do plano museológico, uma ferramenta fundamental para o funcionamento e o desenvolvimento das instituições. Apesar da importância do plano, grande parte das instituições ainda não possuem esta ferramenta e, quando analisamos os museus universitários, este número pode ser ainda maior, devido às suas especificidades. Buscando suprir esta necessidade, propomos neste trabalho uma ferramenta que pode auxiliar na construção do plano pelos museus universitários.

Palavras- chave: Museu. Museu Universitário. Plano Museológico.

## **ABSTRACT**

The development of this work took place through the search for a solution to a need perceived during the experience that has been developed at the Pharmacy Museum (MF) of the Federal University of Ouro (UFOP). Among the many needs of a museum institution is that of building a museum plan, a fundamental tool for the functioning and development of institutions. Despite the importance of the plan, most institutions still do not have this tool and, when we analyze university museums, this number may be even higher, due to their specificities. Seeking to meet this need, we propose in this work a tool that can assist in the construction of the plan by university museums.

Keywords: Museum, University Museum, Museological Plan

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Quadro de formandos da Escola de Farmácia em 1888.....	31
Figura 2- Cartaz da exposição temporária promovida pelo Museu da Farmácia em 2016 com a trajetória da EFAR nos prédios da cidade.....	32
Figura 3- Recorte de Jornal Estado de Minas. Edição de 21 de abril de 1968.....	37
Figura 4- Página do Catálogo da Fundação Roberto Marinho.....	38
Figura 5- Fotografia dos congressistas mineiros de 1891.....	73
Figura 6- Prédio da Escola de Farmácia em 1905.....	74
Figura 7- Ampliação do 2º andar em 1920.....	75
Figura 8- 2ª ampliação do andar superior em 1960.....	76
Figura 9- Construção da quadra poliesportiva em 1960.....	76
Figura 10- Exposição do Museu da Farmácia eu na década de 1990.....	77
Figura 11- Planta baixa do prédio principal - 1º andar.....	77
Figura 12- Planta baixa do prédio principal - 2º andar.....	79
Figura 13- Planta baixa - Anexo 1.....	80
Figura 14- Modelo de ficha usada e preenchida para a coleção de medicamentos.....	96

### **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1- Total e distribuição dos museus universitários por tipo de gestão.....	21
Gráfico 2- Resultado final da pesquisa GTI com a relação da população levantada x amostra alcançada.....	23

### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Cronologia.....	89
---------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNM – Cadastro Nacional de Museus

Covid – coronavírus

EFAR – Escola de Farmácia de Ouro Preto

EPI – Equipamento de Proteção Individual

FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto

FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças

GTI – Grupo de Trabalho Interministerial

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICEB– Instituto de Ciências Exatas e Biológicas

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IFAC – Instituto de Filosofia, Arte e Cultura

IFMG- OP – Instituto Federal de Minas Gerais – Ouro Preto

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAPAC – Laboratório Piloto de Análises Clínicas

MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

MD – Ministério da Defesa

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MF – Museu da Farmácia

MMA –Ministério do Meio Ambiente

MTur – Ministério do Turismo

MU – Museu Universitário

PM – Plano Museológico

PNM – Política Nacional de Museus

RBCMU – Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SEI – Sistema Eletrônico de Informação

SISBIN – Sistema de Bibliotecas e Informação

SWOT –*strengths; weaknesses; opportunities e threats.*

TCU – Tribunal de Contas da União

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UMAC – Comitê do Conselho Internacional de Museus para Museus e Coleções  
Universitárias

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E O PLANO MUSEOLÓGICO: HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO.....	19
2.1 Museus universitários: passado, presente e futuro.....	19
2.2 Plano museológico: histórico e conceituação.....	25
3 A ESCOLA DE FARMÁCIA E O MUSEU DA FARMÁCIA: UMA LONGA TRAJETÓRIA.....	29
3.1 A Escola de Farmácia.....	29
3.2 O Museu da Farmácia.....	35
4 ROTEIRO PARA A DIAGNÓSTICO DO PLANO MUSEOLÓGICO.....	43
4.1 Roteiro.....	44
4.2 Etapa I – caracterização, planejamento conceitual e diagnóstico.....	45
4.2.1 Caracterização.....	45
4.2.1.1 Histórico da instituição.....	45
4.2.1.2 Histórico do prédio.....	46
4.2.1.3 Linhas de atuação.....	46
4.2.2 Planejamento conceitual.....	47
4.2.3 Diagnóstico institucional.....	48
4.3 Etapa II - Programas.....	51
4.3.1 Diagnóstico institucional.....	51
4.3.1.1 Documentos administrativos.....	52
4.3.1.2 Estrutura administrativa.....	52
4.3.1.3 Pessoal.....	53
4.3.1.4 Acadêmicos.....	53
4.3.1.5 Acervo.....	53

4.3.1.6 Exposição.....	53
4.3.1.7 Arquitetura.....	53
4.3.1.8 Público.....	54
4.3.1.9 Comunicação.....	54
4.3.1.10 Ações educativas e culturais.....	54
4.3.1.11 Relações institucionais.....	55
4.3.2 Diagnóstico da gestão de pessoas.....	55
4.3.2.1 Quadro funcional permanente.....	56
4.3.2.2 Quadro funcional terceirizado.....	56
4.3.2.3 Quadro funcional temporário.....	56
4.3.2.4 Considerações sobre o diagnóstico.....	57
4.3.3 Diagnóstico dos acervos.....	57
4.3.3.1 Formação da coleção.....	58
4.3.3.2 Aquisição e descarte.....	58
4.3.3.3 Documentação.....	58
4.3.3.4 Conservação e restauração.....	59
4.3.3.5 Considerações sobre o diagnóstico.....	60
4.3.4 Diagnóstico da exposição.....	61
4.3.4.1 Exposição de longa duração.....	61
4.3.4.2 Exposições de curta e média duração.....	61
4.3.4.3 Considerações sobre o diagnóstico.....	62
4.3.5 Diagnóstico do educativo e cultural.....	62
4.3.5.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	63
4.3.6 Diagnóstico da pesquisa.....	63
4.3.6.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	64
4.3.7 Diagnóstico do arquitetônico urbanístico.....	64
4.3.7.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	65

4.3.8 Diagnóstico da segurança.....	66
4.3.8.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	66
4.3.9 Diagnóstico de financiamento e fomento.....	66
4.3.10 Diagnóstico de comunicação.....	67
4.3.11 Diagnóstico socioambiental.....	68
4.3.11.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	68
4.3.12 Diagnóstico de acessibilidade universal.....	68
4.3.12.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	69
<b>5 APLICAÇÃO DO ROTEIRO AO MUSEU DA FARMÁCIA.....</b>	<b>70</b>
5.1 Construção da Etapa I.....	72
5.1.1 Histórico da instituição.....	72
5.1.2 Histórico do prédio.....	72
5.1.3 Linhas de atuação.....	80
5.1.4 Planejamento conceitual.....	81
5.1.4.1 Diagnóstico.....	81
5.1.4.1.1 Fatores internos.....	81
5.1.4.1.2 Fatores externos.....	83
5.2 Construção da Etapa II - Programas.....	84
5.2.1 Diagnóstico institucional.....	84
5.2.2 Diagnóstico da gestão de pessoas.....	91
5.2.2.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	93
5.2.3 Diagnóstico dos acervos.....	94
5.2.3.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	98
5.2.4 Diagnóstico das exposições.....	99
5.2.4.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	101
5.2.5 Diagnóstico do educativo e cultural.....	102
5.2.6 Diagnóstico da pesquisa.....	103

5.2.6.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	106
5.2.7 Diagnóstico do arquitetônico e urbanístico.....	106
5.2.7.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	107
5.2.8 Diagnóstico da segurança.....	107
5.2.8.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	108
5.2.9 Diagnóstico do financiamento e fomento.....	108
5.2.10 Diagnóstico da comunicação.....	109
5.2.10. 1 Considerações sobre o diagnóstico.....	109
5.2.11 Diagnóstico socioambiental.....	110
5.2.11.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	110
5.2.12 Diagnóstico da acessibilidade universal.....	110
5.2.12.1 Considerações sobre o diagnóstico.....	111
6 CONCLUSÃO.....	112
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
APÊNDICE.....	118
ANEXO I.....	119

## 1 INTRODUÇÃO

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu da experiência que vem sendo desenvolvida no Museu da Farmácia (MF) da Universidade Federal de Ouro (UFOP). Formada em museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto em 2012, tive a oportunidade de realizar disciplinas que contribuíram para entender o quão ampla e complexa possa ser a atuação de um profissional de museologia em uma instituição. Em 2015, ingressei na Universidade Federal de Ouro Preto como Técnica Administrativa – museóloga – passando a atuar no Museu da Farmácia onde, desde então, venho desenvolvendo atividades museológicas focadas na documentação, na preservação e na divulgação do acervo.

O trabalho encontra muitos desafios que aos poucos vêm sendo superados. O primeiro e maior deles está relacionado à gestão e às políticas internas do museu. Destaco que esta não é uma realidade isolada, já que muitos museus, como o Museu da Farmácia, que estão no interior das estruturas das universidades, sofrem com a falta de ações, de investimentos e de planejamento de médio e curto prazo.

Lourenço (2009, p.47) diz que “O patrimônio da ciência continua a ser largamente ignorado pelas políticas nacionais dos diferentes países e pelas cartas internacionais relacionadas com o patrimônio”. Segundo a autora, há múltiplas razões para que isto ocorra e, entre elas, se destacam: a complexidade em definir o que seja o patrimônio presente nas instituições; a falta de recursos para serem aplicados no museu; e principalmente, a pouca valorização pelos atores que “poderiam e deveriam ter um papel crucial na sua preservação e promoção: os cientistas e os historiadores da ciência” (2009, p.48).

Muitas vezes as ações desenvolvidas nas instituições são realizadas de forma isolada e, para suprir esta lacuna, é necessário um bom planejamento institucional, que é a chave para o crescimento e para a valorização de uma instituição. No caso dos museus, este planejamento começa pela construção de um bom plano de trabalho que poderá ajudar na superação de atuais e futuros desafios. Hoje o recomendado é que este plano de trabalho seja executado a partir das diretrizes e modelos do plano museológico.

Mas afinal, como construir um plano museológico? Como ele pode contribuir para o desenvolvimento institucional e para a gestão museológica? Como a partir do plano, as diversas áreas do museu devem se relacionar? São estas as perguntas que tentarei responder neste trabalho trazendo as conceitualizações necessárias e uma proposta de documento que sirva como orientador para a construção de um plano museológico com foco nos museus universitários.

A partir deste ponto, este trabalho trará a seguinte estrutura: o primeiro capítulo irá se dedicar às discussões sobre museus universitários e a apresentação do plano museológico, a sua importância como ferramenta de gestão, suas definições e bibliografias de referência.

No segundo capítulo, será proposta uma contextualização da Escola de Farmácia e do Museu da Farmácia. Um capítulo inteiro para esta contextualização se faz necessário, pois conhecer a trajetória da instituição, o que motivou a sua formação e como o seu acervo foi sendo constituído ajudou a desenvolver o roteiro. Entendemos que este primeiro levantamento trouxe subsídios necessários ao longo de todo o documento do plano museológico, contribuindo com o desenvolvimento dos programas e com as proposições de ações específicas.

No terceiro capítulo apresentaremos o roteiro que foi o produto final deste trabalho. Nele apresentaremos detalhadamente a metodologia proposta para orientar a construção do plano museológico em instituições universitárias a partir da experiência acumulada do Museu da Farmácia.

No quarto capítulo apresentaremos o roteiro preenchido com as respostas relativas ao Museu da Farmácia e que serviram como base para a construção do documento final da instituição.

## 2 OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E O PLANO MUSEOLÓGICO: HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

Neste capítulo buscaremos entender os dois eixos centrais deste trabalho: os museus universitários (MU) e o plano museológico (PM). Construimos este capítulo a partir das leis, manuais, *sites*, pesquisas e referências existentes, buscando conceitos e diretrizes.

### 2.1 Museus universitários: passado, presente e futuro

O presente trabalho tem como referência de pesquisa os desafios e as estratégias de gestão dos museus universitários. Mas, afinal, o que são estas instituições e como se estabeleceram e se desenvolveram ao longo do tempo? O que as difere das outras instituições museológicas? Estas são algumas das questões, as quais foram compartilhadas com uma vasta comunidade que reúne professores, pesquisadores, técnicos e diversos outros profissionais.

O conceito de museu, ao longo do tempo, vem sendo historicizado e discutido por diversos autores que nos apresentam muitas possibilidades e perspectivas. Temos em vigência e em discussão a seguinte definição de museu, proposta pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM):

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2007, on-line).

No Brasil temos o conceito proposto pela Lei nº11.904, de 14 janeiro de 2009 (BRASIL, 2009a), que define como museu:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009a, on-line)

Estes conceitos são amplos e, desta forma, abarcam também os museus universitários. Porém, é necessário entender melhor as especificidades destas instituições. Não há definição

única para museus universitários. Ribeiro (2019) nos diz que eles são criados dentro dos contextos das universidades em que estão inseridos e que refletem a própria universidade. Diferem-se de outros, com vinculações diversas, por referenciar atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo pilares na produção do conhecimento científico.

O processo de formação das coleções e dos museus acontece de maneira orgânica ou interdependente da dinâmica da universidade, já que, em grande parte, oferece subsídios ou é decorrente das atividades de pesquisa e ensino. É complexo determinar quando os museus universitários passaram a existir. Clerc e Lourenço (2003 *apud*. Ribeiro, 2019, p.54) indicam que a abertura da exposição permanente do Museu Asmolean, em Oxford, em 1693, pode ser considerada como marco da institucionalização dos museus universitários e do pioneirismo destes diante das outras intuições museológicas.

Os museus universitários desempenham papel de relevância social, pois, em sua maioria, são canais importantes de apresentação e de interlocução entre a instituição universidade e a sociedade. Buscando entender este universo, fizemos um levantamento do quantitativo de instituições existentes no país e, de acordo com o *site* da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)<sup>1</sup>, atualmente, existem 562 coleções e museus universitários distribuídos de acordo com as suas diferentes vinculações institucionais, conforme o gráfico 1, presente na sequência deste texto.

No referido *site* estão reunidas informações do mapeamento realizado a partir do cruzamento de dados de fontes diversas e foram consideradas coleções abertas ao público, fossem elas denominadas museus ou não, estão identificadas como museus, centros de memória, centros de divulgação científica, coleções didáticas, dentre muitas denominações. Foi possível observar ainda uma diversidade de vinculações relativas aos entes da federação, criando uma ampla variedade de gestão e de organização destas instituições. Desta forma, entender este universo, bem como as diferentes dinâmicas institucionais, se tornou ainda mais complexo.

Neste trabalho buscamos desenvolver um recurso que pudesse contribuir com o desenvolvimento do plano museológico de museus universitários. Para isto, foi necessário conhecermos um pouco mais as instituições. Observando os números da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, fizemos um recorte pelo tipo de gestão. Escolhemos os museus federais que, de acordo com este *site*, somam 320 instituições.

<sup>1</sup>REDE BRASILEIRA DE COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. *Home*. Disponível em: <<http://rbcmu.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

Torna-se importante dizer que, quando da realização desta pesquisa, o nome era “Rede Brasileira de Museus Universitários” (RBMU). Até a data da defesa desta dissertação, o nome foi atualizado para Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU). Optamos por manter o nome atual no texto.

Gráfico 1- Total e distribuição dos museus universitários por tipo de gestão.



Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários.*Home*. Disponível em:<<http://rbcmu.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

Feito o recorte, buscamos mais referências sobre os museus universitários federais, já que este montante que consta no *site* da RBCMU engloba núcleos museológicos, alguns dos quais possuem processos museológicos acontecendo, mas que estão estruturados enquanto laboratórios, parques e outros.

Em 2018 presenciamos a perda de parte do patrimônio nacional, ao ver o Museu

Nacional, do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, em chamadas. Este evento trouxe à luz estas instituições. Naquele mesmo ano, o Tribunal de Contas da União (TCU) encaminhou aos museus federais um questionário diagnóstico e, a partir das respostas publicadas no Acórdão nº 1243/2019 do TCU, foram realizadas algumas recomendadas entre elas:

9.1. determinar, nos termos do art. 43, I, da Lei n.º 8.443, de 1992, e do art. 250, II, do RITCU, que, com o apoio do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), o Ministério da Educação adote as medidas cabíveis com vistas à efetiva elaboração do plano de ação para a implementação de mecanismos de supervisão, coordenação e orientação dos museus sob a responsabilidade das universidades federais, atentando, especialmente, para a segurança dos prédios e dos acervos dos museus, aí incluídos os incentivos ao cumprimento das orientações expedidas pelo Ibram (item III.1 do relatório de levantamento), em respeito aos princípios administrativos da legalidade, da eficiência, da economicidade, da transparência, do planejamento e da prevenção de risco patrimonial (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, 2019, p.50)

A partir desta determinação, foi estabelecido um Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), que mapeou os museus ligados aos órgãos federais. No primeiro levantamento, foi realizada uma busca no Cadastro Nacional de Museus (CNM) e, na sequência, foi efetuado o envio de *e-mails*. Chegou-se a um universo de 464 instituições. A partir disto, foi feito um recorte assim justificado:

A escolha dos museus do Poder Executivo Federal, em especial dos Ministérios da Educação (MEC), da Defesa (MD), da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), do Turismo (MTur) e do Ministério do Meio Ambiente (MMA) obedeceu aos apontamentos feitos pelo Acórdão TCU nº 1243/2019, o qual cita nominalmente essas pastas, bem como a efetiva participação desses Ministérios no Grupo de Trabalho Interministerial.

(...) o Ministério da Educação é responsável por mais da metade dos museus vinculados ao Poder Executivo Federal. Soma-se a isto o fato motivador do Acórdão TCU nº 1243/2019: o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro – pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entidade vinculada ao MEC.

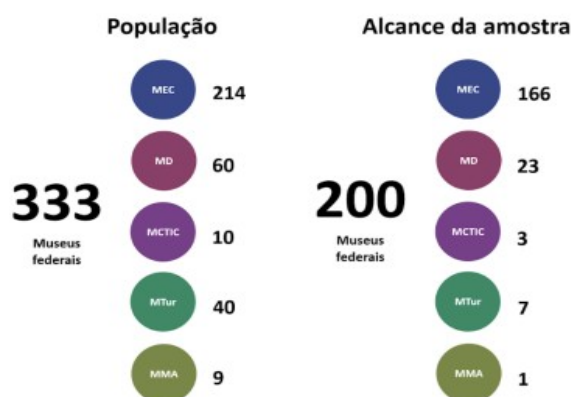
Paralelamente, destaca-se a disposição natural das Instituições Universitárias e Institutos de Ensino como espaços de pesquisa e produção de conhecimento. Estas características dialogam diretamente com a vocação dos museus enquanto espaços de memória, de investigação, de experimentação e de compartilhamento de conhecimento. (Relatório Final Grupo de Trabalho Interministerial Anexo II p.10)

O GTI chegou a 333 instituições ligadas aos Ministérios acima mencionados, das quais 214 eram ligadas ao MEC. Definida a amostra e considerando o momento vivido em decorrência da pandemia da Covid-19, a pesquisa teve um cunho descritivo e quantitativo e foi realizada por meio de um questionário aplicado em uma plataforma digital.

<sup>2</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Museu Nacional**. Disponível em: <<https://www.museunacional.ufrj.br/index.html>>. Acesso em: 20 out. 2020.

Gráfico 2- Resultado final da pesquisa GTI com a relação da população levantada x amostra alcançada.

## População (333) x amostra instituições respondentes



Fonte: Relatório Final Grupo de Trabalho Interministerial Anexo II p.18

A adesão à pesquisa foi considerada irregular pelo GTI, conforme é possível observar no gráfico acima, por diversos motivos que, a partir do quantitativo de resposta, classificou-a como uma “pesquisa amostral não probabilística” (Relatório Final Grupo de Trabalho Interministerial Anexo II p.16).

O formulário aplicado na pesquisa, composto por 49 questões distribuídas em 8 blocos temáticos, teve a seguinte estrutura: Bloco I – Identificação; Bloco II – Caracterização Institucional; Bloco III – Instrumentos de Gestão; Bloco IV – Condições de Funcionamento e Segurança dos Museus; Bloco V – Avaliação de Riscos; Bloco VI – Acervo; Bloco VII – Financiamento e Fomento; Bloco VIII – Sugestões e Comentários.(Relatório Final Grupo de Trabalho Interministerial Anexo II p.18).

A estrutura proposta na pesquisa nos ajuda a entender os museus universitários e podemos considerar que esta amostragem reflete a realidade das instituições que possuem perfil similar àquele escolhido neste trabalho. Este perfil também foi utilizado como referência e exemplo para a proposição de um roteiro, que buscará subsidiar a elaboração de planos museológicos em instituições análogas.

O Bloco I, de identificação, quando é filtrada a busca pelos museus ligados ao MEC, coincide com as universidades existentes, sendo Minas o estado com maior número delas. Já no Bloco II, o dado que mais chama a atenção é que 69,5% dos museus aparecem no

organograma da instituição mantenedora, o que aponta para a necessidade de ações voltadas para a institucionalização destes espaços.

Os dois dados acima apresentados e a necessidade de planejamento e de estratégias de gestão para os museus se justificam, ainda mais nas respostas do Bloco III. Sobre os planos museológicos, das 200 intuições que responderam ao questionário, apenas 42 possuíam um plano museológico, o que nos leva a buscar compreender porque grande parte das instituições não conseguem desenvolver esta ferramenta, bem como pensar em estratégias que colaborem com a construção dessa importante estratégia de governança.

O futuro dos museus universitários está ligado ao futuro das universidades e das políticas educacionais do país. Trabalhar a estruturação e a organização administrativas destas instituições, principalmente, garantirá o desenvolvimento de políticas e de conquistas de recursos. Por isto, a importância do plano museológico ou de outros documentos que possam ser utilizados como ferramentas que contribuam para este fortalecimento e para o reconhecimento dos museus.

Em busca deste reconhecimento, os museus universitários têm se movimentado e organizado discussões e trabalhos. O primeiro registro de mobilização que se consolidou ao longo dos anos foi a criação, no ano de 2001, do Comitê do Conselho Internacional de Museus para Museus e Coleções Universitárias (UMAC), do ICOM que tem como metas:

- Fornecer um fórum internacional organizado para todos os profissionais que trabalham ou estão associados a museus universitários, galerias e coleções.
- Promover a pesquisa, compilar e divulgar informações sobre museus universitários, coleções e patrimônio.
- Fomentar, dentro da comunidade de museus, formuladores de políticas e no público em geral uma maior conscientização e visibilidade dos museus universitários, coleções e patrimônio.
- Melhorar a governança, preservação, acesso e serviço público de museus universitários, coleções e patrimônio, oferecendo oportunidades aos profissionais para treinamento e *networking*, parcerias colaborativas e troca de conhecimentos e ideias.
- Estimular o engajamento de museus e coleções com a promoção de valores centrais da universidade, como educação, pesquisa, pensamento criativo, liberdade, tolerância e responsabilidade.
- Contribuir para a implementação dos programas, atividades e plano estratégico do ICOM e estimular a comunicação entre os membros do ICOM com interesses profissionais semelhantes, nomeadamente museus e coleções em instituições de ensino superior.
- Promover os valores, a ética e os padrões de excelência do ICOM no setor de ensino superior por meio do apoio às melhores práticas e planejamento estratégico.

( INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS COMMITTEE FOR UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS, 2017, on-line)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>Tradução nossa.

No Brasil, os trabalhos e discussões têm sido feitos no Fórum Permanente de Museus Universitários, cuja VI edição foi realizada em 2021, o qual tem por objetivo: “reunir profissionais, professores/as, pesquisadores/as e estudantes das diferentes tipologias de coleções existentes nas Instituições de Ensino Superior para promover um amplo debate sobre o seu papel e a sua inserção na atualidade” (VI Fórum de Museu Universitários, 2021, on-line).

Destes fóruns surgem os grupos que discutem as ações e as políticas voltadas para os museus universitários, como é o caso do GT Técnicos, onde os profissionais que atuam em Núcleos Museológicos Universitários têm debatido questões que envolvem o trabalho daqueles que atuam nestes espaços, e o GT ConectaRmus que surgiu como uma “proposta de rede das redes, para conectar e apoiar as redes e os sistemas de coleções e museus universitários” (VI Fórum de Museus Universitários, 2021, on-line).

## **2.2 Plano museológico: histórico e conceituação**

O plano museológico é estabelecido a partir da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009a), que institui o Estatuto Museus, trazendo diretrizes que regulamentam o setor museal quanto à institucionalização, definição de recursos, aplicação de técnicas, preservação dos bens musealizados e informações sobre o setor. Também será utilizado o Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013 (BRASIL, 2013), que regulamenta a referida lei e outras bibliografias e orientações técnicas que tratam do tema.

No Brasil houve um aumento expressivo do número de instituições museais. Em 2010, existiam “cinco vezes mais museus no Brasil que na década de 1970 e duas vezes mais que no início da década de 1990” (IBRAM. Museus em Números, 2011, p.91). Este aumento começou a demandar a criação de políticas voltadas para a área e foi neste contexto que, em 2003, foi lançada a Política Nacional de Museus (PNM).

A PNM abriu as discussões para que uma série de políticas passassem a ser estabelecidas e implementadas. O documento foi dividido em eixos sendo que, no primeiro, intitulado “Gestão e configuração do Campo Museológico”, oito pontos foram estabelecidos (CHAGAS, Mario. NASCIMENTO, José do, 2007, p.25). Destes, destacamos três: o primeiro, que fala da implementação do Sistema Nacional de Museus; o segundo, que cita a criação do Cadastro Nacional de Museu; e o terceiro, que versa quanto à criação e o aperfeiçoamento das leis que orientam as instituições museológicas no país.

De acordo com os “Subsídios para a elaboração de planos museológicos” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2016), um importante instrumento, que foi resultado da PNM e que foi orientado pelo primeiro eixo indicado acima, foi o Estatuto de Museus – Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009a) – que contou com a “participação de profissionais e instituições do setor museológico” (Instituto Brasileiro de Museus, 2016, p.26) e que se tornou o principal documento de referência na política museal. Tendo sido um documento aprovado em forma de lei, trouxe, no seu primeiro artigo, a definição de museus:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, on-line).

Outro documento resultante foi a Lei 11.906 de 20 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009b), que cria o Instituto Brasileiro de Museu (IBRAM), uma autarquia que assume no lugar no IPHAN a gestão dos Museus Federais e passa a fomentar políticas voltadas para a área.

O Capítulo II, Seção III da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009a), estabelece o plano museológico como uma ferramenta de planejamento estratégico que todas as instituições museais devem elaborar. Esta ferramenta se tornou um dos pontos centrais da política museal. Ao longo dos anos, publicações e cursos voltados para a elaboração do plano museológico foram desenvolvidos, mas até hoje grande parte das instituições não possuem esta ferramenta implementada.

Buscando melhorar o entendimento sobre estas duas leis, em outubro de 2013, foi aprovado o Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013 (BRASIL, 2013) que regulamenta os dispositivos das leis, do Estatuto de Museus e da criação do IBRAM.

Mas, afinal, o que é o plano museológico? Almeida (2013) compara o plano museológico a um Plano Diretor, termo usado por empresas privadas e pelo setor público para definir um documento estratégico da instituição, onde poderemos encontrar a missão, a visão, os valores e o planejamento dos diversos setores, a curto, médio e longo prazo. No caso do presente estudo, trata-se de um documento complexo que deverá ser construído pelos múltiplos atores que compõem o museu. Almeida (2013) ainda nos apresenta 10 basilares de um bom plano museológico:

1. Possibilitar o equilíbrio e a estabilidade na gestão do museu, independentemente de sua direção e de seu corpo de trabalhadores;
2. Implantar uma estrutura básica de funcionamento dentro da qual podem ser tomadas decisões estratégicas;
3. Assegurar a salvaguarda do acervo;
4. Tornar clara a missão e as ações do museu tanto para funcionários quanto para o público;
5. Definir com clareza as ações coletivas e individuais no interior do museu, estabelecendo as responsabilidades de cada área de trabalho;
6. Propiciar o uso mais eficaz dos recursos;
7. Pensar no museu como um organismo complexo e interdependente, a partir dos princípios estabelecidos no Estatuto de Museus e demais documentos normativos, e na importância de estabelecer um equilíbrio entre as suas partes;
8. Identificar situações emergenciais ou de risco iminente;
9. Levantar em consideração a capacidade de solução dos problemas, através dos recursos de pessoal e orçamentários disponíveis;
10. Preparar o museu para novas realidades. (ALMEIDA, 2013, pp. 29-30)

Em 2016, o IBRAM lançou a publicação “Subsídios para a elaboração de planos museológicos”. Neste documento o plano museológico é dividido em 3 etapas. A primeira trata-se da caracterização, do planejamento conceitual, do diagnóstico e dos objetivos estratégicos. Nesta fase teremos um panorama da instituição, com o histórico, as linhas de atuação, os pontos fortes e fracos e serão definidos a missão, a visão e os valores.

Os museus universitários têm a sua história e há também aquela da instituição, as quais estão entrelaçadas, assim, é importante o resgate de ambas, além de que se faça conhecer o planejamento estratégico da instituição onde o museu está alocado, para que possa haver um alinhamento conceitual. A missão, visão e valores do museu não podem divergir daqueles da instituição onde ele se encontra e para tal é necessário um envolvimento institucional mais amplo das esferas administrativas.

A segunda etapa trata dos programas institucionais, sendo que, para cada programa, é necessário um diagnóstico específico para se determinar a metodologia de ação e, por fim, serem propostos projetos que consigam assistir a cada necessidade. Um ponto a ser considerado é a interligação dos programas.

Na segunda etapa, os museus universitários enfrentam o desafio de incluir, além das bases da museologia, a tríade universitária do ensino, da pesquisa e da extensão em seus programas e, de forma diferente daquela das instituições que possuem gestão direta, mais uma vez, torna-se necessário envolver um grande grupo, o que pode intensificar tal desafio.

A terceira etapa é aquela da elaboração de projetos. De forma distinta dos programas que poderão ter ações contínuas e que deverão ser revisadas ao longo do tempo, os projetos dos museus serão específicos, devendo ter início, meio e fim.

As três etapas do plano museológico devem ser relacionadas e, para tal, é necessário que cada uma seja realizada com atenção e constante revisão. O documento final do plano museológico não finaliza o processo de gestão nem soluciona todos os problemas; ele é apenas o norteador para o desenvolvimento institucional e deve ser uma ferramenta de utilização constante pela equipe do museu.

### **3 A ESCOLA DE FARMÁCIA E O MUSEU DA FARMÁCIA: UMA LONGA TRAJETÓRIA.**

Neste capítulo traçaremos a trajetória do Museu da Farmácia que foi a instituição escolhida como local de aplicação deste trabalho. A história deste museu parte daquela da Escola de Farmácia e, por este motivo, traremos esta última da origem da instituição aos dias atuais dando destaque para a criação do Museu da Farmácia.

Para a primeira parte, contamos com duas obras produzidas por ex-professores da Escola de Farmácia, a saber: "Apontamentos históricos do sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto", produzida pelo Professor Doutor José Ramos Dias, em 1989; e "A Escola de Farmácia de Ouro Preto: a memória sublimada", do Professor Doutor Victor Vieira de Godoy, em 2019.

Na segunda parte deste capítulo, será apresentada a trajetória do Museu da Farmácia. Destacamos aqui a falta de bibliografia específica sobre a história do referido museu.

O Museu da Farmácia será a instituição usada como referência para o preenchimento do roteiro para a elaboração do plano museológico. Desta forma, conhecer bem a instituição, como já mencionado, é o primeiro passo para que o preenchimento seja feito com eficiência.

#### **3.1 A Escola de Farmácia**

A Escola de Farmácia de Ouro Preto (EFAR) é hoje uma unidade integrada à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Porém, a sua história precede a desta última e se destaca na História da Educação no Brasil. Marco de um pioneirismo e um arroubo da Província Mineira, Godoy (2019) descreve a criação da Escola de Farmácia como uma "Ousadia nas montanhas". Em 04 de abril de 1839, era publicada a Lei nº 140, da Província de Minas Gerais (MINAS GERAIS; ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL, 1839, on-line), que continha 21 artigos e criava duas escolas de farmácia, sendo uma em Ouro Preto e a outra em São João del-Rei.

A trajetória da Escola de Farmácia em Ouro Preto é rodeada de fatos e histórias que tornam sua trajetória única. Já na sua criação, para que se pudesse iniciar as aulas, sem contar com prédio ou estrutura própria, as atividades foram vinculadas ao Colégio Ouro Preto, instituição de ensino criada no mesmo ano da Escola de Farmácia, porém, com o objetivo de oferecer melhores condições de formação para os jovens da província. A aula inaugural da Escola de Farmácia aconteceu no dia 07 de setembro de 1840 (GODOY, 2019, p.99).

A criação da Escola de Farmácia está estreitamente ligada a regulamentação da profissão de farmacêutico e, de acordo com a Lei nº 140, de 04 de abril de 1839 (MINAS GERAIS; ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL, 1839, on-line), seriam considerados farmacêuticos aqueles, mesmo os já estabelecidos, que frequentassem um ano de aulas em uma escola de farmácia, passassem nos exames e tivessem comprovados 02 anos de prática em uma farmácia legalmente estabelecida. Esta exigência criou dificuldades para os profissionais, assim, em 07 de abril de 1841, foi publicada a Resolução 208 (MINAS GERAIS; ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL, 1841, on-line), pela qual aqueles que comprovassem exercício constante da profissão, por seis anos, antes da Lei nº 140, de 04 de abril de 1839 (MINAS GERAIS; ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL, 1839, on-line), seriam dispensados dos exames (DIAS, 1989, p. 35-36).

Inicialmente as aulas da EFAR eram distribuídas em dois anos de aulas em que eram oferecidas quatro disciplinas “no 1º química e farmácia, regidas as cadeiras por Arieira, e no 2º matéria médica e botânica, regidas, por Cabral” (GODOY, 2019, p.67) e o aluno precisava durante este período realizar prática em uma farmácia da cidade. A primeira reformulação aconteceu com Joaquim Floriano de Godoy que, durante os anos de 1872 e 1873, foi o governador da Província de Minas Gerais.

No curto mandato em Minas Gerais, Floriano de Godoy teve como meta “[...] estimular o espírito público, e sem estorvar ou mistificar, secundemos as inspirações da época, fazendo pouco, mas bom e sensato [...]” e tornou efetiva a reestruturação do ensino na Província de forma inovadora... Já o regulamento nº65 da Instrução Pública, assinado em 16 de agosto do mesmo ano (1872), reorganizou o curso de Farmácia, que foi ampliado e dividido em 3 anos, com as seguintes disciplinas: 1º - Química e Botânica; 2º - Física e Mineralogia; 3º - Farmácia e Matéria Médica. (GODOY, 2019, p. 134)

Nesta reorganização foram montados os primeiros laboratórios de química e física e foi criado um jardim para o cultivo de plantas medicinais. As aulas foram transferidas para um novo prédio e outros professores foram contratados. Tais mudanças culminaram em uma nova dinâmica para a Escola de Farmácia que ganhou autonomia e força para sua sobrevivência.

Novas conquistas a ajudaram a se fortalecer. Mesmo ainda sem um prédio próprio, a estrutura acadêmica e administrativa da Escola de Farmácia começou a ganhar corpo e, em 1883, um novo regulamento estabeleceu que “[...] a Escola ficaria sob a direção e fiscalização de um Diretor, escolhido entre os professores e nomeado pelo Presidente da Província”

(GODOY, 2019, p.151), além de estruturar a congregação e possibilitar a contratação de um corpo administrativo, de secretários, porteiro e servente.

A Escola de Farmácia passou a receber muitos alunos. Da sua criação até 1889, aproximadamente, 669 alunos tinham sido diplomados, conforme dados encontrados em documentos do Museu de Farmácia, o que representava para o país novos profissionais de destaque que se espalharam por todo o território, possibilitando uma melhora na assistência à saúde.

Figura 1- Quadro de formandos da Escola de Farmácia em 1888.



Fonte: Acervo Museu da Farmácia (autor desconhecido, 1888)

A trajetória da Escola de Farmácia ganhou um novo capítulo junto com a Proclamação da República, em 1889. A EFAR funcionou em diversos prédios, onde não possuía estrutura, com os laboratórios precários, assim, muitas críticas eram feitas. Um grupo de alunos manifestou sua insatisfação em uma carta endereçada ao governador de Minas, em 05 de janeiro de 1891: “É para lastimar-se que a referida Escola além de não possuir edifício onde possa funcionar com o avultado número de alunos que conta, não tenha sequer um laboratório no qual possamos pôr em prática as teorias que aprendemos” (GODOY, 2019, p.187).

Figura 2- Cartaz da exposição temporária promovida pelo Museu da Farmácia em 2016 com a trajetória da EFAR nos prédios da cidade.



Fonte: Acervo Museu da Farmácia (2016)

Durante sua trajetória, a Escola de Farmácia passou pelos seguintes prédios, conforme a figura acima:

- De 1839 a 1842: Colégio Assunção, no Largo do Coimbra; hoje Pousada Mondego.
- De 1843 a 1849: Prédio no Largo Marília de Dirceu; hoje Clube XV de Novembro.

- De 1850 a 1853: Prédio no Bairro Antônio Dias; hoje Pousada Vila Rica.
- De 1845 a 1871: Liceu Mineiro, na Rua Getúlio Vargas; hoje Fundação de Artes e Ofício.
- De 1872 a 1876: Sobrado da Rua das Mercês; hoje Hostel Brumas.
- De 1876 a 1882: Prédio na Rua Diogo de Vasconcelos; hoje Prefeitura Municipal.
- De 1877 a 1893: Sobrado na Rua Conselheiro Santana; hoje Escola de Inglês Adriana Ienaco.
- De 1893 a 2013: Prédio da Rua Costa Sena; hoje Museu da Farmácia.
- Em 2013: Prédio Campus da UFOP.

Estes esforços, deram resultado e foi destinado à Escola de Farmácia um novo orçamento para a compra de materiais e de equipamentos. Além disto, na reestruturação da ocupação dos prédios da cidade por conta da mudança do regime, o então governador Antônio Augusto de Lima, como um de seus últimos atos, destinou para a instituição o prédio onde funcionou o Congresso do Estado.

Uma sede significava um encontro com um lar, com todo seu significado afetivo: além de pedra, cal, madeira e aço, suas paredes estariam impregnadas das alegrias, tristezas, esperanças, fracassos, conquistas e outros elementos que iriam configurar o seu papel de Alma Mater da Farmácia no Brasil. (GODOY, 2019, p.191).

É com este espírito que a EFAR se estabeleceu, as transformações acadêmicas ganharam destaque e novos laboratórios foram implementados. No novo currículo estabelecido pelo Decreto nº 600, de 02 de janeiro de 1893 (GODOY, 2019, p.192), a EFAR deveria ter os seguintes gabinetes e laboratórios: “Física Experimental, Fisiologia Experimental, Botânica e Zoologia, Matéria Médica, Química Inorgânica, Química Orgânica e Biológica, Química Analítica e Toxicologia, Anfiteatro de Anatomia e Oficina de Farmácia” (GODOY, 2019, p.192).

Este mesmo decreto trouxe uma mudança de grande importância na formação, com a possibilidade de obtenção do Diploma de Farmacêutico para quem fizesse o curso em três anos e o de Bacharel em Ciências Naturais e Farmacêuticas para quem cursasse o 4º ano e defendesse tese.

Foi neste prédio que a EFAR pode se estabelecer e ser uma instituição de referência no ensino. Aulas teóricas e práticas ganharam corpo e, em 1889, uma biblioteca foi criada.

Depois de 54 anos, em 1893, a EFAR teve a sua primeira solenidade de comemoração de aniversário, uma tradição que se estabelece até os dias atuais.

O prédio, ao longo dos anos, ganhou novas configurações. Em 1912, já contava com um anexo construído para abrigar laboratórios. Em 1920, ganhou uma ampliação no segundo andar para abrigar a Sala da Congregação e a Diretoria.

A virada de século trouxe novos desafios. Em 1908, em Ouro Preto, foi criado, por iniciativa dos professores da Escola de Farmácia, o Instituto Profissional Domingos Freire, que oferecia os cursos de Odontologia, Obstetrícia, além daqueles preparatórios. Segundo Godoy (2019), o curso de Obstetrícia durou 2 anos; o preparatório, 07 anos; e o de Odontologia foi anexado à Escola de Farmácia e encerrou suas atividades em 1927.

De acordo com os registros do Museu da Farmácia, o número de alunos formados até a segunda metade do século XX era de 1.765. Eles exerceram a profissão e foram agentes de mudança na saúde por todo o país, além de exercerem cargos políticos e de importância nos locais para os quais regressavam.

Os ex-alunos e professores da EFAR foram fundamentais na regulamentação da profissão farmacêutica e no desenvolvimento científico do país, visto que muitos estiveram adiante da criação de inúmeros estabelecimentos de ensino, como também da criação e do desenvolvimento de laboratórios, atuando ainda na indústria farmacêutica.

A gestão administrativa da EFAR sempre foi pautada em superar desafios, principalmente na obtenção de recursos, e uma solução buscada e conquistada foi aquela da federalização que foi conquistada em 1950.

Em 1950, a Escola de Farmácia de Ouro Preto regozijava-se por conseguir melhores perspectivas de vida, agora sob as asas do Governo Federal. [...] [...] Repetindo o que havia acontecido quando conseguiu sede própria, no final do século XIX, iniciou-se outro período tranqüilo e produtivo. A Escola se firmava como referência para a população, que a procurava para visitar a biblioteca e os laboratórios com equipamentos exóticos, bem como para identificar plantas e animais e fazer exames clínicos e toxicológicos. (GODOY, 2019, p.281).

Este novo fôlego orçamentário fez crescer o curso e a EFAR que, se adequando às novas possibilidades da profissão farmacêutica, incorporou no seu currículo novas disciplinas e pôde, assim, crescer estruturalmente. O prédio passou por uma ampla reforma, quando aconteceu a ampliação do segundo andar, e foi criado o Instituto Farmacêutico e Bioquímico (DIAS, 1989, p. 51), local que passou a ser referência na cidade de Ouro Preto, em razão dos serviços prestados por meio do Laboratório Piloto de Análises Clínicas (LAPAC) que está, até hoje, em funcionamento no anexo construído no mesmo período.

Em meio a este crescimento e ao seu fortalecimento, a EFAR se deparou com um novo capítulo de sua história e, de acordo com Godoy (2019), em 1968, o regime militar promoveu a reforma universitária e a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 (BRASIL, 1968, on-line), determinou que os estabelecimentos de ensino isolados deveriam ser incorporados às universidades existentes ou se juntarem a outros estabelecimentos. Naquele momento havia duas opções: a EFAR ser transferida para a então Capital Mineira e se vincular à Universidade Federal de Minas Gerais ou ser criada, na cidade de Ouro Preto, uma universidade a partir das duas escolas autônomas ali existentes.

Nesta prerrogativa, foi criada uma comissão mista, com representantes da Escola de Farmácia e da Escola de Minas, e foi iniciado o movimento para a criação da Universidade Federal de Ouro Preto. Assim, em 21 de agosto de 1969, foi criada, pelo Decreto-lei nº 778 (BRASIL, 1969, on-line), a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

A EFAR deixou de ser autônoma e passou a integrar a UFOP e, nos 50 anos de vínculo com a universidade, tem continuado a crescer e a ser referência no Ensino Superior de Farmácia. Para continuar a trilhar este caminho de sucesso, em 2013, foram concluídas as obras de um novo prédio, no Campus Morro do Cruzeiro, para onde as atividades acadêmicas e administrativas da EFAR foram transferidas. Assim, o prédio que a abrigou por 120 anos, passou a ser ocupado pelo Museu da Farmácia, que ganhou força e espaço.

### **3.2 O Museu da Farmácia**

Como é possível perceber, ao longo da trajetória da Escola de Farmácia, a federalização, ocorrida na década de 1960, foi grande impulsionadora para o desenvolvimento da instituição e é nesse contexto que surgiu o Museu da Farmácia (MF).

Na época (1966), o Diretor Vicente Ellena Trópia adquiriu do antiquário Isaac Babsky, o mobiliário pertencente à antiga Farmácia Magalhães, que funcionou em Ouro Preto no final do século XIX. O proprietário foi o farmacêutico Antônio de Magalhães Gomes, formado na Escola em 1870 e pai do ex-diretor da escola, Alberto de Magalhães Gomes. Esse equipamento foi adaptado a uma pequena sala e reproduzia parte do ambiente original: uma balastrada separava um espaço com armários de madeira contendo potes de faiança com nomes de matérias-primas e medicamentos antigos. A maioria dos potes foi proveniente da Farmácia Magalhães; outros contendo reagentes químicos, drogas e extratos, vieram da antiga Farmácia da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto, da antiga Farmácia do ex-Professor Horácio dos Santos. Ao local foi dado o nome de Museu da Escola de Farmácia, que era aberto por ocasião das festividades de comemoração do aniversário da escola e para poucos visitantes atraídos pela menção a “museu” em alguns guias de turismo da cidade. A chave ficava na portaria sendo o próprio porteiro encarregado de acompanhar os visitantes. (GODOY, 2019, p.295)

A história do Museu da Farmácia possui uma grande lacuna e em publicações esta é uma das poucas referências. Tendo como base esta citação de Godoy (2019) e sabendo que a gestão do Professor Vicente Ellena Trópia, como diretor, foi entre os anos de 1966 e 1970 (DIAS, 1989, p.84), realizamos uma busca nos documentos do período e pudemos estabelecer a data de abertura oficial do Museu da Farmácia, no dia 04 de abril de 1968, nas comemorações de 129 anos da Escola de Farmácia.

No Relatório de Gestão do ano 1968 (Arquivo histórico do Museu da Farmácia) enviado à Diretora do Ensino Superior, Dra. Elsa Nogueira Gomide, do Ministério da Educação e Cultura, no Capítulo II – Administração e Diretoria–, na página 8, há a seguinte descrição do Museu da Farmácia e de uma Farmácia Exposição nas dependências da EFAR:

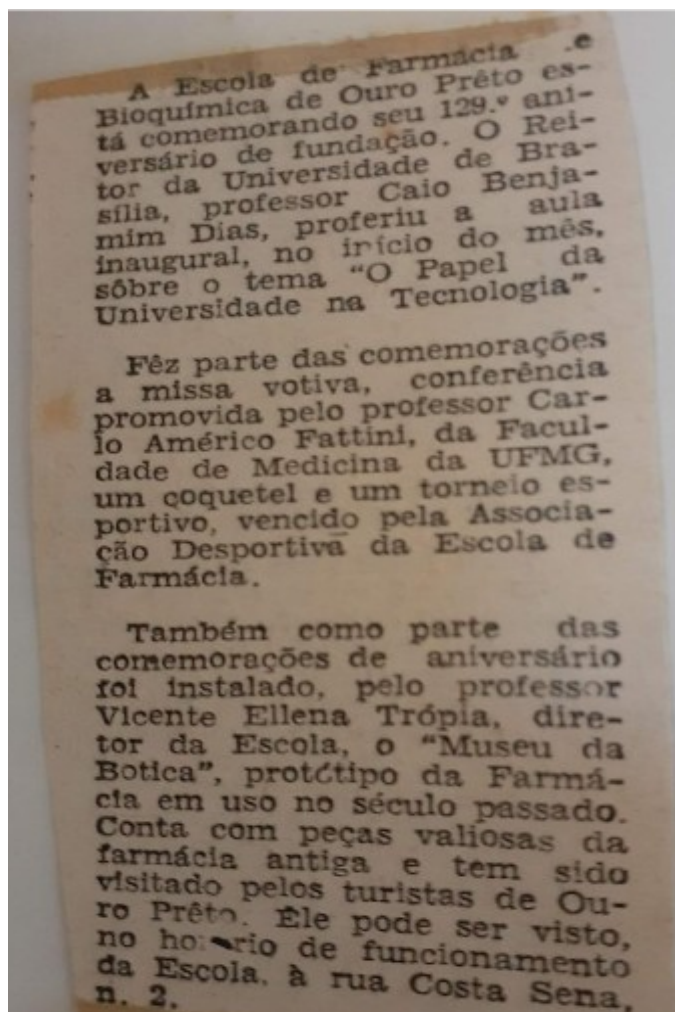
MUSEU FARMÁCIA - foi organizada, com móveis, peças, aparelhos e utensílios constantes do acervo da Escola, uma belíssima Farmácia Museu, protótipo de uma Farmácia do século XVIII, a qual constitui um ponto de atração para todos quantos a visitam.

FARMÁCIA EXPOSIÇÃO – Foi organizada, no Saguão de entrada da Escolas, dois grandes armários de Pinho de Riga, uma Farmácia Exposição, contendo grande quantidade de medicamentos doados pelas Indústrias Farmacêuticas do País. A Literatura daqueles medicamentos encontra-se catalogada na Biblioteca da Escola, à disposição de todos os interessados. A montagem desta Farmácia tem por finalidade colocar os alunos em permanente contato com os produtos farmacêuticos, sua forma, fórmula e preparação.” (Relatório de Gestão, 1968. p.8)

Podemos entender que a criação do Museu da Farmácia não foi um ato isolado, mas que teve repercussão e influência mais ampla, incluindo a cidade de Ouro Preto e o seu contexto político e cultural.

Em um recorte do Jornal Estado de Minas, edição de 21 de abril de 1968, encontrado no aArquivo Histórico, o Museu é nomeado como “Museu da Botica” e dá destaque para as peças ali expostas.

Figura 3- Recorte de Jornal Estado de Minas. Edição de 21 de abril de 1968.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia (1968)

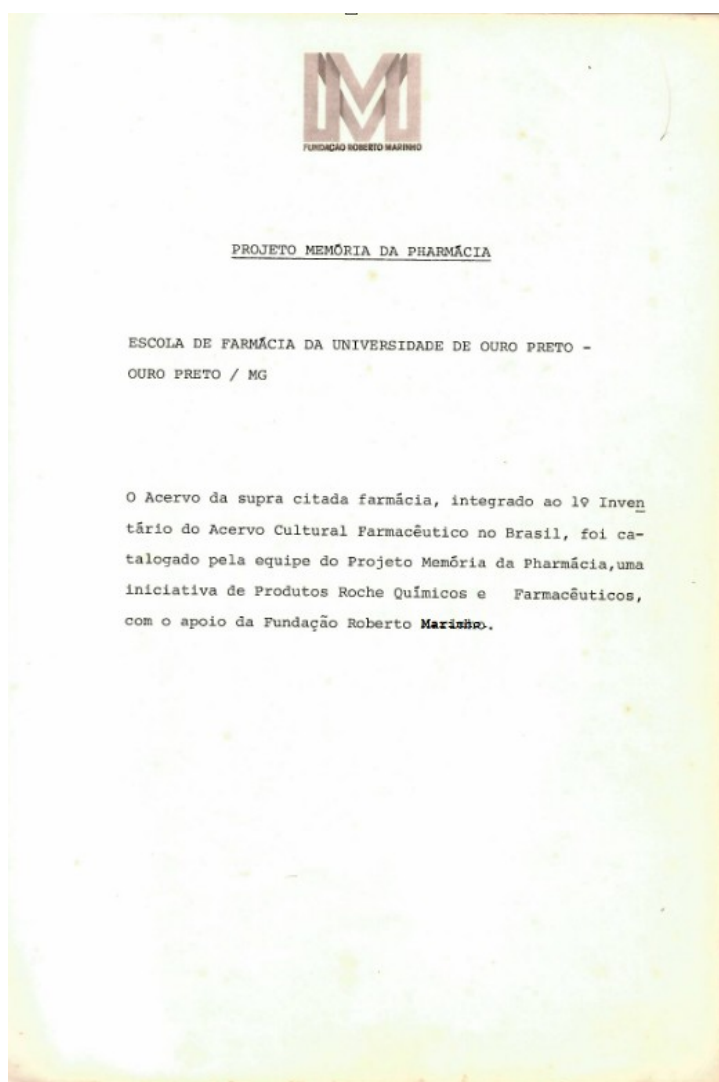
Nos documentos do ano de 1969, conseguimos encontrar um intitulado "Uma Escola Moderna em uma Velha Cidade" em que há um longo trecho falando do Museu da Farmácia e de seus objetivos. Nele percebemos a importância deste acervo, já em 1969, para a história da profissão farmacêutica.

O acervo documental do Museu da Farmácia ainda está em processo de organização, o que dificulta a pesquisa. Desta forma, não foi possível continuar a busca, ano a ano, por referências a ele. Optamos por analisar aqui documentos que referenciam momentos-chave, e que já haviam sido separados em outras oportunidades, os quais ajudaram a compreender a história da instituição. Estabelecida a data de criação do MF, sabemos que ele se manteve montado em uma sala e podia ser visitado, principalmente pelos alunos, professores e autoridades.

Em 1981, a Fundação Roberto Marinho foi responsável pela realização do 1º Inventário do Acervo Cultural Farmacêutico no Brasil e o acervo da Escola de Farmácia – Museu da Farmácia de Ouro Preto integrou este inventário. Do resultado deste trabalho, há no MF um catálogo completo, com cópia das fichas e relações dos acervos levantados.

Nos acervos listados, são relacionados mobiliários, frascos, potes, equipamentos farmacêuticos e uma grande relação de livros. As fichas utilizadas possuem campos de informação como a identificação, as características, a descrição, entre outras informações que podem contribuir no processo de identificação e preservação do acervo.

Figura 4- Página do Catálogo da Fundação Roberto Marinho.



Museu

Acervo do

Os trabalhos referentes ao acervo do Museu da Farmácia foram sempre constantes, mesmo nos momentos em que não houve abertura ao público. Em 1986, houve uma iniciativa

em transformar a exposição em um Museu Histórico e Didático, assim, o projeto seria uma cooperação institucional e seria realizado em parceria com o Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) e com o Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, porém, não chegou a ser executado.

Entre os anos de 1991 e 1993, um projeto foi organizado e desenvolvido pelo Professor Doutor Ronald Polito, do Departamento de História. Este projeto previa ações de preservação, conservação e de organização de diferentes tipologias de acervos. Teve como resultado uma exposição, nas comemorações do 153º aniversário da EF. Neste trabalho, as principais ações desenvolvidas foram o diagnóstico do estado de conservação do acervo bibliográfico e de desinfestação do acervo museológico.

Podemos perceber que as ações sempre aconteceram e, apesar de a visitação pública não acontecer de forma contínua, a preservação do acervo e da história sempre esteve presente. O MF teve a sua primeira comissão instituída em 1995, o que fortaleceu as ações e culminou no trabalho realizado em 1998, onde foi organizado, pelos Professores Doutores Carlos Eduardo Lisboa e Victor Vieira de Godoy, como também pela Farmacêutica Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres, um documento que se encontra nos arquivos do MF, o qual foi intitulado "Organização da Memória da Escola de Pharmacia de Ouro Preto" (1998)

Este documento nos apresentou três frentes de atuação da instituição, sendo elas o arquivo, o acervo bibliográfico e o MF, que tinham os seguintes objetivos:

- Promover a democratização do conhecimento.
- Buscar a integração entre educação, cultura, lazer e turismo.
- Estimular a atitude preservacionista da população visando conservar e promover seu patrimônio.
- Desenvolver atividades técnico-científicas, como o preparo de coleções, a classificação e a documentação de elementos, a pesquisa de objetos e os métodos de conservação, restauração e armazenamento.
- Contribuir para a instrumentalização e a capacitação de quadros técnicos locais.
- Planejar e desenvolver exposições permanentes e temporárias.
- Promover intercâmbio com escolas e outras instituições congêneres.
- Facilitar a informação e a documentação necessárias para a pesquisa histórica. (LISBOA, 1998)

Um documento ambicioso para o ano já previa a ocupação de todo o prédio por exposições, reservas técnicas, acervo, biblioteca e arquivo. O planejamento proposto se dividia em 5 fases, até que houvesse a ocupação total do prédio, prevendo um trabalho de longo prazo, envolvendo profissionais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

A primeira fase executada foi a organização da “mostra permanente sobre o ensino e prática profissional de Farmácia em Ouro Preto, no final do século XIX e início do século XX” (LISBOA, 1998). Além do mobiliário da Farmácia Magalhães e dos acervos levantados pela Fundação Roberto Marinho, outros acervos foram recolhidos pela EF. Entraram nesta exposição: mobiliário, equipamentos de ensino de física, química e biologia, moldes anatômicos, animais taxidermizados, vidrarias, medicamentos, quadros e outros acervos que foram coletados principalmente nos laboratórios.

O documento previa uma proposta educacional que teria como fio condutor a fabricação de um medicamento, partindo da identificação da matéria-prima até o produto final. A metodologia proposta continha um exemplo que possibilitava entender o quão rico esta ação seria e dela se ramificaram outras ações, tais como seminários, palestras, cursos e uma parceria com outro projeto existente na cidade, que era desenvolvido pelo Museu da Inconfidência, o Projeto Ludomuseu.

A recepção da EF passou a ser a entrada do MF e foi adequada para receber o visitante, sendo incluídos um balcão e um guarda-volume. Devido ao espaço reduzido, ficou definido que o MF receberia um número de até 10 visitantes por vez. Nesta configuração, nas comemorações do aniversário, em 04 de abril de 1998, a exposição foi aberta à visitação.

Neste período houve uma prévia organização do acervo bibliográfico que, segundo o documento, seria composto por 3000 livros, parcialmente inventariados e acondicionados nas estantes, que remetiam à primeira configuração da Biblioteca da EF.

A Escola de Farmácia, além de ser a unidade mais antiga da UFOP, se destaca por ser um local de acolhimento para outros cursos que foram sendo criados e é com este espírito acolhedor que, em 2008, passou a receber as aulas do Curso de Museologia.

O Curso de Museologia da UFOP foi criado no cerne do Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI), sendo o primeiro do Brasil com funcionamento noturno. Tem como laboratórios de atuação os Museus ligados à UFOP, sendo fundamental para o desenvolvimento destas instituições, prova disto é que, em 2008, o Museu da Farmácia estava recebendo apenas visitas agendadas, mas o início do curso abriu portas para que um trabalho de manutenção da exposição, de pesquisas sobre o acervo e de reestruturação para a abertura do referido museu fossem iniciados

O MF ganhou novos ares com o desenvolvimento de atividades internas e, em 2010, unificando esforços e contando com o apoio da Reitoria da UFOP e de diversos profissionais da área museológica em Ouro Preto, foi formada uma comissão que teve como objetivo principal abrir, permanentemente, o MF à visitação pública.

A partir daí, foram desencadeadas ações sistemáticas de conservação e de proteção dos acervos, com melhorias na disposição da exposição, no inventário, na restauração do acervo, com a criação de um projeto arquitetônico e a contratação de pessoal para gerir e receber os visitantes.

Dessa forma, e após anos fechado à visitação pública, em 4 de abril de 2011 – data em que também se comemorou o 172º aniversário da Escola de Farmácia – o MF foi reaberto, oferecendo a Ouro Preto mais um museu para seu circuito cultural e educativo. Neste ano, foi aprovado, pela Resolução Cuni 1.284, de 21 de novembro de 2011, o regimento interno do Museu.

O MF passou a ganhar espaço no interior do prédio que estava em processo de desocupação pela EFAR. Em 2013, todas as atividades acadêmicas e administrativas da Escola de Farmácia foram transferidas para as novas e modernas instalações no Campus do Morro do Cruzeiro e o MF passa a ocupar todo o edifício.

A ocupação do Prédio aconteceu de forma sistemática e as adequações vêm ocorrendo nos últimos anos. Entre os anos de 2013 e 2019, o MF ampliou suas atividades, passou a funcionar de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h, para atividades internas, e das 13h às 17h, para visitação com entrada gratuita.

A coleção do museu vem sendo ampliada com a transferência de itens, proporcionada por uma busca ativa nos laboratórios e grande parte dos modelos de ensino, equipamentos científicos e vidrarias, que foram sendo usados e modernizados, ao longo dos anos, e passaram a integrar o acervo do MF. Outras unidades da UFOP passaram a enviar acervos históricos, como foi o caso dos modelos de ensino de anatomia humana que se encontravam no Laboratório de Anatomia da Escola de Medicina e que foram transferidos para o MF em 2018.

Em 2015, foi realizado o concurso para museólogo na UFOP e, no mesmo ano, a primeira nomeação de um profissional técnico que foi lotado no MF. As atividades passaram a ser ampliadas por dois Projetos de Extensão que vêm acontecendo de forma contínua no MF, desde 2016, e que têm possibilitado a ampla divulgação da coleção e o desenvolvimento de ações educativas.

Em 2016, o setor educativo do MF ganhou um espaço físico próprio, um antigo laboratório com bancadas e pias, onde as atividades podem ser desenvolvidas com o público infanto-juvenil que lá visita. Além disso, foram estabelecidas parcerias com as escolas da rede de ensino do município de Ouro Preto, o que resultou em diversas atividades que foram desenvolvidas com crianças de 04 a 12 anos.

A coleção passou a receber acervos doados por ex-alunos e que são referência na história do ensino e da profissão farmacêutica. Uma grande doação recebida foi o mobiliário e os materiais de uso da Farmácia Central, estabelecimento que funcionou em Ouro Preto de 1910 até o ano de 2016.

O MF se estabeleceu como um local de referência para estudantes da UFOP e passou a receber alunos nos estágios obrigatórios. Além disso, suas coleções passaram a ser temas de artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e local de pesquisa para projetos de doutorado e pós-doutorado.

Em 2018, foi solicitada à Diretoria da Escola de Farmácia, unidade a qual o MF está vinculado, a cessão de uma parte do MF para que fosse recebida e instalada a Biblioteca do Instituto de Filosofia da UFOP. Para que isto acontecesse, duas exposições que estavam abertas à visitação tiveram que ser desmontadas e foram realizadas adequações. Há uma expectativa que este espaço seja ocupado de forma temporária.

O ano de 2020 iniciou com muitas expectativas para o museu, com reformas e pinturas externa e interna do prédio. Porém, em decorrência da pandemia da covid-19, as obras e as atividades foram suspensas, até que fossem estabelecidos protocolos de trabalho.

No início de 2021, seriam retomadas as obras de pintura, as quais foram iniciadas em 2020. Porém, antes que isto acontecesse, uma nova obra foi começada. A UFOP está realizando, em 07 prédios da instituição, as adequações de acessibilidade e de implementação de projetos de combate a incêndio e, entre os prédios selecionados, está aquele do MF. Desta forma, nos anos de 2021 e 2022, período de realização e de conclusão desta pesquisa, o prédio está passando por obras que foram ampliadas além das já iniciadas em 2020.

#### 4 ROTEIRO PARA A DIAGNÓSTICO DO PLANO MUSEOLÓGICO.

Neste capítulo detalharemos como foi construída a ferramenta facilitadora para a construção de um plano museológico. O roteiro poderá ser usado na pré-elaboração de um plano museológico e é um documento voltado para os museus universitários. Usamos o Museu da Farmácia como laboratório de aplicação para o preenchimento e buscamos, com isso, sanar as questões que poderiam aparecer ao longo do caminho. Construído este documento, ele será disponibilizado em pdf e no *site*<[www.livrosdigitais.org.br](http://www.livrosdigitais.org.br)> no formato de um *e-book* gratuito.

Para a primeira parte deste roteiro, buscamos elaborar textos curtos que tratassem dos pontos principais de maneira simples e que pudessem ser compreendidos por um grupo de trabalho multidisciplinar. Este será o primeiro contato da equipe formada com os conceitos do plano museológico. Foram elencados os seguintes pontos:

- O que é plano museológico? Neste tópico, foram feitas uma breve caracterização e a indicação da legislação e da bibliografia de referência.
- Etapa I: caracterização, planejamento conceitual e diagnóstico.
- Etapa II: – programas.

O plano museológico é um documento complexo e deve ser construído no cerne de um processo mais amplo. Os museus universitários, assim como as demais instituições, precisam realizar esta construção e este processo envolve diversos atores. Pensando nisso, criamos a segunda parte do roteiro que busca viabilizar a construção de um documento que poderá ser utilizado como base para a criação do plano museológico.

Sugerimos que este roteiro seja preenchido pelo atual gestor do museu considerando-se também o apoio de uma equipe direta de funcionários e colaboradores. Este roteiro não é o plano museológico, mas um instrumento que auxiliará na construção desta ferramenta fundamental na gestão das instituições.

Após o preenchimento do roteiro, ele poderá ser apresentado à instância superior da instituição – Reitoria ou Conselho Superior, a depender do organograma institucional quanto aos processos para a criação de comissões – para que possa ser instituído um grupo de trabalho envolvendo diversos setores com o intuito de desenvolver o documento final que é o plano museológico.

## 4.1 Roteiro

Após conhecer os conceitos e bibliografias existentes, o próximo passo é a configuração do documento que será a base para a construção do plano, documento este que deverá possuir uma estrutura similar ao plano e que norteará os trabalhos a partir deste ponto. Como este será o documento a ser entregue à gestão, a primeira parte deverá conter uma introdução que deverá trazer uma breve descrição do que seja o plano museológico e a sugestão de um grupo de trabalho.

Este roteiro será a base para a construção do plano museológico, por isto, ter aqui indicadas quais as representações possíveis, considerando a estrutura da universidade, facilitará a construção do documento final. A partir da consulta feita ao organograma de algumas instituições federais, sugerimos um grupo de trabalho que tenha pelo menos os seguintes representantes:

- Pessoas ligadas diretamente ao museu: corpo técnico, pesquisadores e colaboradores. Caso o museu tenha algum documento vigente, como um estatuto, um regimento ou outro similar, consultar se há algum conselho ativo, pois, caso exista, ele também deverá integrar o grupo de trabalho.
- Um representante da Pró-Reitoria de Administração ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Um representante da Pró-Reitoria de Extensão ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Um representante da Pró-Reitoria de Graduação ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Um representante da Pró-Reitoria de Pesquisa ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Um representante da Pró-Reitoria de Pós-Graduação ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Um representante da Pró-Reitoria de Orçamento e Planejamento ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Um representante da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas ou órgão similar da universidade a qual o museu está inserido.
- Representantes dos Centros Acadêmicos ligados à área de atuação do museu, como dos cursos de Museologia, História, Educação e outros.

Os museus universitários estão inseridos em uma estrutura mais complexa que é a universidade, que possui uma série de políticas e governança próprias. Desta forma, é preciso que este grupo seja formado por atores que compreendam e possam contribuir para os planejamentos de curto, médio e longo prazos das instituições museológicas. O grupo sugerido pode ser alterado, de acordo com as necessidades locais, e pode ser ampliado a qualquer momento.

Para que o trabalho deste grupo tenha reconhecimento, deve ser estudada junto à administração da instituição uma ferramenta que legitime e convoque os representantes deste grupo, garantindo a presença e a participação de membros com poder de decisão para que seja construído um documento com metas viáveis e objetivas.

## **4.2 Etapa I – caracterização, planejamento conceitual e diagnóstico**

A Etapa I foi subdividida em caracterização, planejamento conceitual e diagnóstico. Para cada um destes pontos, foram usadas metodologias e justificativas distintas.

### 4.2.1 Caracterização

A caracterização permite conhecer a instituição e, para isso, é necessário que ela contenha: um histórico da instituição a qual o museu está ligado; um histórico do museu em questão; um histórico do prédio; e quais as linhas de atuação do museu.

Os históricos devem ser completos e precisos, pois servirão de referência para que seja traçada a cronologia de acontecimentos que contribuíram para a formação do museu e para o surgimento das coleções, entre outros pontos que ajudarão a compor os programas. Para estes históricos, podem ser utilizadas as mais diversas fontes, como bibliografias, arquivos, entrevistas e outras que contribuam para entender melhor a instituição a ser retratada.

#### *4.2.1.1 Histórico da instituição*

Sugerimos que seja construído um texto em que devam ser contempladas as seguintes perguntas:

- Quais as fontes utilizadas para que se conheça melhor a instituição e o museu?
- Quando a instituição surgiu?

- O museu e a instituição mantenedora surgiram juntas?
- Se não, como foi a trajetória de cada uma destas instâncias e quando estas trajetórias se encontram?
- Destaque os fatos de importância que possam ter contribuído para a constituição do acervo, como o processo de aquisição, a passagem e a presença de pessoas de relevância, a montagem de laboratórios, entre outros.

#### *4.2.1.2 Histórico do prédio*

Quanto ao prédio onde o museu está localizado, deverão ser inseridas as informações que contextualizam o histórico do edifício, contendo fotografias e como é a ocupação atual, com as plantas baixas acompanhadas de uma descrição. Devem ser contempladas as seguintes questões:

- O prédio foi construído para abrigar o museu?
- Se sim, apresente plantas, projetos e documentos relativos a esta construção
- Se não, qual o histórico da edificação? Para que foi construída inicialmente?
- O que funcionou nela antes do museu, no caso de a edificação não ter sido construída exclusivamente para este fim?
- Existiram mudanças estruturais durante a ocupação do espaço pelo museu?
- Hoje ela é ocupada exclusivamente pelo museu ou é compartilhada com outras atividades?

#### *4.2.1.3 Linhas de atuação*

Ainda na caracterização quanto à atuação do museu, devem ser levantadas as atividades contendo uma breve descrição daquilo que é desenvolvido na instituição, ou seja, quais são as linhas de atuação e os fatores relevantes existentes. Construa um texto buscando responder às seguintes questões:

- Quais as atividades desenvolvidas pelo museu?
- Quais as linhas de atuação (pesquisa, conservação, documentação, educação)?
- Quais projetos de ensino, pesquisa e extensão estão acontecendo no momento do diagnóstico?

Este diagnóstico será a base do documento, porém, cada programa deverá ter o seu diagnóstico podendo recorrer a este, de caráter mais geral, sendo incluídas as informações específicas.

#### 4.2.2 Planejamento conceitual

O Planejamento conceitual é a definição da missão, da visão e dos valores ou objetivos. A missão é o propósito do museu, ou seja, ela descreve o porquê de sua existência. A visão é aquilo que o museu deseja para o seu próprio futuro. E os valores ou objetivos completam as bases de trabalho e refletem os princípios a serem seguidos.

Trazemos a seguir alguns exemplos tendo como material de análise planos estabelecidos por museus universitários. Foi possível observar que nem todos os documentos construídos por outras instituições contemplavam as três definições aqui propostas, porém, como o indicado é que o plano seja revisado periodicamente, podemos entender que, em outras versões do referido documento, estas definições possam aparecer.

##### MISSÃO INSTITUCIONAL

Atuar em favor da preservação, pesquisa, comunicação e valorização do patrimônio arqueológico e etnológico brasileiro, com foco no litoral catarinense, promovendo o amplo acesso e difusão do conhecimento gerado na Universidade Federal de Santa Catarina nas áreas de Arqueologia, Etnologia e Museologia.

Objetivos:

- Preservar, valorizar e comunicar o acervo sob sua guarda;
- Realizar pesquisas, produzir documentação e promover a circulação do conhecimento para fins de ensino, pesquisa e extensão;
- Apoiar as atividades de ensino de graduação e pós-graduação;
- Promover e apoiar a pesquisa nas suas áreas de competência;
- Manter intercâmbio científico e cultural com instituições congêneres;
- Promover a formação e especialização de recursos humanos nas áreas de Antropologia, Arqueologia e Museologia (Plano Museológico do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Rodrigues Cabral, 2016, p.12)

##### MISSÃO

Promover a valorização do patrimônio natural e cultural, com ênfase no litoral do Rio Grande do Sul, de modo a sensibilizar a sociedade para sua sustentabilidade e qualidade de vida, bem como para a preservação da biodiversidade, a partir da exposição e pesquisa de seu acervo e de um programa de ações educativas (Plano Museológico do Museu de Ciências Naturais CECLIMAR, UFRGS, 2022, p.9)

##### 1.4 Missão, Visão e Vocação

Missão: Promover o conhecimento e a reflexão sobre a História Natural e seus paradigmas contemporâneos como o meio ambiente, a biodiversidade e a geodiversidade, em particular do território de Minas Gerais, numa perspectiva que privilegie a preservação, pesquisa, ensino, comunicação e dinamização do patrimônio museológico cultural e natural, assegurando o acesso democrático ao Museu de História Natural e Jardim Botânico, e a visitação do público ao seu patrimônio museal.

Visão: Consolidar a posição de referência nacional e internacional como museu e jardim botânico considerando-os espaços de pesquisa interdisciplinar, ensino e comunicação científica, atuando de forma integrada na promoção da educação e cidadania.

Vocação: Apresentar-se como uma estrutura museal viva e dinâmica devendo ser entendido como um local de pesquisa, ensino, extensão, cultura e lazer, mantendo uma ligação com estudantes, pesquisadores, comunidade e sociedade em geral, além de promover o desenvolvimento de parcerias de 16 institucionais com os diversos segmentos universitários e agentes sociais locais, nacionais e internacionais, interessados na temática da História Natural e áreas afins. (Plano Museológico dos museus de História Natural e Jardim Botânico da UFMG,2015,p.17-18)”

Sugerimos a seguir algumas questões para ajudar a construir estes três conceitos.

A missão compreende um texto curto no qual o propósito do museu. Busca contemplar as seguintes questões:

- Por que o museu existe? Qual o seu propósito?
- O que ele busca transmitir para o público?
- Qual o seu diferencial?

A visão é aquilo que o museu tem como objetivo para um período determinado.

Busca contemplar as seguintes questões:

- Onde o museu quer estar nos próximos três ou cinco anos?
- Como isto pode ser atingido?

Uma vez definida a missão (quem o museu é) e a visão (aonde ele quer chegar), é preciso definir como isso será feito, ou seja, de quais valores ou objetivos o museu não pode abrir mão. Eles devem ser claros e alcançáveis, assim:

- Liste por quais valores o museu deseja ser conhecido.

#### 4.2.3 Diagnóstico institucional

Para o diagnóstico institucional, depois de refletir sobre as necessidades do museu, propomos, como na publicação do IBRAM (2016), “Subsídios para a Elaboração do Plano Museológico”, a análise de: *SWOT* – *strengths* (forças); *weaknesses* (fraquezas); *opportunities* (oportunidades) e *threats* (ameaças) ou a análise FOFA, como encontramos em algumas referências sobre o tema.

Trata-se de uma ferramenta da administração que será aplicada à realidade de uma instituição museológica, por este motivo, ela poderá ser complementada por outras fontes, para uma melhor análise da instituição, tais como entrevistas, questionários e pesquisas, sendo tais fontes determinadas de acordo com a necessidade.

Esta análise deverá ser dividida em “interna” e “externa”, desta forma, propomos algumas questões que nortearão este momento:

Em relação aos fatores internos, considerar: esta deve ser uma análise focada nos recursos, nas competências e na cultura institucional e deverá ser revista após a finalização dos programas, já que estes contribuirão para o diagnóstico. Considerando a estrutura dos museus universitários, estes fatores devem ser relacionados a este tipo de instituição.

Quanto às forças, levar em consideração: quais os pontos positivos da instituição? Torna-se importante analisar as questões que sejam o diferencial da instituição, relativas ao funcionamento desta, destacando as qualidades e os pontos positivos quanto ao acervo (exemplos: peças de destaque; diferencial em relação a outras instituições de mesma tipologia; raridade), à equipe (exemplos: quantidade suficiente; qualificação para desenvolver o acervo e o museu), à edificação (exemplos: localização – se em prédio próprio ou compartilhado – e, se compartilhado, quais benefícios há e se o local possui estrutura suficiente) e à administração (no caso de um museu universitário, deve-se fazer a análise apontando se ele é reconhecido pelo gestor, se está na estrutura da instituição mantenedora, se há destinação de recurso pela administração e se há políticas internas da universidade para o museu que lá está sediado).

No que concerne às oportunidades, levar em conta: o que está acontecendo no momento atual, de feitura do documento, e que tem o potencial de tornar a instituição mais consolidada? Para desenvolver este tópico, utilize referências concretas, tais como: as obras em andamento; as ações administrativas voltadas para o museu pela administração superior ou pelos setores administrativos, como reitorias e diretorias; as parcerias que estão em processo de serem firmadas; os projetos de curto e médio prazos já estabelecidos; e se há outros museus ligados à universidade que possam ser acionados para a criação de políticas.

No tocante às fraquezas, registrar: quais fatores precisam ser melhorados na instituição? Caso sejam pontos fracos, mas que não colocam em risco o funcionamento e o trabalho que está sendo desenvolvido, trabalhe em contraponto com as forças. Exemplos: equipe existente, mas insuficiente; ausência de qualificação da equipe; ausência de rotinas de manutenção do edifício; ausência de recurso destinado pela administração superior – se o prédio é compartilhado, mencionar se esta realidade impacta negativamente o funcionamento e o acesso. Ainda sobre as fraquezas, considerar: fazer a análise dos fatores que podem ser trabalhados no sentido de facilitar a relação e o reconhecimento da instituição pela comunidade, tais como a melhoria da sinalização no entorno; pensar quais sejam as

possibilidades de divulgação em locais estratégicos; e se há acessibilidade, pois a não existência desta impossibilitaria o acesso ao museu por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Acerca das ameaças, descrever, segundo o que segue: aqui é o momento de analisar a respeito de quais sejam os fatores de risco em relação aos quais a instituição está exposta, fatores estes que podem comprometer a integridade e existência do museu. Exemplos: problemas na estrutura do prédio, sejam eles elétricos e/ou estruturais; questões com o acervo, como infestações ou outros; ausência de segurança; ausência de normas de acesso; problemas administrativos, como a inexistência no organograma institucional, invisibilidade do museu pela comunidade acadêmica; inexistência de documentos de regulamentação; aposentadoria de professores ou técnicos responsáveis pelo museu sem que haja renovação do quadro de pessoal, mudança de gestores, sejam eles diretores ou reitores, por pessoas que desconhecem ou podem interferir negativamente no funcionamento e na existência do museu.

Sobre os fatores externos, fazer apontamentos segundo o que segue: para esta análise, deverão ser considerados o ambiente externo em que a instituição está inserida, ou seja, como os fatores relacionados a ele impactam positiva ou negativamente nas atividades do museu. Devem ser analisados os fatores que impactam apenas sobre a instituição e aqueles que são comuns às instituições locais e que não sejam ligados à universidade mantenedora.

No tocante às forças, considerar: qual a relação da instituição com o ambiente externo, como também deste ambiente com a instituição? O museu participa de grupos, comitês, conselhos ou outros órgãos externos? O prédio é de fácil acesso? Há um reconhecimento do prédio pela comunidade?

No que diz respeito às oportunidades, pautar: torna-se importante fazer uma análise dos fatores externos que podem beneficiar a instituição, como a existência de editais externos que o museu possa acessar, também a possibilidade de parcerias com outras instituições locais, como com museus da prefeitura, do estado e de outras instituições de ensino. Por fim, sobre as ameaças: fazer a análise dos fatores que podem comprometer o funcionamento e a existência da instituição, tais como: a mudança de governo, o qual possua relação direta com a gestão da universidade; a proposição de políticas que impactam a gestão da instituição mantenedora; a concorrência local; e a ausência de políticas e de editais afins.

### 4.3 Etapa II - Programas

Chegamos aos programas. Eles são as estratégias para fazer valer o que foi definido na missão, na visão e nos valores ou objetivos. Os programas estarão relacionados às áreas de funcionamento do museu e, de acordo com a sua singularidade, poderão ser agrupados a partir da necessidade. Segundo Trindade (2010, p.10), “cada programa é formado por projetos, e estes, por sua vez, por ações”.

Se compararmos o museu a uma máquina, os programas serão as engrenagens que precisam estar alinhadas e orientadas. Assim, um projeto pode pertencer a mais de um programa, possuindo ações específicas e complementares.

Sugerimos uma estrutura padrão, onde a instituição construa um texto diagnóstico que contenha:

- O diagnóstico da situação institucional relacionado à área indicada.
- Sugestão de projetos a serem desenvolvidos. Na elaboração posterior do documento do plano, este item deve ser mais bem trabalhado pelo grupo de trabalho. Na publicação “Subsídios para a elaboração de Plano Museológico” do IBRAM (2016), há um capítulo inteiro que detalha qual deva ser a estrutura destes projetos, indicando que eles devem possuir início, meio e fim, com os prazos e os resultados esperados.

#### 4.3.1 Diagnóstico institucional

Servirá para a construção do programa institucional, que é considerado um dos mais importantes, pois servirá de base para os outros. De acordo com o Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013 (BRASIL, 2013), o programa institucional abrange a gestão técnica, a gestão administrativa e a gestão de relações institucionais do museu.

O objetivo deste programa é mapear os tipos de gestão aos quais o museu está inserido, sendo que devem ser considerados os fatores que seguem, a saber: gestão administrativa, gestão técnica; e gestão das relações institucionais.

A gestão administrativa que é onde devem ser levados em conta: a segurança; o planejamento; o orçamento e a finança; a logística; a administração de contratos; a tecnologia da informação; a gestão de pessoas; e o jurídico. Para os museus universitários, devemos ter em mente que grande parte destas ações estará ligada a uma instância administrativa superior e a setores que possuem uma demanda mais ampla e, na maioria das vezes, estará

desvinculada da gestão do museu. Ter isso claro no planejamento das ações facilitará o processo, principalmente aquele ligado às ações dos programas que deverão ter o aval da gestão ou dos setores específicos da universidade.

A gestão técnica diz respeito às ações voltadas para as atividades finalísticas, garantindo a preservação, a pesquisa e a comunicação do museu.

A gestão das relações institucionais é onde deverão ser consideradas as parcerias existentes e as possíveis de serem construídas internas e externamente à universidade em que o museu está inserido, além de se configurar como uma análise mais aprofundada dos fatores externos levantados no SWOT.

Para o diagnóstico deste programa, propomos um questionário. Nele estão inseridas perguntas sobre as três gestões. O objetivo é que contenham respostas simples, sem detalhamento, contribuindo para uma visão mais ampla da instituição sabendo que elas serão detalhadas nos programas específicos. Destacamos sempre que este documento poderá ser revisado e novas informações poderão ser incluídas.

#### *4.3.1.1 Documentos administrativos*

Sobre os documentos administrativos, considerar:

- O museu possui documento de criação? Qual é ele?
- O museu possui regimento interno? Qual a última atualização sofrida por este documento?
- Outros documentos administrativos (organograma interno e a presença no organograma da instituição mantenedora).

#### *4.3.1.2 Estrutura administrativa*

No que diz respeito à estrutura administrativa, levar em conta:

- Qual a relação institucional? Está vinculada a qual instância da universidade, a uma unidade ou setor, como a uma pró-reitoria ou à reitoria, ou há outra vinculação?
- Quais as fontes de recurso do museu? Ele participa da previsão orçamentária da instituição mantenedora? Há projetos de captação?
- Como é feita a aplicação de recursos? Qual a participação da gestão interna na

escolha das ações?

#### *4.3.1.3 Pessoal*

Sobre o pessoal, descrever:

- Quantos funcionários o museu possui?
- Qual o perfil destes funcionários?
- Qual a formação, a qualificação e o tempo de atuação no museu de cada um deles?

#### *4.3.1.4 Acadêmicos*

Sobre os aspectos acadêmicos:

- Relacione os projetos de ensino, as pesquisas e a extensão em desenvolvimento.

#### *4.3.1.5 Acervo*

No que concerne ao acervo, levar em consideração:

- Qual a tipologia e número aproximado dos acervos do museu?

#### *4.3.1.6 Exposição*

Sobre a exposição, caso seja de longa duração ou seja uma exposição temporária, considerar, conforme o caso:

- De longa duração: há quanto tempo foi inaugurada a exposição? Aconteceram modificações em sua proposta ou formato?
- Exposições temporárias: há uma programação? Quais foram as últimas exposições realizadas?

#### *4.3.1.7 Arquitetura*

Em relação à arquitetura do museu:

- Relatar as condições gerais de conservação do prédio, como também registrar as dificuldades no que se refere às áreas de exposição, de atendimento ao público, de

circulação e de acessibilidade, lembrando que, no diagnóstico, foi realizado um histórico desta edificação.

#### 4.3.1.8 Público

Em relação ao público, considerar:

- Qual a ferramenta utilizada para registro do público?
- Qual a média de visitação mensal e anual?
- O índice de visitação é linear ou há picos e quedas ao longo do ano?
- Qual o público prioritário do museu, externo à universidade ou é proveniente da comunidade acadêmica?
- Qual o perfil do público visitante? Faixa etária, origem.
- Há uma coleta de informação com o público quanto elogios e/ou críticas?

#### 4.3.1.9 Comunicação

No que diz respeito à comunicação, considerar:

- Quais os meios utilizados para divulgação do museu? (*site, folder, redes sociais, propaganda e outros*)
- Quem é responsável pelas ações de comunicação da equipe do museu ou do setor de comunicação da universidade?
- Como é o apoio dado e o contato com o setor de comunicação da universidade?

#### 4.3.1.10 Ações educativas e culturais

Sobre as ações educativas e culturais, considerar:

- Quais atividades foram desenvolvidas pelo museu nos últimos cinco anos?
- O museu oferece visitas mediadas?
- Há realização de eventos, palestras e outras atividades afins?

#### 4.3.1.11 Relações institucionais

No que concerne às relações institucionais:

- O museu participa de redes, sistemas ou conselhos internos ou externos? Se sim, quais são eles(as) e desde quando ocorre a participação?
- O museu possui parcerias em projetos com outras/outros instituições/setores internos ou externos à instituição? Quais?

Após responder às questões propostas, torna-se importante avaliar se já seja possível indicar projetos para este programa, pensando que ele está diretamente ligado aos outros programas que também terão projetos interligados. Além disto, ao final da elaboração do documento, poderá ser feita a revisão e a proposição de projetos específicos, que possam complementar aqueles já estabelecidos. Uma boa gestão deve manter os olhos na realidade, deste modo, os projetos e seus programas devem ser exequíveis.

#### 4.3.2 Diagnóstico da gestão de pessoas

No diagnóstico de gestão de pessoas deverá ser avaliada e estruturada qual a situação dos recursos humanos da instituição e os seus objetivos deverão ser voltados para a análise e para a justificativa das necessidades de pessoal no museu. Assim, neste diagnóstico deverão constar: o fluxograma; o detalhamento de cargos e funções; as propostas e justificativas de aumento do quadro de pessoal (seja o permanente, seja o terceirizado); as propostas de qualificação da equipe; a análise e propostas de articulação de estágios; e o intercâmbio. As ações deverão estar alinhadas aos outros programas e ser feito um estudo de viabilidade junto à instituição mantenedora, já que a previsão de ampliação do quadro será o norteador para o desenvolvimento dos projetos de cada programa.

Para o diagnóstico deste programa, propomos um questionário com alguns pontos-chave. A partir do levantamento feito no programa institucional, torna-se necessário detalhar o quadro existente e fazer um levantamento das demandas de pessoal, das habilidades e das qualificações necessárias. Para facilitar o panorama e considerando que os museus universitários estão ligados à administração pública, com regulação própria para as contratações e composição dos quadros de recursos humanos, dividimos as análises em: quadro funcional permanente; quadro funcional terceirizado e quadro funcional temporário (parcerias realizadas).

##### 4.3.2.1 *Quadro funcional permanente*

- Detalhar o quadro fazendo-o conter: o nome; a função; a data de entrada no museu; e

as atividades desenvolvidas.

- O quadro funcional é suficiente? Caso sim, detalhar, caso não, justificar.
- Para o funcionamento integral da instituição, qual seria o quadro funcional ideal? Considere aqui os profissionais que poderão ter vinculação direta, uma vez que na atualidade, no serviço público, há um *hall* de cargos extintos, os quais, havendo necessidade, deverão ser vinculados a outros quadros, especificados na sequência.

#### 4.3.2.2 *Quadro funcional terceirizado*

Atualmente, no serviço público, há profissionais que não poderão ser contratados via concurso público estando eles ligados a empresas terceirizadas. Desta forma, é necessário ter em mente que este tipo de contratação, apesar de não ser a ideal, poderá ser o caminho para suprir as necessidades de mão obra da instituição. Dito isto, responda às seguintes questões:

- O museu possui pessoal terceirizado?
- Se sim, detalhar com o nome, a função e o tempo de vinculação aos museus.
- Há a necessidade de ampliação do quadro de pessoal?
- Se sim, indique quais os profissionais que são necessários.

#### 4.3.2.3 *Quadro funcional temporário*

Como pessoal temporário, consideramos os profissionais que atuam no museu por meio de projetos, parcerias, estágios, assinando termos de cooperação técnicas, entre outras vinculações, e que não estejam ligados às atividades permanentes da instituição. Para este levantamento, responda:

- O museu possui projetos e estágios em andamento? Se sim, quantos alunos estão envolvidos?
- O museu possui algum projeto de curto prazo em andamento, o qual preveja contratação de equipe? Se sim, quantos profissionais seriam necessários e quais as funções a serem desempenhadas por eles?
- O museu possui algum outro projeto ou parceria que tenha destinação de pessoal? Se sim, listá-lo(s). Considere aqui projetos de ensino, de pesquisa e de extensão que possuem bolsistas.

Neste programa deverá constar dois organogramas: o organograma institucional atual;

e o organograma institucional necessário para o museu, com o quadro ideal para o funcionamento dos programas. Desta forma, tais organogramas servirão como uma análise para se compreender se as equipes acima propostas conseguirão atender às demandas que se fizerem necessárias.

#### *4.3.2.4 Considerações sobre o diagnóstico*

É pertinente, ainda, abordar dois aspectos sobre este tópico, quais sejam:

O projeto de capacitação, qualificação e atualização das equipes. Como exemplo, considerar: o manuseio de acervos; a limpeza de acervos; a segurança; o receptivo e outros relacionados à conservação, à preservação, à segurança do acervo e à relação direta com o público. Os projetos devem ser pensados de forma contínua e com parcerias internas e externas.

Projeto de saúde e bem-estar: aqui a sugestão é para o desenvolvimento de ações que contribuam para a saúde e o bem-estar da equipe, considerando a estrutura e os serviços que são ofertados pelos diversos setores da universidade, podendo ser pensadas parcerias, além da realização de diagnósticos regulares, para a adequação de ergonomia e de outros fatores que influenciam na qualidade do trabalho e da saúde do funcionário.

#### *4.3.3 Diagnóstico dos acervos*

O programa de acervo tem um papel central no planejamento e no desenvolvimento das atividades do museu. Ele está diretamente ligado aos outros programas e seus projetos e ações nortearão o plano museológico. Os objetivos deverão ser permeados pelo planejamento conceitual da instituição e pela análise do ambiente em que está inserido.

A universidade tem no cerne das suas políticas questões voltadas para os bens patrimoniais. Na grande maioria, estas são desenvolvidas visando ao controle de bens, como carteiras, computadores, armários, livros e todo bem que seja de sua propriedade. Neste programa, é preciso estar atento se nestas políticas há alguma voltada para os bens históricos.

O diagnóstico deste programa deverá ser construído minuciosamente e se dividirá nos pontos elencados a seguir.

##### *4.3.3.1 Formação da coleção*

A partir do histórico da instituição, detalhar o histórico das coleções buscando responder às seguintes questões:

- Quando as coleções chegaram à instituição?
- Foram adquiridas/recebidas com função museológica ou acadêmica?
- Quais as tipologias presentes: Museológica; arquivística; bibliográfica ou outra?
- Como foram se consolidando as coleções?

#### *4.3.3.2 Aquisição e descarte*

Neste ponto deverá ser relatado se há uma política de aquisição e de descarte estabelecida na instituição. Esta deve ser formalizada em documentos e amplamente divulgada para que possa ser considerada válida. Sabemos que as universidades possuem sistema de organização de patrimônio. Será necessário neste item saber se há políticas internas que contemplem as coleções museológicas. Considere as seguintes questões:

- Quais as formas mais comuns de aquisição de acervo pelo museu (doação; compra; legado; coleta; permuta; transferência)?
- Qual a forma/motivo mais comum de descarte?
- Possui algum documento que regularize/normatize a aquisição e o descarte dos bens museológicos?
- Liste as aquisições e descartes ocorridas nos dois últimos anos e detalhe como o processo ocorreu.
- No caso das políticas da universidade mantenedora do museu, existe um programa/setor de patrimônio?
- Em caso positivo, as coleções museológicas são contempladas?

#### *4.3.3.3 Documentação*

O processo de documentação garante a eficiência na gestão do acervo, a sua salvaguarda e divulgação. Desta forma, é preciso que ele seja feito garantindo o melhor meio. Aqui será o momento de analisar como este processo está acontecendo, quais os problemas e pontos fracos.

- Quais documentos são usados pela instituição (arrolamento; ficha de registro; registro

fotográfico; ficha de conservação, outro)?

- Qual o suporte usado para estes documentos? (papel; informatizados; planilhas; programas específicos; outros). Insira imagens destes suportes e detalhe ao máximo como é a sua utilização.
- Quando o suporte foi criado? Há revisão? Se sim, qual ela é e como é feita?
- Quem realiza o preenchimento das informações?
- Qual quantitativo do acervo está documentado? Relacione pelo tipo de suporte usado.
- Qual quantitativo aproximado não está documentado?
- Quanto ao acesso à documentação, como ele acontece? Há diferença no nível de acesso? Quem tem acesso a ela?

#### *4.3.3.4 Conservação e restauração*

Aqui será feito um diagnóstico de como a instituição aborda os riscos aos quais o acervo está exposto e quais processos de controle têm sido usados. As informações aqui obtidas contribuirão para o programa de segurança.

- Quais as rotinas seguidas pela instituição quanto à conservação e à restauração dos acervos em reserva e em exposição?
- No geral, qual o estado de conservação do acervo? Caso seja possível, relacione, por quantidades, o acervo, caracterizando-o como bom, regular e péssimo.
- Quais os agentes de risco aos quais o acervo está exposto (ação de terceiros – roubos; furtos; vandalismo; ação do tempo – temperatura; umidade; fogo; água; luz; radiação –; pragas; e outros)? Considere a reserva técnica e as exposições.
- Quais os meios usados para prevenir os riscos (sistema de combate a incêndio; sistemas de segurança; controle de umidade e temperatura; iluminação; entre outros)?
- Quais as condições de armazenamento e de acondicionamento do acervo? Há reserva técnica suficiente? Qual o mobiliário utilizado?
- Há procedimentos estabelecidos para o manuseio e a movimentação do acervo?
- Quanto às exposições, além dos riscos acima levantados, há alguma outra situação?

#### *4.3.3.5 Considerações sobre o diagnóstico*

Realizado o diagnóstico do acervo, será o momento de pensar os projetos. Como dito

anteriormente, este programa é amplo e essencial. Desta forma, seguindo as recomendações do IBRAM (2016), no “Subsídios para elaboração de plano museológico”, sugerimos que os projetos sejam divididos em três eixos: aquisição e descarte; documentação e conservação; e restauração.

Eixo de política do acervo (aquisição e descarte): deve prever, além dos documentos e das orientações, as justificativas para que isso ocorra, podendo indicar a ampliação de uma coleção e até o descarte de outra que não esteja em consonância com o planejamento conceitual do museu. Devem ser incluídas as diretrizes da universidade mantenedora, buscando um alinhamento nas ações. No interior do eixo da documentação propomos dois projetos: 1- Projeto de documentação: ele deverá ter subprojetos e ser dividido em, pelo menos, três momentos: levantamento do acervo; escolha de um sistema de catalogação; e catalogação do acervo; 2- e o projeto de segurança do acervo: deverão constar as políticas voltadas ao acesso e aos dados gerados na catalogação.

Eixo de conservação e de restauração: ele contempla dois projetos, conforme segue.: Projeto de gestão de riscos: neste projeto deverão ser consideradas as exposições, as reservas e o entorno da instituição, para que sejam propostas ações que prevejam e eliminem os riscos físicos das coleções.

Projeto de conservação preventiva: neste projeto deverão ser consideradas as ações de preservação e de monitoramento das coleções. Propomos que sejam realizadas ações de avaliação das coleções quanto ao estado de conservação e à presença de pragas, havendo o estabelecimento de parâmetros de acondicionamento e de estabelecimento de rotinas e de conservação.

Eixo de restauração: este dirá respeito ao projeto restauração, como segue.

Projeto de restauração: este projeto poderá seguir duas linhas, dependendo da condição do acervo da instituição. Se no diagnóstico não forem encontrados acervos em situação ruim e que necessitem de intervenção de restauração, propomos que seja um projeto de estabelecimento de rotinas e de parâmetros que deverão ser seguidos em um momento futuro. Mas, se houver acervos que precisem ser restaurados, será necessário estabelecer uma proposta de ações e de procedimentos contendo as orientações de como a restauração deverá ser executada. Uma avaliação fundamental neste programa é se há pessoal capacitado na instituição ou se serão contratados funcionários terceirizados.

#### 4.3.4 Diagnóstico da exposição

O programa de exposição deverá ter em seus objetivos como é a política de exposições da instituição e quais parâmetros e critérios são usados para a seleção das exposições de curta, média e longa duração.

Para a feitura do diagnóstico, iremos propor questões que busquem levantar qual a realidade da instituição quanto às exposições de longa, média e curta duração, procurando entender quando, como e por que foram desenvolvidas.

#### *4.3.4.1 Exposição de longa duração*

Sobre a exposição de longa duração, convém descrever:

- Quando a exposição de longa duração do museu foi montada?
- Quais espaços ela ocupa? Eles são adequados quanto à acessibilidade, aos fatores climáticos, à iluminação, à segurança, entre outros?
- Como foi feita a seleção da temática e do acervo? Esta escolha foi realizada com base na missão, na visão e nos valores ou objetivos do museu?
- Os recursos expositivos (vitrines, painéis, e outros) foram pensados para a exposição ou são adaptados? Eles são suficientes? Estão em bom estado de conservação?
- Há manutenção da exposição? Como ela acontece?

#### *4.3.4.2 Exposições de curta e média duração*

No caso das exposições de curta e média duração, apontar no documento:

- Acontecem exposições de média e de curta duração?
- Quais foram as exposições realizadas nos últimos cinco anos?
- Quais os critérios usados para estas exposições?
- Em qual espaço ocorrem?
- A instituição tem recursos definidos para estas exposições?
- Há processos de avaliação do público das exposições? Se sim, como isto acontece?
- O museu possui planejamento de temas e de exposições que poderão ser realizadas?
- A equipe do museu é em número suficiente para elaborar, montar e monitorar as exposições?
- O museu possui exposições itinerantes? Se sim, descreva-as.
- O museu recebe exposições de outros setores/instituições? Se sim, quais os critérios

utilizados?

#### 4.3.4.3 Considerações sobre o diagnóstico

Os projetos deste programa são os mais concretos. Eles refletirão em suas ações a imagem do museu. As exposições devem ser pensadas buscando sempre um fluxo a ser seguido dentro de uma constante de pesquisa – montagem, execução e avaliação.

Projeto de exposição de longa duração: ele deverá se relacionar com os demais, como também conter ações ligadas à pesquisa, seja no âmbito educativo, do acervo, da segurança ou da comunicação.

Projeto de média e curta duração: nele deverão existir as diretrizes que serão utilizadas pelo museu para a realização deste tipo de exposição, devendo ser considerados os critérios de seleção da temática e o cronograma anual básico de exposições.

#### 4.3.5 Diagnóstico do educativo e cultural

O programa educativo e cultural será o mais dinâmico da instituição e torna-se necessário que tenha uma estrutura própria, o que não o desvincula dos demais existentes. No caso dos museus universitários, devemos ter em mente que os projetos e ações deste programa devem interligar ensino, pesquisa e extensão, além de poderem contar com editais específicos.

Para a realização do diagnóstico deste programa, assim como nos demais, sugerimos um conjunto de perguntas norteadoras. O importante é conhecer como as ações foram planejadas e executadas.

- O museu possui um setor educativo e cultural? Se sim, há quanto tempo?
- Quais atividades educativas e culturais o museu desenvolveu nos últimos cinco anos? Relacione indicando: como surgiram? Por que surgiram? Como se relacionam com o acervo e quais os recursos (financeiros e pessoais) utilizados?
- Quais as ferramentas utilizadas para avaliação das ações executadas? Quem participa desta avaliação?
- O setor educativo e cultural realiza alguma atividade/projeto em parceria com outro setor da universidade ou instituição externa?
- Quais as possibilidades de editais de ensino, pesquisa e extensão que a universidade oferece para que as atividades e projetos do educativo possam participar?

- Há alguma relação das atividades educativas e culturais do museu com as ações de extensão desenvolvidas por outras unidades ou setores?

#### 4.3.5.1 Considerações sobre o diagnóstico

Este é um programa no qual não há um modelo de projeto, como nos outros. É preciso ter em mente que os projetos propostos pelo setor educativo e cultural precisam refletir a realidade do museu e integrar os diversos setores, como a pesquisa, as exposições e os acervos. De acordo com o documento “Subsídios para a elaboração de planos museológicos” (IBRAM, 2016), para a elaboração, os projetos devem ter a estrutura de “justificativa, objetivos, descrição, público-alvo, periodicidade, cronograma, metodologia, atividades e ferramentas, recursos materiais e humanos e avaliação”.

#### 4.3.6 Diagnóstico da pesquisa

A pesquisa é uma das funções básicas dos museus, se considerarmos que ela está presente em todo o processo de conhecimento da instituição, do seu acervo, da montagem de exposições e do desenvolvimento das atividades educativas.

Para os museus universitários, isto se torna ainda mais forte, já que o surgimento de muitas instituições está ligado à guarda e à valorização de acervos que são singulares para o conhecimento de certa área. Prova disto são as pesquisas e trabalhos desenvolvidos com estes enquanto ainda eram objetos de cunho acadêmico.

Este programa tem como objetivo compreender como a instituição tem desenvolvido, estimulado e divulgado pesquisas sobre as suas diferentes áreas.

O diagnóstico de tal programa passará pelo diagnóstico de outros programas, sendo assim, consideramos que algumas perguntas precisam ser refeitas, mas podem conter respostas menos detalhadas.

- O museu possui um levantamento de trabalhos e publicações realizados sobre a instituição? Se sim, cite e descreva este levantamento.
- Existem trabalhos de pesquisa sendo realizados? Liste-os.
- Dos trabalhos já realizados e daqueles em processo, qual a vinculação existente entre eles? Quais são o setor, o curso e o departamento envolvidos? Trata-se de projeto de pesquisa, ensino ou extensão? Se sim, descreva-o.

- Quanto à história da instituição, quais as fontes de pesquisa utilizadas?
- Quanto ao acervo, como é feito o acesso para pesquisa?
- Quanto ao público do museu, há um levantamento de qual seja o perfil do público?
- Há uma divulgação quanto às potencialidades de pesquisa do museu pelos setores de ensino e extensão da universidade?

#### *4.3.6.1 Considerações sobre o diagnóstico*

Para este programa, propomos dois projetos que versarão sobre os diferentes tipos de pesquisa que podem ser realizadas. Mais uma vez destacamos a importância de que os programas sejam relacionados. Os projetos aqui citados deverão ter ações relacionadas aos programas de acervo, de exposição e do educativo cultural.

Projeto de pesquisa interna: propomos que haja uma divisão deste projeto em dois subprojetos, conforme segue:

Pesquisa institucional: estará relacionado diretamente às exposições, aos acervos e ao educativo cultural e deverá integrar os diversos atores que irão compor a comissão do plano e outros que possam contribuir para o desenvolvimento – a curto, médio e longo prazo – das pesquisas.

Pesquisa de público: voltado para que se possa conhecer o público visitante e para que sejam propostas estratégias de ampliação dos frequentadores do museu.

Projeto de pesquisa externa: neste projeto deverão constar as ações que estimulem as pesquisas, sejam elas realizadas por pessoas ou por instituições externas, podendo ser criados grupos de pesquisa relacionados às temáticas da instituição.

#### *4.3.7 Diagnóstico do arquitetônico urbanístico*

Este programa tem por objetivo tratar do edifício do museu, como ele se relaciona com as funções museológicas e com o ambiente externo. Considerando as especificidades das universidades e sabendo que em grande parte há um ou mais setores responsáveis pelo gerenciamento e pela execução das atividades voltadas à manutenção dos prédios e do entorno, será necessário o envolvimento de representantes destes setores.

Para o diagnóstico deste programa, deverão ser resgatadas as informações do histórico e do diagnóstico já realizados, detalhando o levantamento físico do prédio, com as plantas e a

descrição minuciosa das condições de ocupação, de funcionamento, de segurança, como também da documentação.

Para o questionário, consideramos a pesquisa do GTI sobre os museus universitários, segundo a qual grande parte dos museus está em prédios adaptados e/ou tombados e a minoria é composta por prédios construídos para abrigarem as coleções. Assim, além dos dados levantados, responda ao questionário a seguir:

- O prédio foi construído ou adaptado para receber a instituição?
- O prédio é compartilhado com outros setores da universidade?
- Como é o fluxograma de ocupação? Ele atende às necessidades da instituição?
- Existem projetos elaborados quanto à segurança, à acessibilidade e à restauração?
- Como são estabelecidas as necessidades de obras e de projetos estruturais do museu?
- Quanto à manutenção predial, como e por quem ela é realizada?
- Há documentação de regularização de uso e de funcionamento nas esferas municipal, estadual e federal?
- Como se estabelece a relação do edifício com o entorno?
- Há um projeto ou ação de urbanismo? Caso sim, descreva-o.

#### *4.3.7.1 Considerações sobre o diagnóstico*

Os projetos para este programa estarão ligados à manutenção predial e ao projeto de exposição:

Projeto de arquitetura: compreende ações voltadas para a adequação predial, os sistemas prediais e a manutenção predial.

Projeto de urbanismo: este é voltado para as ações de adequação externas.

#### *4.3.8 Diagnóstico da segurança*

O programa de segurança tem como objetivo a gestão de risco da instituição e deverá prever as ações que garantam a segurança do museu, do acervo, da equipe e do público. Neste diagnóstico torna-se necessário considerar que, para analisar a segurança, é preciso mensurar os riscos e estes podem ter duas origens: as causas naturais (enchentes; terremotos; poeira; incêndio; ataques de insetos) e as causas oriundas da ação humana (furto; roubo; vandalismo; incêndio).

Para o diagnóstico, considere as seguintes questões:

- Quanto à segurança predial, como ela é realizada (por pessoal efetivo ou terceirizado)?
- Há segurança armada ou apenas vigilância?
- Como é o controle do acesso tanto de funcionários quanto de visitantes ao edifício?
- Quais as vulnerabilidades as quais o edifício está exposto?
- Os sistemas elétrico e hidráulico passam por manutenção periódica?
- Na instituição existem fontes de energia alternativa?
- Quanto à prevenção e combate a incêndio, há um projeto atualizado?
- O museu possui laudos do corpo de bombeiro e alvarás de funcionamento?
- Quais os sistemas de segurança a instituição possui (alarmes; câmeras; sensores)?
- Em caso de furto ou roubo, há um protocolo estabelecido?
- Possui seguro contra roubo e furtos?

Após a realização do diagnóstico, estabeleceremos os programas que precisam estar direcionados para a segurança do acervo, dos funcionários e do público.

#### *4.3.8.1 Considerações sobre o diagnóstico*

Sugerimos considerar aqui tanto um projeto de gestão de risco quanto aquele de rotinas de emergência.

Projeto de gestão de risco: deve estar alinhado ao programa de acervo.

Projeto de rotinas de emergência: diz respeito à elaboração de rotinas e de protocolos voltados para a segurança.

#### *4.3.9 Diagnóstico de financiamento e fomento*

No programa de financiamento e fomento, iremos detalhar quais as fontes de financiamento e os recursos da instituição, como também quais as possibilidades existentes. Os museus universitários possuem uma gestão diferenciada. O orçamento está atrelado ao da universidade e a captação de recursos segue as regras próprias das instituições federais. Desta forma, é preciso conhecer bem as possibilidades para que possa ser feita uma gestão eficiente. Este programa deverá se relacionar com os demais, visto que a execução das ações, em grande parte, depende do orçamento existente, o qual pode ser angariado.

Para o diagnóstico, sugerimos as seguintes questões:

- Quais as fontes de recursos do museu nos últimos dois anos? Torna-se necessário detalhar as fontes fixas (destinação da instituição; ingressos; aluguel; loja; café; outros).
- Existem outras fontes? Como elas são organizadas (“amigos do museu”; financiamento coletivo; outros meios)?
- Há financiamento por editais? Quais seriam eles?
- Há conhecimento por parte da equipe de como elaborar e submeter projetos? Como foram organizados os últimos projetos do museu? Quais foram as fontes utilizadas?
- O museu possui uma programação de gastos/ investimentos?
- Quais os maiores custos da instituição?

Partimos da compreensão de que o presente projeto perpassa por todos os programas e pelo planejamento estratégico da instituição, assim, não seria específico, mas diluído nos demais. Sabemos que os museus possuem projetos sendo executados e o que propomos é que sejam eles detalhados no diagnóstico para que possamos entender como a instituição poderá melhor se programar e planejar o uso e a captação de novas fontes de recursos.

#### 4.3.10 Diagnóstico de comunicação

Este programa tem como objetivo conhecer como a instituição se comunica com os públicos internos e externos. A comunicação é a circulação da informação e é preciso conhecer como isto está sendo executado. Durante a realização do diagnóstico, considere as ações de jornalismo, de publicidade e de propaganda realizadas na instituição. Também como as ações, o material gráfico (*folders, banner* e outros), a propaganda, a lista de contatos, as redes sociais e o *site* se encontram. e, para o diagnóstico, responda às seguintes questões:

- O museu possui uma pessoa/equipe que desenvolve as ações de comunicação?
- Na instituição a qual o museu está vinculado há um setor responsável pela comunicação? Há facilidade em conseguir apoio deste setor?
- O que já foi produzido em relação às ações de comunicação na instituição? Relate com detalhe o que foi feito, por quem, qual estratégia utilizada e qual o resultado alcançado.

Este é outro programa, o qual não deverá ter projetos isolados, mas ações ligadas aos demais projetos, pois o mais importante nestas ações é conseguir elaborá-las com cuidado, principalmente quanto às necessidades e à disponibilidade de recursos e de pessoal.

#### 4.3.11 Diagnóstico socioambiental

O programa socioambiental deverá trazer, além das ações desenvolvidas pela instituição museal, aquelas que são desenvolvidas pela instituição mantenedora. Torna-se importante conhecer as políticas e as ações locais que possam ser parceiras do museu. Temos que considerar neste ponto as ações e práticas institucionais que tenham por objetivo minimizar os impactos ambientais e que tenham compromisso com o desenvolvimento social. Desta forma, sugerimos as seguintes questões:

- O museu e a instituição mantenedora têm alguma política socioambiental? Descreva-a.
- Existe um levantamento sobre o consumo de água e de energia?
- Existe um levantamento sobre a produção de lixo? Como ele é descartado?
- O museu possui algum projeto que se relacione com esta temática?
- Na cidade na qual a instituição está alocada, existem políticas socioambientais implementadas?
- Como o museu se relaciona com as práticas locais? Possui parceria com os órgãos e associações existentes? Segue a agenda ambiental local?

##### *4.3.11.1 Considerações sobre o diagnóstico*

Para este programa, sugerimos a criação de um projeto socioambiental que deverá constar ações que busquem minimizar os impactos ambientais e que desenvolvam o potencial social do museu.

#### 4.3.12 Diagnóstico de acessibilidade universal

Este programa tem como objetivo garantir a acessibilidade ao museu. Para isto, deverão ser consultadas as legislações vigentes e deve haver a participação do setor de inclusão que as universidades possuam. Considerar o direito de acesso e de utilização com segurança a todos os espaços da instituição por toda e qualquer pessoa.

- Como é o acesso ao museu? Possui calçada e passeio adequados? Há rampas e elevadores?
- Como é a sinalização externa da instituição?
- Analisar o edifício e as exposições do museu considerando se estes espaços são

acessíveis arquitetonicamente. Há desníveis e como eles são vencidos? Há banheiros adequados a todos os públicos? Qual o piso (considerar se há piso tátil)? As rotas de fuga são adequadas, contendo recursos sonoros e identificação visual?

- As exposições possuem recursos de acessibilidade (textos em braile; etiquetas com texto expandidos; etiquetas infanto-juvenil, entre outros recursos)?
- Há bebedouros, telefones e mobiliários adequados?
- As equipes recebem treinamento para as ações e as condutas acessíveis?
- Na cidade onde o museu está há políticas e entidades que representam o público composto por pessoas com deficiência?

#### 4.3.12.1 Considerações sobre o diagnóstico

Para este programa, sugerimos um projeto de acessibilidade universal. Ele deverá ser construído em parceria com o setor de inclusão da universidade. As ações deverão contemplar adequações físicas, comunicacionais e de sensibilização. Uma das ações a serem desenvolvidas deve ser aquela da criação de um programa permanente de acessibilidade que garanta que a acessibilidade se torne uma prática institucional.

## **5 APLICAÇÃO DO ROTEIRO AO MUSEU DA FARMÁCIA**

Neste capítulo trataremos sobre como foi o processo de preenchimento do roteiro pelo Museu da Farmácia. A resposta direta às questões dos diagnósticos foi o primeiro passo para a construção do documento final, para o qual serão dados os encaminhamentos que constituem o Anexo I deste documento. Este preenchimento ocorreu de forma simultânea à construção do roteiro, contribuindo para a sua exequibilidade.

O primeiro passo foi propor o grupo de trabalho a partir da consulta ao organograma da UFOP e das necessidades que foram surgindo durante os diagnósticos dos programas. Para o Museu da Farmácia, sugerimos que este grupo de trabalho tivesse ao menos os seguintes representantes:

- Membros dos conselhos Acadêmico e Administrativo do museu: de acordo com o Regimento Interno do Museu (Resolução CUNI 1284, 2011), são 13 representantes dos setores que constituem o Conselho Universitário. Seriam estes: 1º) o Diretor da Escola de Farmácia; 2º)- o Conselho Departamental da Escola de Farmácia; 3º) a Associação dos Ex-alunos da Escola de Farmácia; 4º) o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas; 5º) o Departamento de Museologia; 6º) o Departamento de História; 7º) o servidor da área de Preservação; 8º) o servidor ou colaborador lotado no museu; 9º) o Arquivo Central; 10º) o bibliotecário da Escola de Farmácia; 11º) o museólogo da Escola de Farmácia; 12º) o discente do Centro Acadêmico de Farmácia., 13º Servidor do Museu. Este agrupamento englobava um grande número de profissionais e representações que poderiam em muito contribuir com o plano museológico.
- Um representante da Diretoria de Comunicação Institucional: responsável pela comunicação institucional, desenvolve papel importante nos programas institucionais, de exposições, do educativo e cultural e de comunicação, assim, sua presença no grupo de trabalho se fazia necessária.
- Um representante da Pró-Reitoria de Extensão: é o setor responsável pela elaboração e pela implementação das políticas de extensão e cultura da UFOP. Tem na sua missão e em seus valores (objetivos) os preceitos que devem estar presentes nas ações do museu. Também é o setor que mais conversa com o museu quanto à sua interação com a comunidade. Tais questões justificam a presença deste setor no grupo de trabalho formado.
- Um representante da Pró-Reitoria de Graduação: sendo o setor responsável pelas políticas de graduação da UFOP, tem muito a contribuir na construção da relação do museu com os cursos de graduação, sendo este espaço compreendido enquanto local de ensino ativo para as mais diversas áreas do conhecimento. Sua colaboração no grupo de trabalho incide principalmente sobre os programas de pesquisa e do educativo e cultural, assim, justifica-se a presença deste.

- Um representante da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: setor responsável pelas políticas de pós-graduação, pesquisa, inovação e ética da UFOP, contribui na relação do museu com estas áreas e na elaboração de ações específicas, principalmente nos programas institucional, de pesquisa, de exposições e de comunicação, o que justifica o chamamento para o referido grupo de trabalho.
- Dois representantes da Pró-Reitoria de Orçamento, Planejamento e Administração: ligados a diferentes coordenadorias, é um órgão executivo que tem como missão “Contribuir para a melhoria da Gestão e Desenvolvimento Institucional” (Site do setor, on-line). No grupo de trabalho, contribuiria com os programas institucional, de gestão de pessoal, arquitetônico, de financiamento e fomento e de segurança, ficando justificada sua participação.
- Um representante da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas: responsável pelas políticas voltadas para a gestão de pessoal; contribui no programa institucional e naquele de gestão pessoal, o que justifica o convite para a composição do grupo de trabalho.
- Um representante da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis: sendo o setor responsável pela permanência e bem-estar da comunidade acadêmica, enquanto membro do grupo de trabalho, contribuiria nos programas institucional, de gestão de pessoas, educativo e cultural e de acessibilidade universal.
- Um representante do Centro Acadêmico do Curso de Museologia: atualmente a quase totalidade de alunos envolvidos em projetos do museu são do Curso de Museologia e a presença dos alunos deste curso na elaboração do plano museológico viria a contribuir em todos os programas e poderia ser estudada a possibilidade de haver mais de um representante deste segmento.

### **5.1 Construção da Etapa I**

Para a caracterização do Museu da Farmácia, foram levantados os documentos e as bibliografias existentes considerando a criação da Escola de Farmácia, do Museu da Farmácia e da Universidade Federal de Ouro Preto. Usamos o roteiro proposto na construção do texto e fizemos o levantamento dos dados.

### 5.1.1 Histórico da instituição

- Quais as fontes utilizadas para que se conheça melhor a instituição e o museu?
- Quando a instituição surgiu?
- O museu e a instituição mantenedora surgiram juntas?
- Se não, como foi a trajetória de cada uma destas instituições e quando estas trajetórias se encontram?
- Destaque os fatos de importância que possam ter contribuído para a constituição do acervo, como o processo de aquisição, a passagem e a presença de pessoas de relevância, a montagem de laboratórios, entre outros.

Para este ponto, dividimos o texto em duas partes: A Escola de Farmácia; e o Museu da Farmácia. O texto construído é o que compõe a terceira parte deste trabalho e será integralmente utilizado no Anexo I.

### 5.1.2 Histórico do prédio

Quanto ao prédio onde o museu está localizado, deverão ser inseridas as informações que contextualizam o histórico do edifício, contendo fotografias e como é a ocupação atual, com as plantas baixas acompanhadas de uma descrição. Devem ser contempladas as seguintes questões:

- O prédio foi construído para abrigar o museu?
- Se sim, apresente plantas, projetos e documentos relativos a esta construção
- Se não, qual o histórico da edificação? Para que foi construída inicialmente?
- O que funcionou nela antes do museu, no caso de a edificação não ter sido construída exclusivamente para este fim?
- Existiram mudanças estruturais durante a ocupação do espaço pelo museu?
- Hoje ela é ocupada exclusivamente pelo museu ou é compartilhada com outras atividades?

O Museu da Farmácia está localizado no prédio da Rua Costa Sena, nº 171, no centro da cidade de Ouro Preto. Buscando pela cronologia e a construção do prédio, sabemos que, no local onde ele foi construído, “existia um belo pomar, uma pequena casa habitada e era conhecida como Chácara dos Monges” (Godoy, 2019, p.188). De acordo ainda com Godoy (2019), na metade do século XIX, o terreno foi doado à província e nele se iniciou a

construção de um prédio para abrigar a Escola Normal, porém, com a Proclamação da República, este prédio, que ainda estava em construção, foi adequado para abrigar o Congresso Mineiro.

O Museu da Farmácia está localizado no prédio da Rua Costa Sena, nº 171, no centro da cidade de Ouro Preto. Buscando pela cronologia e a construção do prédio, sabemos que, no local onde ele foi construído, “existia um belo pomar, uma pequena casa habitada e era conhecida como Chácara dos Monges” (Godoy, 2019, p.188). De acordo ainda com Godoy (2019), na metade do século XIX, o terreno foi doado à província e nele se iniciou a construção de um prédio para abrigar a Escola Normal, porém, com a Proclamação da República, este prédio, que ainda estava em construção, foi adequado para abrigar o Congresso Mineiro.

Com esta ocupação, houve um momento histórico de destaque que foi marcado por uma placa no Salão Nobre. Nela é possível ler “Nesta sala, em 15 de junho de 1891, foi solenemente jurada a Primeira Constituição Republicana de Minas Gerais. Homenagem da Escola de Farmácia aos constituintes de 1891 – 04 de abril de 1939” (Godoy,2019).

Figura 5- Fotografia dos congressistas mineiros de 1891.



Fonte: Arquivo Público Mineiro (1891)

A Escola de Farmácia passou a ocupar o prédio da Rua Costa Sena em 1893 em decorrência da reforma administrativa estabelecida pela República. A configuração inicial contava com a estrutura de um andar e não se sabe se o anexo, que se encontra presente no registro fotográfico, datado de 1905, integrava o conjunto desde 1893 ou se foi construído para abrigar os novos laboratórios.

Figura 6- Prédio da Escola de Farmácia em 1905.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia

A primeira ampliação do edifício principal se deu em 1920, quando foi construída a também a primeira parte do segundo andar, onde passou a funcionar a biblioteca, a secretaria e a sala da congregação.

Figura 7- Ampliação do 2º andar em 1920.



Fonte: Acervo Museu da Farmácia

Na década de 1960, houve a segunda ampliação do prédio principal, a construção da quadra poliesportiva, a aquisição do terreno e a construção do Instituto de Bioquímico. Esta grande ampliação possibilitou a modernização das instalações e o início do processo de

implementação do Museu da Farmácia que passou a ocupar uma sala do prédio.

Figura 8- 2ª ampliação do andar superior em 1960.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia

Figura 9- Construção da quadra poliesportiva em 1960.



Fonte:Acervo Museu da Farmácia.

No registro fotográfico, é possível ver a lateral interna da EFAR e os prédios que foram construídos para abrigar os laboratórios. Com estas instalações, durante 120 anos, as

atividades acadêmicas e administrativas se desenvolveram lá e, durante quarenta e cinco anos, o MF ocupou a pequena sala que fica à esquerda de quem entra no edifício pela fachada principal.

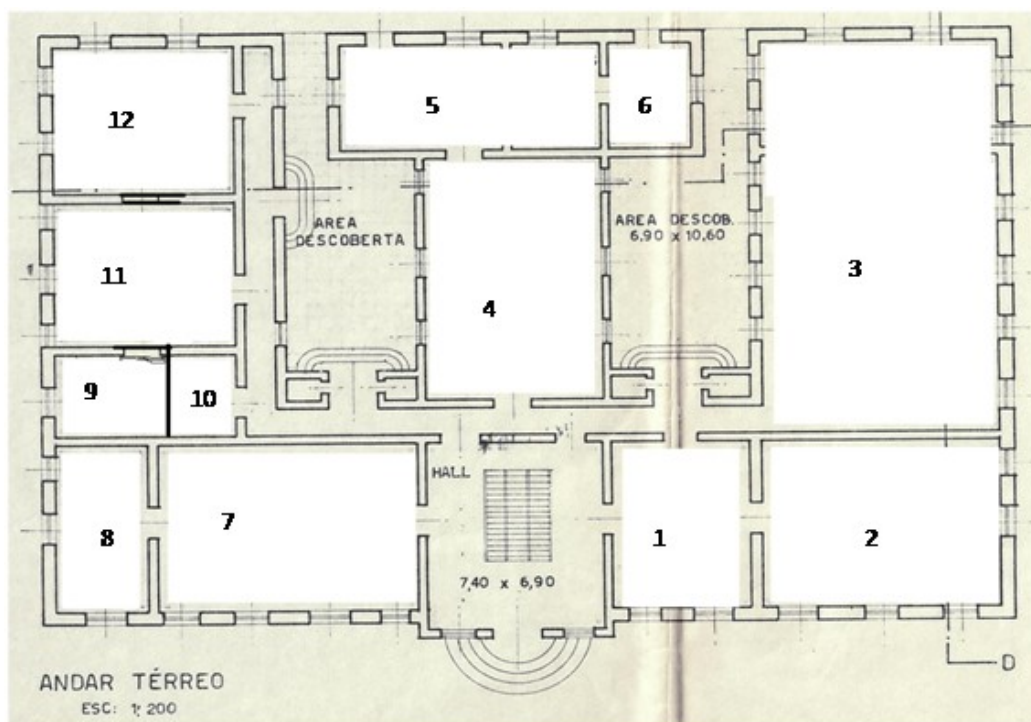
Figura 10- Exposição do Museu da Farmácia eu na década de 1990.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia

Em 2013, foram concluídas as obras do novo prédio da Escola de Farmácia, no Campus Morro do Cruzeiro, e o MF passou a ocupar o edifício principal, como também os dois anexos. O prédio do Instituto Bioquímico ainda abriga as atividades acadêmicas e os laboratórios. Em 2018, duas salas de exposição foram desmontadas para abrigar a Biblioteca do IFAC, que não possui atividade relacionada àquelas do MF, mas que precisou ser retirada de um prédio alugado pela UFOP. Traremos agora as plantas baixas com a atual ocupação dos espaços.

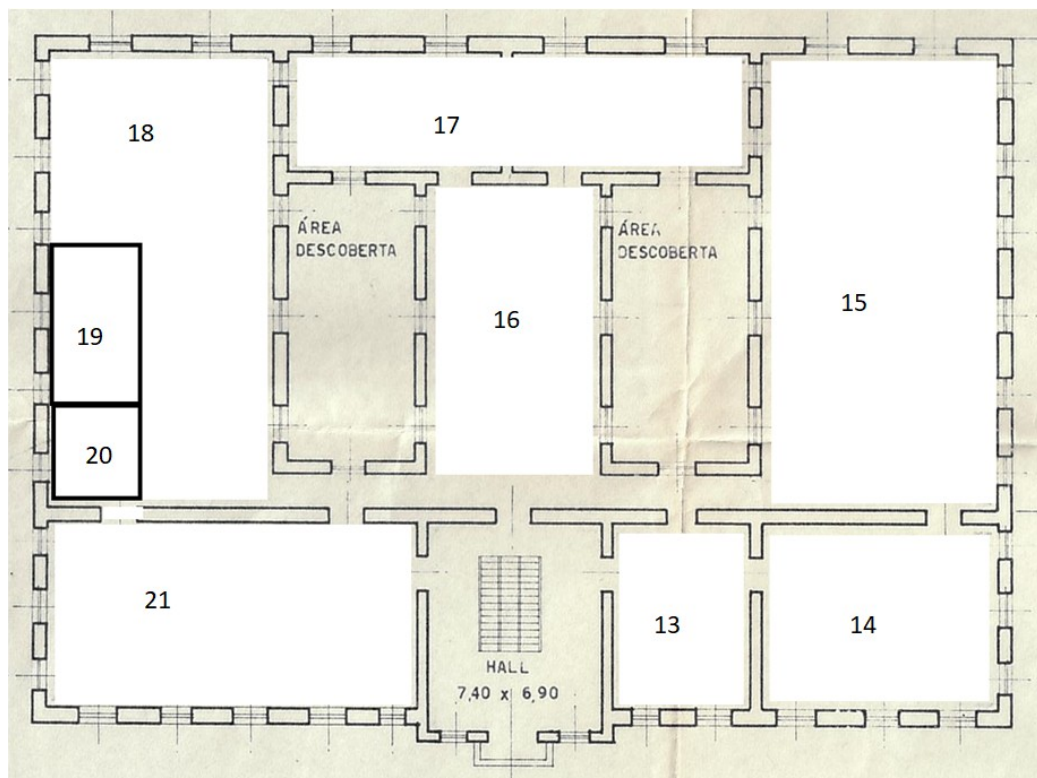
Figura 11- Planta baixa do prédio principal - 1º andar.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia

1. Sala de Exposição Origem dos Medicamentos
2. Sala de Exposição Farmácia Magalhães
3. Salão Nobre – Auditório
4. Sala de Exposição (duas exposições de longa duração – Farmácia Central e Anatomia)
5. Setor Educativo
6. Sala de Descanso das Funcionárias
7. Biblioteca IFAC
8. Biblioteca IFAC
9. Biblioteca IFAC
10. Depósito de Material
11. Sala de Exposição – Salas de Aula
12. Reserva Técnica 1 (Biblioteca)

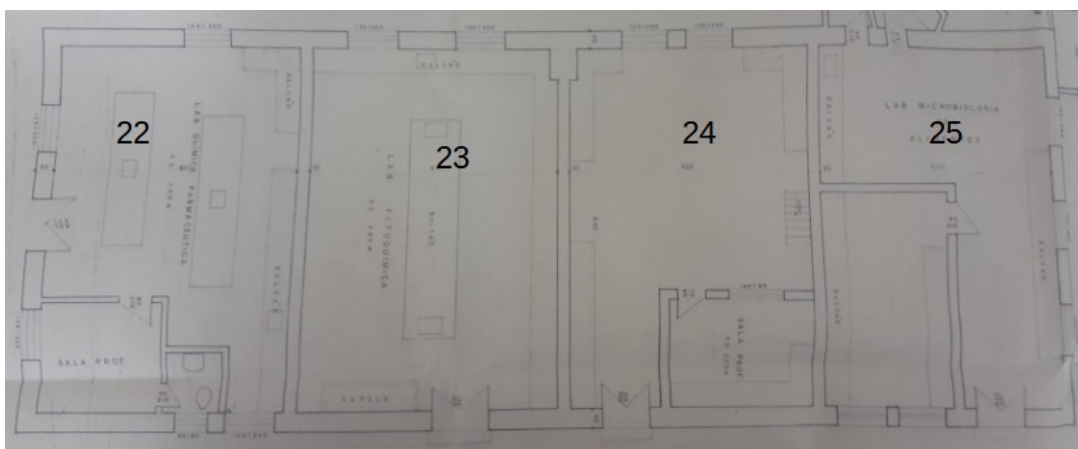
Figura 12- Planta baixa do prédio principal - 2º andar.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia

13. Sala de Exposição – Diretoria
14. Sala de Exposição – Galeria dos Ex-alunos
15. Salão Eventos e Exposição Temporária
16. Sala 2 – Sala de Aula
17. Sala com acervo da SISBIN – Biblioteca da Escola de Farmácia
18. Biblioteca de Obras Antigas e Raras
19. Reserva Técnica – Quadros dos Ex- alunos
20. Sala da Bibliotecária
21. Sala da Congregação

Figura 13- Planta baixa - Anexo 1.



Fonte: Acervo do Museu da Farmácia

22. Administrativo
23. Laboratório de Conservação
24. Reserva Técnica
25. Reserva Técnica

Há o prédio anexo que, no momento deste levantamento, estava com problemas estruturais. Foi solicitado à Prefeitura do Campus a análise deste espaço para que pudesse ser utilizado.

### 5.1.3 Linhas de atuação

Ainda sobre a caracterização, quanto à atuação do museu, devem ser levantadas as atividades, com uma breve descrição do que é desenvolvido, das linhas de atuação e dos fatores relevantes. Deve-se construir um texto buscando responder às seguintes questões:

- Quais as atividades desenvolvidas pelo museu?
- Quais as linhas de atuação (pesquisa, conservação, documentação, educação)?
- Quais projetos de ensino, pesquisa e extensão estão acontecendo no momento do diagnóstico?

Sobre a atuação do Museu de Farmácia, podemos dizer que atualmente são desenvolvidos dois projetos de extensão: “Museu da Farmácia Preservando Conhecimento”; e “Museu da Farmácia como Local de Educação”. São desenvolvidos também estágios

obrigatórios de alunos do Curso de Museologia, um trabalho de pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso de um discente do Curso de Farmácia e um projeto de iniciação científica que tem como base a Coleção de Anatomia. As linhas de atuação em desenvolvimento no MF ,no momento da realização da pesquisa de mestrado,eram: o trabalho com as coleções – englobando a catalogação, a conservação, a pesquisa e a divulgação – e as ações educativas – envolvendo a comunidade da cidade de Ouro Preto. Estas linhas de atuação estavam em pleno desenvolvimento até o ano de 2020 quando, em decorrência da pandemia da covid-19, as atividades foram paralisadas e posteriormente adaptadas para serem desenvolvidas de maneira remota e, com isto, uma nova linha de atuação passou a ser desenvolvida, a inserção do MF no mundo virtual. Ele também vem passando por uma série de obras que buscam adequar o espaço quanto à acessibilidade, à prevenção e ao combate a incêndio.

#### 5.1.4 Planejamento conceitual

Neste momento do diagnóstico do Museu da Farmácia, não realizamos uma indicação de definição de missão, visão e valores, por entendermos que estas definições deverão ser construídas pelo grupo de trabalho que será criado.

##### 5.1.4.1 Diagnóstico

Utilizamos a base de análise FOFA, com o levantamento das forças, das oportunidades e das fraquezas do MF.

###### 5.1.4.1.1 Fatores internos

No que concerne às forças, pontuamos: quais os pontos positivos da instituição museal? Buscou-se, com isto, analisar as questões que seriam o diferencial da instituição, relativas ao seu funcionamento, destacando as qualidades e pontos positivos quanto ao acervo (exemplos: peças de destaque; diferencial em relação a outras instituições de mesma tipologia; raridade), à equipe (exemplos: quantidade suficiente; qualificação para desenvolver o acervo; e o museu), à edificação (exemplos: localização; se está localizado em prédio próprio ou compartilhado e, se compartilhado, quais benefícios há; se possui estrutura) e à

administração (no caso do museu universitário, a análise diz respeito a: se ele é reconhecido pelo gestor; se está na estrutura; se há destinação de recurso pela administração; se há políticas internas da universidade na qual está sediado o museu).

Quanto ao MF, foi possível enumerar a existência de prédio próprio; que há museólogo na equipe; como também: Estatuto do Museu atualizado; acervo rico e diversificado; exposição atrativa; obras de manutenção em andamento no prédio; chegada de uma bibliotecária para trabalhar com o acervo de obras raras e especiais.

Sobre as oportunidades, avaliar: o que está acontecendo na atualidade e que poderá tornar a instituição mais eficiente? Utilizar referências concretas, tais como as obras em andamento, as ações administrativas voltadas para o museu pela administração superior ou os setores administrativos, como as reitorias e as diretorias, as parcerias que estão em processo de serem firmadas, os projetos de curto e médio prazos já estabelecidos e se há outros museus ligados à universidade que possam ser acionados para a criação de políticas.

Revisão do Organograma Institucional; adequação do prédio para acessibilidade e prevenção e combate a incêndio.

No tocante às fraquezas, registrar: quais fatores precisam ser melhorados na instituição? Caso sejam pontos fracos, mas que não colocam em risco o funcionamento e o trabalho que está sendo desenvolvido, trabalhe em contraponto com as forças. Exemplos: equipe existente, mas insuficiente; ausência de qualificação da equipe; ausência de rotinas de manutenção do edifício; ausência de recurso destinado pela administração superior – se o prédio é compartilhado, mencionar se esta realidade impacta negativamente o funcionamento e o acesso. Ainda sobre as fraquezas, considerar: fazer a análise dos fatores que podem ser trabalhados no sentido de facilitar a relação e o reconhecimento da instituição pela comunidade, tais como a melhoria da sinalização no entorno; pensar quais sejam as possibilidades de divulgação em locais estratégicos; e se há acessibilidade, pois a não existência desta impossibilitaria o acesso ao museu por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Sobre o MF, foi possível enumerar: equipe pequena; inventário do acervo pouco desenvolvido; ausência da placa de identificação; a presença da Biblioteca do IFAC no prédio impossibilitando o uso das salas para exposições e a existência do conflito em horários de funcionamento.

Acerca das ameaças, descrever, segundo o que segue: aqui é o momento de analisar a respeito de quais sejam os fatores de risco em relação aos quais a instituição está exposta, fatores estes que podem comprometer a integridade e existência do museu. Exemplos: problemas na estrutura do prédio, sejam eles elétricos e/ou estruturais; questões com o acervo, como infestações ou outros; ausência de segurança; ausência de normas de acesso; problemas administrativos, como a inexistência no organograma institucional; invisibilidade do museu pela comunidade acadêmica; inexistência de documentos de regulamentação; aposentadoria de curadores, professores ou técnicos responsáveis pelo museu sem que haja renovação do quadro de pessoal, mudança de gestores, sejam eles diretores ou reitores, por pessoas que desconhecem ou podem interferir negativamente no funcionamento e na existência do museu.

Sobre o MF, enumeramos: a ausência de políticas internas; a estrutura elétrica antiga; a ausência de controle de climatização; e a não existência de orçamento específico.

#### 5.1.4.1.2 Fatores externos

Forças: Qual a relação da instituição com o ambiente externo, e deste ambiente com a instituição? Ele participa de grupos, comitês, conselhos ou outros órgãos externos? O prédio é de fácil acesso? Há um reconhecimento do prédio pela comunidade?

O MF integra o Sistema de Museus de Ouro Preto e a localização central facilita o acesso dos turistas e das escolas.

Quanto às oportunidades, fazer uma análise dos fatores externos que podem beneficiar a instituição, como a existência de editais externos que o museu possa acessar, também a possibilidade de parcerias com outras instituições locais, como com museus da prefeitura, do estado e de outras instituições de ensino.

No MF, há o estabelecimento de parceria com outras instituições de ensino da cidade, tais como a Fundação de Artes e Ofícios Ltda (FAOP) e o Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto (IFMG-OP).

Ainda sobre as fraquezas, realizar a análise dos fatores que podem ser melhorados para que seja facilitada a relação e o reconhecimento da instituição pela comunidade, como também a análise de fatores, tais como a sinalização no entorno, a divulgação em locais estratégicos e a acessibilidade.

Sobre o MF, foi possível verificar que a comunidade não reconhece o prédio como sendo deste museu e a sinalização da cidade para os monumentos parece insuficiente. O MF não possui placa de identificação na fachada e a acessibilidade da cidade não é suficiente e isto reflete no museu.

Sobre as ameaças: fazer a análise dos fatores que podem comprometer o funcionamento e a existência da instituição, tais como: a mudança de governo, o qual possua relação direta com a gestão da universidade; a proposição de políticas que impactam a gestão da instituição mantenedora; a concorrência local; e a ausência de políticas e de editais afins.

Sobre o MF, foi possível verificar que há significativa quantidade de atrativos nas proximidades.

## 5.2 Construção da Etapa II - Programas

Seguindo as orientações, foram realizados os diagnósticos do MF respondendo às questões propostas no que concerne ao diagnóstico institucional e aos documentos administrativos:

- O museu possui documento de criação? Qual é ele?
- O museu possui regimento interno? Qual a última atualização sofrida por este documento?
- Outros documentos administrativos(organograma interno e a presença no organograma da instituição mantenedora).

No MF, não foram localizados documentos de criação, tais como leis, decretos ou outro. A sua criação está no Relatório de Gestão do ano de 1968 (AUTOR, ano) conforme consta no Anexo I. Sobre este ponto, torna-se necessário verificar institucionalmente qual seria o trâmite para a regularização deste documento. O MF possui regimento interno cuja última revisão foi realizada em 2017. O organograma da UFOP e dos setores e está em processo de revisão e, por este motivo, o MF passará a constar no organograma da unidade a qual está vinculado, quer seja, a Escola de Farmácia.

### 5.2.1 Diagnóstico institucional

- Qual a relação institucional? Está vinculada a instituição museal a uma unidade ou

setor, como a uma pró-reitoria ou à reitoria, ou há outra vinculação?

- Quais as fontes de recurso do museu? Ele participa da previsão orçamentária da instituição mantenedora? Há projetos de captação?
- Como é feita a aplicação de recursos? Qual a participação da gestão interna na escolha das ações?

O Museu da Farmácia está ligado diretamente à Diretoria da Escola de Farmácia, que é uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal de Ouro Preto. Não há uma setorização para este museu, sendo assim, não há destinação orçamentária para ele no planejamento anual da instituição. Os recursos utilizados são aqueles destinados à Escola de Farmácia, desta forma, o MF entra no rateio, com todas as atividades acadêmicas e administrativas daquela unidade.

Sobre o pessoal, torna-se importante levar em consideração:

- Quantos funcionários o museu possui?
- Qual o perfil destes funcionários?
- Qual a formação, a qualificação e o tempo de atuação no museu de cada um deles?

O MF atualmente conta com o seguinte quadro de funcionários, destacando-se que eles estão ligados diretamente à Diretoria da Escola de Farmácia, por não existir, no organograma em questão, o setor Museu da Farmácia:

- 1 técnico administrativo nível E, com formação em Museologia, Ingrid, que atua desde 2015 no MF.
- 1 bibliotecária, ligada ao Sistema de Bibliotecas, Luciana, que atua desde 2019 no MF.
- 2 faxineiras, Terceirizadas, Maria da Conceição e Wendy, que atuam desde 2018 no MF.
- 2 porteiros, terceirizados, Luiz Antônio, que atua desde 2006 no MF; e Vitor, que, por sua vez, atua desde 2017 neste museu.
- 2 vigilantes, terceirizados, que ficam à noite no prédio do MF e atendem também ao LAPAC.
- 2 bolsistas de extensão, provenientes do Curso de Museologia.
- 2 bolsistas voluntários de extensão, provenientes do Curso de Museologia.
- 1 bolsista de Desenvolvimento Institucional, proveniente do curso de Ciência da Computação.

Devido à pandemia da covid-19 e aos cortes orçamentários, houve uma redução na equipe de terceirizados, tendo sido dispensado um dos porteiros. O terceirizado Luís Antônio, o qual era responsável, anteriormente, pela recepção do público e pela mediação das visitas, foi transferido para a portaria.

Tendo em vista os aspectos acadêmicos, sugere-se:

- Relacione os projetos de ensino, as pesquisas e a extensão em desenvolvimento.

- Projeto de Extensão Museu da Farmácia como Espaço de Educação, desenvolvido pela museóloga Ingrid, no período entre 2016 e 2022.
- Projeto de Extensão Museu da Farmácia: Preservando Conhecimento, desenvolvido pela museóloga Ingrid, no período entre 2016 e 2022.
- Projeto de Extensão: Jardins do Museu da Farmácia, desenvolvido pela Professora Alice Viana de Araújo, entre 2019 e 2022.
- Projeto de Pesquisa: Museu de Anatomia, desenvolvido pelo Professor Doutor Luiz Eduardo de Souza, de 2019 a 2022.
- Projeto de Pesquisa: Tecnologia 3D aliada a uma Metodologia Multi-pedagógica na Educação Científica e Anatômica, desenvolvido pelo Professor Doutor Luiz Eduardo de Souza, de 2018 a 2022.
- Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, realizada na coleção de medicamentos pelo aluno João Soares da Silva Neto, do Curso de Farmácia da UFOP, sob orientação da Professora Doutora Andrea Grabe, de 2020 a 2022.
- Pesquisa e colaboração na identificação do acervo pela bolsista de pós-doutorado, Amanda Corrado, do Projeto Plantas Úteis do Rio Doce, entre 2018 e 2021.
- Projeto de Iniciação Científica intitulado Bibliografia anatômica utilizada na Escola de Farmácia de Ouro Preto entre 1839 e 1969, coordenado pelo Professor Doutor Luiz Eduardo de Souza, entre 2019 e 2022.

No tocante ao acervo, observar:

- Qual a tipologia e número aproximado dos acervos do museu?

O Acervo do Museu da Farmácia tem como origem a compra do mobiliário da Farmácia Magalhães, a Escola de Farmácia, doação de ex-alunos, professores e comunidade. Hoje ele segue uma classificação e um sistema de numeração que foram estabelecidos no primeiro inventário, realizado em 2011.

- MPh01 - Quadros e Plotagens: o inventário está desatualizado, não sendo possível quantificar.
- MPh02 – Medicamentos: aproximadamente 2.600 peças.
- MPh03 - Equipamentos Científicos: em 2011, eram 500 peças. Ainda não foi realizada uma revisão desta coleção, mas sabemos que, desde o último inventário, houve um crescimento de mais de 50% no total desta coleção.
- MPh04 – Arquivo: não houve nenhum levantamento desta coleção.
- MPh05 - História Natural: aproximadamente 115 peças.
- MPh06 – Mobiliário: não houve levantamento desta coleção.
- MPh07 - Acervo Bibliográfico: aproximadamente 4.500 obras higienizadas e arroladas. Estimamos mais de 10.000 para passarem por este processo.
- MPh08 – Vidraria: aproximadamente 820 peças.
- MPh09 – Fotografias: aproximadamente 1.500 fotografias.
- MPh10 - Quadros de Ex-alunos: aproximadamente 120.
- Há ainda acervos para serem criadas as coleções: *Banners*, flâmulas comemorativas, medalhas, troféus e bandeiras.

No que concerne à exposição, verificar se esta é de longa duração ou exposição temporária, assim, sendo:

- De longa duração: há quanto tempo foi inaugurada? Aconteceram modificações?
- Exposições temporárias: há uma programação? Quais foram as últimas realizadas?

Exposição de longa duração:

- Farmácia Magalhães. Inaugurada em 1968. Modificada em 1998 e em 2010.
- Origem dos Medicamentos. Inaugurada em 1998. Modificada em 2010.
- Sala da Congregação. Inaugurada em 2013.
- Sala da Diretoria Inaugurada em 2013.
- Galeria Ex-alunos. Inaugurada em 2017.
- Farmácia Central. Inaugurada em 2018.
- Anatomia. Inaugurada em 2018.
- Sala das Disciplinas. Inaugurada em 2018.

Exposição Temporária:

- Na programação fixa, temos: Exposição das Turmas Homenageadas; e a Exposição

na Semana de Museus. Para os outros períodos, não há programação. As últimas realizadas foram: Turmas Homenageadas; e História da Farmacologia. Uma importante observação é que, devido às obras de pintura e de acessibilidade, nos anos de 2020 e de 2021, as exposições foram desmontadas, o que resultará em uma revisão deste item.

Com relação à arquitetura, recomenda-se:

- Relatar as condições gerais de conservação do prédio, como também registrar as dificuldades no que se refere às áreas de exposição, de atendimento ao público, de circulação e de acessibilidade, lembrando que, no diagnóstico, foi realizado um histórico desta edificação.

Como descrito no histórico, o prédio tem uma arquitetura eclética e foi adaptado, principalmente desde a sua ocupação, em 1893, pela Escola de Farmácia. Nos anos de 2021 e de 2022, ele está passando por uma série de obras de acessibilidade e de adequação, para a prevenção e o combate a incêndio. Por este motivo, este item deverá ser reavaliado após o término das obras.

Sobre o público, levar em conta:

- Qual a média de visitação mensal e anual?
- O índice de visitação é linear ou há picos e quedas ao longo do ano?
- Qual a ferramenta utilizada para registro do público?
- Qual o público do museu, externo à universidade ou é proveniente da comunidade acadêmica?

O Museu esteve aberto até o fim de 2019, quando necessitou fechar para pintura e, posteriormente, devido à pandemia da covid-19. Para aferição do público, são usados os cadernos de assinatura e a lista de presença dos alunos que visitam o MF por intermédio dos projetos. O público predominante é o de visitantes espontâneos, que estão a passeio na cidade, conforme planilha e gráficos que apresentaremos a seguir. Nos meses de férias e do aniversário da Escola de Farmácia, há um pico maior quanto ao número de visitantes. Foram considerados aqui aqueles visitantes do MF, entre os anos de 2012 e 2019, conforme dados extraídos dos cadernos de visita e dos relatórios de frequência dos projetos educativos.

Tabela 1- Cronologia

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Janeiro		100	92	187	110	220	376	435
Fevereiro	69	32	59	43	50	86	122	92
Março	48	46	24	121	67	77	106	171
Abril	39	110	150	47	172	256	265	230
Maiο	62	122	48	33	156	127	150	179
Junho	62	51	49	68	121	146	90	221
Julho	55	167	158	203	253	340	400	470
Agosto	54	56	140	73	136	137	207	193
Setembro	52	31	110	141	158	157	206	179
Outubro	38	46	58	120	240	128	276	184
Novembro	55	33	46	104	129	134	227	186
Dezembro	44	35	137	88	140	120	271	311
Total	578	729	979	1041	1622	1928	2320	2416

Fonte:Acervo do Museu – Caderno de Visitaçāo

A comunicaçāo diz respeito aos seguintes questionamentos:

- Quais os meios utilizados para divulgaçāo do museu? (*site, folder, redes sociais, propaganda e outros*)
- Quem é responsāvel pelas açōes de comunicaçāo da equipe do museu ou do setor de comunicaçāo da universidade?
- Como é o apoio dado e o contato com o setor de comunicaçāo da universidade?

Hā a divulgaçāo apenas das atividades desenvolvidas nas redes sociais do MF. No ano de 2018, iniciamos a construçāo do *site* do referido museu, mas ele nāo foi concluído.

Com uma bolsa de Bolsa de Desenvolvimento Institucional no ano de 2023, pretendemos torna-lo acessível. Atualmente há a divulgação nas redes sociais criadas para o museu, a saber: *Facebook e Instagram*<sup>4</sup>.

No tocante às ações educativas e culturais, deve-se observar:

- Quais atividades foram desenvolvidas pelo museu nos últimos cinco anos?
- O museu oferece visitas mediadas?
- Há realização de eventos, palestras e outras atividades afins?

Até o ano de 2019, o setor educativo do MF estava ativo e eram desenvolvidas atividades sistemáticas com as escolas, de visitas acompanhadas para todos os visitantes. Nos anos de 2020 e 2021, foram desenvolvidas atividades remotas e com pouco impacto. Após o retorno das atividades após o isolamento, decorrente da pandemia, as atividades terão que ser reestruturadas e repensadas.

Sobre as relações institucionais, considerar:

- O MF participa de redes, sistemas ou de conselhos internos ou externos? Se sim, desde quando?
- Possui parcerias em projetos com outras instituições/setores internos ou externos à instituição? Quais?

- Sistema Municipal de Museus. Vinculação desde 2006.
- Rede de Museu da UFOP. Vinculação na criação em 2021.
- Representante da UFOP no Conselho Municipal de Políticas Culturais entre 2018 e 2021.
- Parcerias com: Museu do Chá; Herbário Professor José Badini; Laboratório de Anatomia da UFOP.

Na ocasião deste levantamento, não foram indicados projetos para este programa, pois compreendemos e deixamos esclarecido que ele deverá estar relacionado aos outros e que serão analisados todos os outros projetos para só então ser delimitado algo específico para o institucional.

<sup>4</sup>Endereços eletrônicos: <https://www.instagram.com/museudafarmacia/#> <https://www.facebook.com/profile.php?id=100011691340600>

### 5.2.2 Diagnóstico da gestão de pessoas

Quanto ao quadro funcional permanente:

- Detalhar o quadro fazendo-o conter: o nome; a função; a data de entrada no museu; e as atividades desenvolvidas.
- O quadro funcional é suficiente? Caso sim, detalhar, caso não, justificar.
- Para o funcionamento integral da instituição, qual seria o quadro funcional ideal? Considere aqui os profissionais que poderão ter vinculação direta, uma vez que na atualidade, no serviço público, há um *hall* de cargos extintos, os quais, havendo necessidade, deverão ser vinculados a outros quadros, especificados na sequência.

O quadro existente na ocasião da pesquisa de mestrado mostrou-se reduzido e insuficiente. Havia um acúmulo de atividades e muitas que necessitavam ser desenvolvidas encontravam-se paradas, fazendo com que o MF não desenvolvesse toda a sua potencialidade em pesquisa, conservação e divulgação das suas coleções. Este quadro funcional contava com:

- 1 técnico administrativo nível E, com Formação em Museologia, Ingrid, que atua desde 2015 no MF, sendo responsável pelas atividades administrativas e técnicas da instituição.
- 1 bibliotecária, Ligada ao SISBIN, Luciana, que atua desde 2019 no MF, sendo responsável pela Biblioteca de Obras Raras e Especiais que está em processo de organização.

Considerando as complexidades e as necessidades do Museu da Farmácia, avaliamos que seriam necessários, no quadro funcional permanente da instituição, os seguintes profissionais: 1 arquivista: ele seria o responsável pela organização, pela documentação e pela manutenção do acervo documental; 1 conservador/restaurador: este profissional realizaria ações diretas de conservação/restauração do acervo; 4 técnicos: eles desenvolveriam as atividades de pesquisa, educação e suporte nas áreas da biblioteca, do arquivo, da conservação e da Museologia; 2 técnicos com habilidades para o desenvolvimento de atividades no setor educativo; 1 secretária.

Sobre o quadro funcional terceirizado, como dito, atualmente, na gestão federal, há profissionais que não poderão ser contratados via concurso público estando eles ligados a empresas terceirizadas. Desta forma, é necessário ter em mente que este tipo de contratação, apesar de não ser a ideal, poderá ser o caminho para suprir as necessidades de mão obra da

instituição. Dito isto, responda às seguintes questões:

- O museu possui pessoal terceirizado?
- Se sim, detalhar com o nome, a função e o tempo de vinculação aos museus.
- Há a necessidade de ampliação do quadro de pessoal?
- Se sim, indique quais os profissionais que são necessários.

Serão considerados nesta relação os terceirizados que atuam diretamente no MF, mas é preciso considerar ainda que, no interior da estrutura universitária, outros profissionais são envolvidos nas atividades de manutenção do MF e estas ações devem estar presentes nas rotinas administrativas mais amplas da UFOP.

Atualmente o quadro de prestadores de serviços terceirizados é composto por: 2 faxineiras, terceirizadas, Maria da Conceição e Wendy, atuantes no MF desde 2018; 2 porteiros, terceirizados, Luiz Antônio (atuante no MF desde 2006) e Vitor (atuante desde 2017 no MF); 2 vigilantes, terceirizados, que ficam à noite no prédio do MF e atendem também ao LAPAC.

Como já levantado no Programa de Institucional, houve um corte de um funcionário da portaria e o Luiz Antônio, que recebia o público e mediava as visitas, foi transferido para a portaria. Este corte afetará diretamente o funcionamento do MF no retorno das atividades presenciais.

Para o funcionamento do MF seria necessário o seguinte quadro complementar de terceirizados: 02 recepcionistas; e 04 monitores.

Quanto ao quadro funcional temporário, consideramos os profissionais que atuam no museu por meio de projetos, parcerias, estágios, assinando termos de cooperação técnicas, entre outras vinculações, e que não estejam ligados às atividades permanentes da instituição.

Para este levantamento, responda:

- O museu possui projetos e estágios em andamento? Se sim, quantos alunos estão envolvidos?
- O museu possui algum projeto de curto prazo em andamento, o qual preveja contratação de equipe? Se sim, quantos profissionais seriam necessários e quais as funções a serem desempenhadas por eles?
- O museu possui algum outro projeto ou parceria que tenha destinação de pessoal? Se sim, listá-lo(s). Considere aqui projetos de ensino, de pesquisa e de extensão que possuem bolsistas.

Os projetos desenvolvidos no Museu da Farmácia, no ano de 2022, estão ligados diretamente à UFOP. Atualmente estão vinculados a projetos em desenvolvimento direto do referido museu: 2 bolsistas de Extensão, provenientes do Curso de Museologia; 2 bolsistas voluntários de Extensão, provenientes do Curso de Museologia.

No momento deste diagnóstico, os estágios estavam suspensos, porém, antes eles aconteciam com uma média de 03 estagiários atuando por período, ligados ao Curso de Museologia. Com o quadro de pessoal adequado, estes estágios poderiam ser ampliados e, considerando as áreas de pesquisa e de atuação do MF, poderiam ser recebidos alunos dos cursos aqui relacionados, entre outros da UFOP, que conseguissem desenvolver correlação, conforme segue: História; Museologia; Pedagogia; Farmácia; e Educação.

No ano de 2019, foi desenvolvido, pela Professora Doutora Andrea Grabe, um projeto financiado pela FAPEMIG, momento em que o MF contou com 01 museólogo e 01 profissional de nível técnico que desenvolveram ações específicas com o acervo. A construção dos organogramas ficará a cargo da equipe sugerida para o plano museológico.

#### *5.2.2.1 Considerações sobre o diagnóstico*

Sugerimos como projetos para o Museu da Farmácia:

- Projeto de reorganização e ampliação da equipe.
- Projeto de capacitação, qualificação e atualização das equipes, a saber: manuseio de acervos; limpeza de acervos; segurança; receptivo; e outros relacionados à conservação, à preservação, à segurança do acervo e à relação direta com o público. Os projetos devem ser pensados de forma contínua e com parcerias internas (Departamento de Museologia; Rede de Museus e Acervos da UFOP; entres outros departamentos) e externas (Prefeitura de Ouro Preto, IFMG- OP, FAOP).
- Projeto de saúde e bem-estar: aqui a sugestão é para o desenvolvimento de ações que contribuam para a saúde e para o bem-estar da equipe, considerando a estrutura e os serviços que são ofertados pelos diversos setores da UFOP, podendo ser pensadas parcerias, além da realização de diagnósticos regulares para adequação de ergonomia, entre outros fatores que influenciam na qualidade do trabalho e da saúde do funcionário.

### 5.2.3 Diagnóstico dos acervos

Sobre a formação da coleção, orientamos: a partir do histórico da instituição, detalhar o histórico das coleções buscando responder às seguintes questões:

- Quando as coleções chegaram à instituição?
- Foram adquiridas/recebidas com função museológica ou acadêmica?
- Quais as tipologias presentes: Museológica; arquivística; bibliográfica ou outra?
- Como foram se consolidando as coleções?

O acervo do Museu da Farmácia tem como origem a criação e a história da Escola de Farmácia, em 1839, e a compra do mobiliário da Farmácia Magalhães, em 1962, além de doações de alunos, ex-alunos, professores e comunidade. Desta forma, a origem é diversa. Torna-se importante considerar que há o acervo que foi adquirido com fins acadêmicos e aquele que foi posteriormente incorporado ao museu, como é o caso dos modelos de ensino, dos medicamentos, das vidrarias, dos equipamentos científicos e dos livros. O acervo arquivístico é composto por documentos administrativos e acadêmicos, oriundos da Escola de Farmácia, entre os anos de 1839 e 1970. Acervos de outras unidades acadêmicas também foram transferidos para o MF. Há aqueles adquiridos com objetivo de criação do MF, como o mobiliário e as vidrarias da antiga Farmácia Magalhães. Os acervos doados ao longo dos anos são vidrarias, equipamentos, livros, quadros, fotografias e mobiliários. A compra da Farmácia Magalhães e a criação do MF em 1968 marcou o início do processo de musealização dos outros acervos. Com a transferência das atividades acadêmicas, em 2012, para o Campus, a coleção museológica cresceu, tendo ocorrido a organização de salas e de laboratórios e, além disto, a consolidação de um projeto para o MF. Atualmente ele segue uma classificação e um sistema de numeração que foram estabelecidos no primeiro inventário, realizado em 2011.

- MPh01 - Quadros e Plotagens: o inventário está desatualizado, não sendo possível quantificar.
- MPh02 – Medicamentos: aproximadamente 2.600 peças.
- MPh03 - Equipamentos Científicos: em 2011, eram 500 peças. Ainda não foi realizada uma revisão desta coleção, mas sabemos que, desde o último inventário, houve um crescimento de mais de 50% no total desta coleção.
- MPh04 – Arquivo: não houve nenhum levantamento desta coleção.

- MPh05 - História Natural: aproximadamente 115 peças.
- MPh06 – Mobiliário: não houve levantamento desta coleção.
- MPh07 - Acervo Bibliográfico: aproximadamente 4.500 obras higienizadas e arroladas. Estimamos mais de 10.000 para passarem por este processo.
- MPh08 – Vidraria: aproximadamente 820 peças.
- MPh09 – Fotografias: aproximadamente 1.500 fotografias.
- MPh10 - Quadros de Ex-alunos: aproximadamente 120.

Há ainda acervos para serem criadas as coleções: *Banners*, flâmulas comemorativas, medalhas, troféus e bandeiras.

No que diz respeito à aquisição e ao descarte, considerar:

- Quais as formas mais comuns de aquisição de acervo pelo museu (doação; compra; legado; coleta; permuta; transferência)?
- Qual a forma/motivo mais comum de descarte?
- Possui algum documento que regularize/normatize a aquisição e o descarte dos bens museológicos?
- Liste as aquisições e descartes ocorridas nos dois últimos anos e detalhe como o processo ocorreu.
- No caso das políticas da universidade mantenedora do museu, existe um programa/setor de patrimônio?
- Em caso positivo, as coleções museológicas são contempladas?

As formas mais comuns de aquisição do acervo são a doação (realizada por ex-alunos e seus familiares) e transferência entre as unidades acadêmicas. O descarte acontece quando há dano irreparável no acervo. Como não há políticas estabelecidas, mesmo quando há pequenos danos, eles continuam na coleção. Hoje são usados os seguintes documentos: Termo de Doação; Ficha de Transferência; e observação na referida ficha, quando o acervo é descartado. As últimas aquisições foram: doação de quadro de ex-alunos, a qual foi feita pelos representantes das turmas dos anos de 2015 e 1976; doação de frascos de medicamentos e utensílios de farmácia, realizada pela família do ex-aluno José Rodrigues de Moraes; transferência de dois modelos de ensino de anatomia do Museu de Ciência e Técnica. A UFOP possui a divisão de patrimônio, porém, não há uma política voltada para os acervos históricos. Destacamos aqui a criação da Rede de Museus e Acervos da UFOP

que poderá estabelecer uma política integrada para os acervos da instituição.

No que concerne à documentação, considerar:


- Quais documentos são usados pela instituição (arrolamento; ficha de registro; registro fotográfico; ficha de conservação, outro)?
- Qual o suporte usado para estes documentos? (papel; informatizados; planilhas; programas específicos; outros). Insira imagens destes suportes e detalhe ao máximo como é a sua utilização.
- Quando o suporte foi criado? Há revisão? Se sim, qual ela é e como é feita?
- Quem realiza o preenchimento das informações?
- Qual quantitativo do acervo está documentado? Relacione pelo tipo de suporte usado.
- Qual quantitativo aproximado não está documentado?
- Quanto ao acesso à documentação, como ele acontece? Há diferença no nível de acesso? Quem tem acesso a ela?

Desde o início do trabalho, foi adotado pelo MF o uso de uma ficha de registro na qual os campos variam de acordo com a tipologia aqui apresentada no item do diagnóstico do acervo. As informações comuns são a atribuição de um número, o nome, uma fotografia do acervo e as suas dimensões. Também é utilizada uma planilha onde as informações são listadas.

As fichas criadas são preenchidas em documento *Word* e estão em formato digital. Quando um acervo é todo catalogado, buscamos imprimir as fichas, como é o caso da coleção de quadros e da história natural. As planilhas geradas são impressas regularmente e como o acervo ainda está em processo de documentação e revisão, ainda acontecem mudanças em seus campos de informação.

A ficha utilizada nesta pesquisa de mestrado foi criada em 2011 e é revisada constantemente. As fichas são preenchidas pela museóloga e pelos bolsistas e estagiários. Menos de 50% do acervo foi documentado e a documentação atualmente é de acesso restrito, assim, apenas a equipe que preenche tal ficha e pesquisadores têm acesso.

Figura 14- Modelo de ficha usada e preenchida para a coleção de medicamentos.

Nome: Óleo de Beladona		MPh 02.001
Número de Patrimônio: N/C	Categoria de Acervo: 02 - Medicamentos	
Localização: Farmácia Magalhães – Armário de Tinturas	Dimensões: 5,6 cm (d) x 15,5 cm (h)	
Material e Técnica: Frasco de Vidro	Data: N/C	
Origem: Belo Horizonte	Fabricante: Laboratório Osorio de Moraes Ltda	
<b>Marcas e Incrições:</b> Rotulo: Logomarca_dos Laboratórios Osorio de Moraes Ltda/ 250cc/ OLEO DE BELADONA/OleumBelladonna AE/ Farm. Brasil/ LABORATORISA OSORIO FR MORAES LTDA/ Rua Muriá, 92 a 98, Belo Horizonte – Brasil/ Eat. Resp. Irineu de Moraes/ Industria Brasileira		
Observações: O frasco contém líquido e está fechado com rolha		
Movimentação:		

Fonte: Acervo do Museu

No que concerne à conservação e à restauração, ratificamos:

- Quais as rotinas seguidas pela instituição quanto à conservação e à restauração dos acervos em reserva e em exposição?
- No geral, qual o estado de conservação do acervo? Caso seja possível, relacione, por quantidades, o acervo, caracterizando-o como bom, regular e péssimo.
- Quais os agentes de risco aos quais o acervo está exposto (ação de terceiros – roubos; furtos; vandalismo; não devolução da obra–; ação do tempo – temperatura; umidade; fogo; água; luz; radiação –; pragas; e outros)? Considere a reserva técnica e as exposições.
- Quais os meios usados para prevenir os riscos (sistema de combate a incêndio; sistemas de segurança; controle de umidade e temperatura; iluminação; entre outros)?
- Quais as condições de armazenamento e de acondicionamento do acervo? Há reserva técnica suficiente? Qual o mobiliário utilizado?
- Há procedimentos estabelecidos para o manuseio e a movimentação do acervo?
- Quanto às exposições, além dos riscos acima levantados, há alguma outra situação?

O acervo ainda está em processo de documentação e do estabelecimento de rotinas de conservação e restauração. Atualmente é feito um acompanhamento visual e, quando detectada alguma infestação ou alteração, são tomadas as medidas necessárias sendo, na maioria das vezes, ações emergenciais. No geral o acervo encontra-se em um estado de conservação classificado como bom.

- MPh01 - Quadros e Plotagens: apresentam estado de conservação regular e muitos

precisam ser higienizados e tratados.

- MPh02 - Medicamentos: apresenta estado de conservação bom.
- MPh03 - Equipamentos Científicos: estado de conservação regular, contudo, as bases de madeira sofreram com infestações e com o uso durante os anos, o que demanda atenção.
- MPh04 - Arquivo: estado de conservação bom.
- MPh05 - História Natural: estado de conservação regular, mas, por terem ficado expostos à luz e ao tempo, houve degradação das peças.
- MPh06 - Mobiliário: estado de conservação bom.
- MPh07 - Acervo Bibliográfico: estado de conservação bom.
- MPh08 - Vidraria: estado de conservação bom.
- MPh09 – Fotografias: estado de conservação bom.
- MPh10 - Quadros Ex-alunos: estado de conservação bom.

Quanto aos agentes de risco, atualmente os mais significativos tanto das reservas quanto das exposições são: poeira; umidade; temperatura; furtos; roubos; e pragas. Os sistemas de prevenção que o museu possui são: sistema de combate a incêndio atualizado; e controle de acesso ao prédio. Quanto às condições de armazenamento, há reserva técnica, porém, não há mobiliário adequado e suficiente. Por ser um espaço adaptado, são utilizadas estruturas que já existiam para os laboratórios, assim, como mobiliários já utilizados pela EFAR. São eles: armários de metal e de madeira. Para manuseio do acervo, não há procedimentos, apenas a utilização de Equipamentos de Proteção Individuais, como luvas e máscaras. A exposição não possui iluminação adequada e as janelas não possuem filtros, como também não há sistema de câmeras e alarmes. Como já mencionado aqui, a equipe é insuficiente.

### *5.2.3.1 Considerações sobre o diagnóstico*

- Projeto de política de acervo: neste projeto deverão constar quais serão as políticas adotadas pelo museu, incluindo normas e documentos orientadores para a aquisição e para o descarte.
- Projeto de documentação: ele deverá ter subprojetos e ser dividido em, pelo menos, três momentos que considerem o levantamento do acervo, a escolha de um sistema

de catalogação e a catalogação do acervo.

- Projeto de segurança do acervo: deverão constar as políticas voltadas para o acesso ao acervo e aos dados gerados na catalogação.
- Projeto de gestão de riscos: neste projeto deverão ser consideradas as exposições, as reservas e o entorno da instituição, para que sejam propostas ações que prevejam e eliminem os riscos físicos das coleções.
- Projeto de conservação preventiva: neste projeto deverão ser consideradas as ações de preservação e monitoramento das coleções. Propomos que sejam realizadas ações de avaliação das coleções quanto ao estado de conservação e quanto à presença de pragas, como também ao estabelecimento de parâmetros de acondicionamento e ao estabelecimento de rotinas e conservação.
- Projeto de restauração: este projeto poderá seguir duas linhas, a depender da condição do acervo da instituição. Assim, se no diagnóstico não forem encontrados acervos em situação ruim e que necessitem de intervenção de restauração, propomos que seja um projeto de estabelecimento de rotinas e parâmetros que deverão ser seguidos em um momento futuro. Caso não, que haja intervenção imediata.
- Os projetos acima propostos deverão estar alinhados.

#### 5.2.4 Diagnóstico das exposições

Quanto à exposição de longa duração, considerar:

- Quando a exposição de longa duração do museu foi montada?
- Quais espaços ela ocupa? Eles são adequados quanto à acessibilidade, aos fatores climáticos, à iluminação, à segurança, entre outros?
- Como foi feita a seleção da temática e do acervo? Esta escolha foi realizada com base na missão, na visão e nos valores ou objetivos do museu?
- Os recursos expositivos (vitrines, painéis, e outros) foram pensados para a exposição ou são adaptados? Eles são suficientes? Estão em bom estado de conservação?
- Há manutenção da exposição? Como ela acontece?

Em relação às exposições de curta e média duração, ratificamos:

- Acontecem exposições de média e de curta duração?
- Quais foram as exposições realizadas nos últimos cinco anos?

- Quais os critérios usados para estas exposições?
- Em qual espaço ocorrem?
- A instituição tem recursos definidos para estas exposições?
- Há processos de avaliação do público das exposições? Se sim, como isto acontece?
- O museu possui planejamento de temas e de exposições que poderão ser realizadas?
- A equipe do museu é em número suficiente para elaborar, montar e monitorar as exposições?
- O museu possui exposições itinerantes? Se sim, descreva-as.
- O museu recebe exposições de outros setores/instituições? Se sim, quais os critérios utilizados?

Exposição de longa duração: até o ano de 2019, as exposições de longa duração do MF eram oito, tendo abordado as seguintes temáticas: 1-Farmácia Magalhães, a qual foi inaugurada em 1968 e modificada em 1998 e em 2010; 2-Origem dos Medicamentos, que foi inaugurada em 1998 e modificada em 2010; 3-Sala da Congregação, inaugurada em 2013; 4-Sala da Diretoria, inaugurada em 2013; 5-Galeria Ex-alunos, inaugurada em 2017; 6-Farmácia Central inaugurada em 2018; 7-Anatomia, inaugurada em 2018; 8-Sala das Disciplinas, inaugurada em 2018. Estas exposições estavam divididas no prédio, conforme a planta apresentada no diagnóstico. Os espaços e os mobiliários foram adaptados para que recebessem as exposições e, desta forma, não estavam adequados, como também a iluminação. Não havia controle de climatização e, quanto à acessibilidade, o prédio tem passado por algumas obras, as quais, até o término desta pesquisa, ainda não tinham sido concluídas. Devido às obras, as exposições acima listadas foram desmontadas e a sua remontagem pode ser o momento para que sejam incluídos outros elementos de acessibilidade, como legendas expandidas e audioguia. A seleção da temática e do acervo seguiu o contexto de criação da EFAR e da história da profissão farmacêutica. Os recursos expositivos foram adaptados para que recebessem as exposições e não se mostraram suficientes. As manutenções de exposição seguem duas linhas: a preventiva, que ocorre trimestralmente, de controle do acervo quanto a pragas e outros; e de troca de acervo, que ocorre anualmente, entre outros ajustes. Também há rotinas de limpeza e de higienização semanais.

Exposição de curta e média duração: o MF possui uma sala onde são desenvolvidas exposições de curta e média duração. Nos últimos cinco, anos foram realizadas estas:

- Anualmente, no mês de abril, aniversário da EF, há uma exposição sobre as Turmas

Homenageadas.

- Anualmente, em maio, ocorre a Semana de Museus.
- História da Farmacologia.
- Caminhos da Escola de Farmácia.
- Herbário Professor José Badini.

O MF atualmente não possui um planejamento para estas exposições, assim, elas acontecem apenas contando com o que já há. Além disto, a equipe, por ser reduzida, não consegue suprir as outras demandas destas exposições, porém, sabe-se que o espaço tem considerável potencial, mas pouco aproveitado, devido a estas lacunas de recurso e de pessoal.

Foram realizadas pelo MF as exposições temporárias seguintes, ocorridas em espaços externos:

- As Coleções da UFOP (em parceria com o Museu de Ciência e Técnica e com o Herbário Prof. José Badini), no *hall* de entrada do ICEB (Instituto de Ciências Exatas e Biológicas), durante a Semana de Museus, em 2017.
- Exposição Caminhos da Escola de Farmácia, no *hall* de entrada da Escola de Farmácia, no Campus, em 2018.
- Exposição Extratos de um prédio antigo, no hall de entrada da Escola de Farmácia, no Campus, em 2022.

O MF tem recebido apenas exposições de pessoas ou setores internos da UFOP, já que, com a equipe reduzida e a ausência de recursos, abrir para as demandas da comunidade não seria viável.

#### 5.2.4.1 Considerações sobre o diagnóstico

- Projeto de exposição longa duração: como o MF tem estado fechado para reforma, este é o momento ideal para o desenvolvimento deste projeto, já vislumbrando a revisão e a reformulação das exposições montadas anteriormente, alinhando-as conceitualmente com as novas definições de missão e valores (objetivos). As ações devem estar alinhadas com aquelas de outros programas, como o educativo, por exemplo.
- Projeto de média e curta duração: considerando o espaço que o museu possui

atualmente para exposições de longa duração, este projeto deverá prever um cronograma de exposições que possam contemplar a comunidade acadêmica e da cidade, além de exposições do MF que possam ser levadas a outros setores, escolas e espaços da cidade.

### 5.2.5 Diagnóstico do educativo e cultural

Em relação ao setor educativo e cultural, ratificamos:

- O museu possui um setor educativo e cultural? Se sim, há quanto tempo?
- Quais atividades educativas e culturais o museu desenvolveu nos últimos cinco anos? Relacione indicando: como surgiram? Por que surgiram? Como se relacionam com o acervo e quais os recursos (financeiros e pessoais) utilizados?
- Quais as ferramentas utilizadas para avaliação das ações executadas? Quem participa desta avaliação?
- O setor educativo e cultural realiza alguma atividade/projeto em parceria com outro setor da universidade ou instituição externa?
- Quais as possibilidades de editais de ensino, pesquisa e extensão que a universidade oferece para que as atividades e projetos do educativo possam participar?
- Há alguma relação das atividades educativas e culturais do museu com as ações de extensão desenvolvidas por outras unidades ou setores?

O setor educativo do MF foi criado em 2015 para atender as demandas das escolas visitantes. No ano de 2016, foi aprovado o projeto de extensão Museu da Farmácia, como Espaço de Educação, sobre o qual os relatórios serão inseridos no documento final que, desde então, vem desenvolvendo ações com as escolas municipais, na busca por relacionar o acervo do MF com os acervos dos parceiros e trabalhar os conceitos de museu e patrimônio. Além desta ação, são desenvolvidas oficinas, nas férias de julho e na semana da criança, em outubro, cujo público-alvo são as crianças da comunidade. As atividades são desenvolvidas pelos bolsistas de Extensão, voluntários e em parceria com o Centro Acadêmico de Farmácia e o Pet Farmácia. As avaliações ocorrem com a escrita de cartas pelas crianças e com um questionário aplicado aos professores.

### 5.2.5.1 Considerações sobre o diagnóstico

Projeto educativo e cultural: neste deverão conter atividades educativas e culturais que o MF pode desenvolver, relacionando-as aos demais programas, principalmente aqueles de acervos e de pessoal.

### 5.2.6 Diagnóstico da pesquisa

Sobre este aspecto, ratificamos:

- O museu possui um levantamento de trabalhos e publicações realizados sobre a instituição? Se sim, cite e descreva este levantamento.
- Existem trabalhos de pesquisa sendo realizados? Liste-os.
- Dos trabalhos já realizados e daqueles em processo, qual a vinculação existente entre eles? Quais são o setor, o curso e o departamento envolvidos? Trata-se de projeto de pesquisa, ensino ou extensão? Se sim, descreva-o.
- Quanto à história da instituição, quais as fontes de pesquisa utilizadas?
- Quanto ao acervo, como é feito o acesso para pesquisa?
- Quanto ao público do museu, há um levantamento de qual seja o perfil do público?
- Há uma divulgação quanto às potencialidades de pesquisa do museu pelos setores de ensino e extensão da universidade?

Foram produzidos os seguintes trabalhos sobre o MF:

#### 1- Artigos:

- SOUZA, Luiz Fernando; BORGES, Ingrid da Silva. Os modelos anatômicos do Dr. Auzoux, na Universidade Federal de Ouro Preto. **Alemur**, vol.5, 2020, p. 76-82. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/alemur/article/view/4160/3431>>. Acesso em: 20 out. 2020.
- SANTOS, W; GRABE-GUIMARÃES, A. A Glimpse on a Brazilian Pharmacology Bibliography of the Early-20th Century **Revista Brasileira de História das Ciências**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.256-269, jul-dez, 2019. Disponível em: <[https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=2871](https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2871)>. Acesso em: 20 out. 2020.

#### 2- Trabalhos de Conclusão de Curso:

- RAMOS, Ana Ligia Campos. **Acessibilidade no Museu da Farmácia da**

**Universidade Federal de Ouro Preto-** uma proposta de implementação de recursos acessíveis. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2019.

- HOTTES, Sarha Dias. **Reflexão sobre documentação museológica:** uma análise das fichas de registro e documentação da coleção de medicamentos do Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2019
- GOMES, Wagner Matias. **Conservação Preventiva e suas aplicações:** análise das fotografias da galeria dos ex-alunos do Museu da Pharmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2018.
- GUIMARÃES, Igor Lacerda. **Fontes luminosas e conservação de acervo:** o caso dos quadros de formandos da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2018.
- NETO, João Soares da Silva. **Fármacos e medicamentos do acervo do Museu de Pharmacia da UFOP (MPh/UFOP):** análise comparativa de aspectos farmacológicos abordados no início do século XX e atualidade. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2022.
- SILVA, Guilherme Tavares da. **Segurança em museus:** sistema de prevenção e combate a incêndio do Museu da Farmácia da UFOP. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2022.

### 3- Tese Mestrado:

- SANTOS, Weillher Paulo dos. **Farmacologia no Brasil baseada no acervo bibliográfico do Museu da Pharmacia da UFOP.** Universidade Federal de Ouro Preto. 2019.

### 4- Estágios:

- Luciana Bernardes de Andrade Vieira. Animais Taxidermizados (2016).
- Kalila Assis Amorim. Modelos de ensino animal (2016); e Modelos Anatomia Humana (2017).
- Sarha Meirielli Ferri Naves Modelos Anatomia Humana (2017).
- Fabiana Martins de Souza Quadros (2017).
- Thiago Henrique Nascimento Ramos Quadros (2017).
- Emilia Gabriela Silva Moraes Quadros (2016).
- Igor Lacerda Guimarães Quadros (2017).
- Romário Wagner Matias Gomes Quadros (2017).

- Rafaela Julia da Silva Quadros (2016).
- Marcelo e Ludimila Medicamentos (2019).
- Amanda Meireles de Lima Oliveira Baners (2019).
- Sarha Dias Hotes Vidraria (2018).
- Isabela Montaldo de Almeida Vidraria (2018).
- Davi Isaac de Souza Mobiliário (2022).

5- Trabalhos de Pesquisa que estavam sendo realizados no tempo de realização desta pesquisa:

- Projeto de Extensão Museu da Farmácia como Espaço de Educação.
- Projeto de Extensão Museu da Farmácia: preservando conhecimento.
- Projeto de Extensão: Jardins do Museu da Farmácia. Coordenação: Professora Doutora Alice Viana de Araújo.
- Projeto de Pesquisa: Museu de Anatomia. Coordenação: Professor Doutor Luiz Eduardo de Souza.
- Projeto de Pesquisa: Tecnologia 3D Aliada a uma Metodologia Multi-Pedagógica na Educação Científica e Anatômica. Coordenação: Professor Doutor Luiz Eduardo de Souza.
- Projeto de Iniciação Científica: Bibliografia Anatômica Utilizada na Escola de Farmácia de Ouro Preto entre 1839 e 1969. Coordenação: Professor Luiz Eduardo de Souza.

Sobre a história do MF, as pesquisas que acontecem atualmente são internas e são utilizados os documentos e as referências bibliográficas lá existentes. No caso dos trabalhos e pesquisas, quando há a necessidade de acesso ao acervo, é feito o agendamento prévio e o material é separado. Das visitas realizadas ao MF, o controle é feito apenas pelo livro de visitas, que fica na entrada, não havendo maior detalhamento sobre este. Apenas no interior da unidade na qual o MF está inserido, há ampla divulgação sobre as possibilidades de projetos e pesquisas. Falta uma divulgação em outras unidades e nas Pró-Reitorias de Ensino, Pesquisa e Extensão.

### 5.2.6.1 Considerações sobre o diagnóstico

- Projeto de pesquisa interna: no qual sejam contempladas a história do MF, as ações relacionadas diretamente às exposições, aos acervos e ao educativo-cultural.
- Projeto de pesquisa de público voltado para se conhecer o público visitante e para serem propostas estratégias de ampliação dos frequentadores do MF.
- Projeto de pesquisa externa: Neste projeto deverão constar as ações que estimulem as pesquisas por pessoas e instituições externas, podendo ser criados grupos de pesquisa relacionados às temáticas da instituição.

### 5.2.7 Diagnóstico do arquitetônico e urbanístico

Sobre este ponto, considerar, como já exposto neste trabalho:

- O prédio foi construído ou adaptado para receber a instituição?
- O prédio é compartilhado com outros setores da universidade?
- Como é o fluxograma de ocupação? Ele atende às necessidades da instituição?
- Existem projetos elaborados quanto à segurança, à acessibilidade e à restauração?
- Como são estabelecidas as necessidades de obras e de projetos estruturais do museu?
- Quanto à manutenção predial, como e por quem ela é realizada?
- Há documentação de regularização de uso e de funcionamento nas esferas municipal, estadual e federal?
- Como se estabelece a relação do edifício com o entorno?
- Há um projeto ou ação de urbanismo? Caso sim, descreva-o.

No momento de realização desta pesquisa, o prédio estava sendo adaptado para receber o MF e havia um acordo para que duas salas fossem cedidas para a Biblioteca do IFAC. O prédio era ocupado, conforme a planta apresentada no histórico do edifício. Além dos projetos que estavam sendo executados, havia, em processo de execução, o projeto de paisagismo externo e de iluminação externa. Por ser aquele um prédio da UFOP, as demandas seguiam o mesmo processo de todos os prédios da referida universidade, sendo necessária a inserção do pedido no SEI (Sistema Eletrônico de Informação). Os pedidos entram no montante das demandas e são executados por servidores da UFOP ou por terceirizados, de acordo com o fluxograma da Prefeitura do Campus. Da documentação do

edifício, há o documento de doação deste para a Escola de Farmácia, em 1839. Faltam outros documentos, que necessitam de adequação, como o projeto de combate a incêndio. As adequações que estão sendo realizadas têm o objetivo de regularizar a documentação. O prédio do MF possui uma localização central que contribuiu para a sua visibilidade na cidade e no circuito turístico, porém, ele ainda é reconhecido como prédio da EFAR, assim, o projeto de urbanismo que está sendo realizado busca também criar uma identidade para o referido museu.

#### 5.2.7.1 Considerações sobre o diagnóstico

- Projeto de arquitetura: levantamento das necessidades e das propostas de projetos voltados para a adequação, a reforma e a manutenção do prédio.
- Projeto de urbanismo: ampliação do projeto que estava em andamento, na ocasião desta pesquisa, coordenado pela Professora Doutora Alice Viana de Araújo.

#### 5.2.8 Diagnóstico da segurança

Quanto ao diagnóstico de segurança, considerar:

- Quanto à segurança predial, como ela é realizada (por pessoal efetivo ou terceirizado)?
- Há segurança armada ou apenas vigilância?
- Como é o controle do acesso tanto de funcionários quanto de visitantes ao edifício?
- Quais as vulnerabilidades as quais o edifício está exposto?
- Os sistemas elétrico e hidráulico passam por manutenção periódica?
- Na instituição existem fontes de energia alternativa?
- Quanto à prevenção e combate a incêndio, há um projeto atualizado?
- O museu possui laudos do corpo de bombeiro e alvarás de funcionamento?
- Quais os sistemas de segurança a instituição possui (alarmes; câmeras; sensores)?
- Em caso de furto ou roubo, há um protocolo estabelecido?
- Possui seguro contra roubo e furtos?

No momento de realização da pesquisa, foi constatado que não havia segurança predial. Durante o dia, o acesso ao prédio era controlado por porteiros terceirizados e, à

noite, havia um vigia noturno, como já mencionado aqui. A equipe era insuficiente e os acessos ao prédio eram diversos, o que dificultava o controle. As principais vulnerabilidades do prédio observadas foram: equipe reduzida; ruas do entorno escuras; estacionamento público na lateral do prédio; acessos diversos. O prédio é antigo e os sistemas elétricos e hidráulicos também. Como descrito no programa de arquitetura, será necessário realizar um planejamento de manutenção. A única fonte de energia do edifício era a elétrica e não havia fonte alternativa. O projeto de prevenção e combate a incêndio estava em processo de atualização. O objetivo disto é a regularização dos alvarás e dos laudos de funcionamento. Foram instalados sensores de fumaça, único sistema implementado. Atualmente no MF não há rotinas de segurança ou protocolos para furto, roubos ou sinistros. Também não há seguro contratado.

#### 5.2.8.1 Considerações sobre o diagnóstico

- Projeto de gestão de risco: onde devem estar previstas as ações que voltadas para a proteção do acervo, dos visitantes e das equipes de trabalho.
- Projeto de rotinas de emergência: elaboração de rotinas e de protocolos voltados para segurança.

#### 5.2.9 Diagnóstico do financiamento e fomento

Sobre financiamento e fomento, considerar:

- Quais as fontes de recursos do museu nos últimos dois anos? Torna-se necessário detalhar as fontes fixas (destinação da instituição; ingressos; aluguel; loja; café; outros).
- Existem outras fontes? Como elas são organizadas (“amigos do museu”; financiamento coletivo; outros meios)?
- Há financiamento por editais? Quais seriam eles?
- Há conhecimento por parte da equipe de como elaborar e submeter projetos? Como foram organizados os últimos projetos do museu? Quais foram as fontes utilizadas?
- O museu possui uma programação de gastos/ investimentos?

- Quais os maiores custos da instituição?

Na pesquisa foi constatado que a única fonte do MF eram a própria universidade e as ações específicas de desenvolvimento próprio. Estava em estudo a criação da Associação de Amigos do Museu por meio de uma fundação de apoio. Quanto à participação em editais, não foi possível a inscrição do MF, em razão da ausência de equipe em proporção suficiente, como aqui já exposto, e de conhecimento O MF não possuía, naquele momento, programação de gastos e faltavam projetos que pudessem ser submetidos. Sugerimos que para o Museu da Farmácia, neste primeiro momento, não haja um projeto de financiamento, mas ações integradas aos outros programas.

#### 5.2.10 Diagnóstico da comunicação

A respeito da comunicação, torna-se importante ratificar:

- O museu possui uma pessoa/equipe que desenvolve as ações de comunicação?
- Na instituição a qual o museu está vinculado há um setor responsável pela comunicação? Há facilidade em conseguir apoio deste setor?
- O que já foi produzido em relação às ações de comunicação na instituição? Relate com detalhe o que foi feito, por quem, qual estratégia utilizada e qual o resultado alcançado.

A pesquisa mostrou que o museu não possuía uma pessoa ou equipe de comunicação, assim, as ações que desenvolvidas eram realizadas pelos bolsistas ligados ao projeto de Extensão. Na UFOP, há um setor de comunicação, o qual é responsável por todas as demandas, desta forma, o processo é lento, mas os pedidos são atendidos. Como ações de comunicação atualmente havia: as redes sociais do museu; e um vídeo institucional, o qual foi produzido em 2018.

##### 5.2.10.1 Considerações sobre o diagnóstico

Projeto de comunicação institucional: neste as ações deverão ser relacionadas aos outros programas e deverão refletir qual será a imagem do MF para o público.

### 5.2.11 Diagnóstico socioambiental

Em relação ao aspecto socioambiental, considerar:

- O museu e a instituição mantenedora têm alguma política socioambiental? Descreva-a.
- Existe um levantamento sobre o consumo de água e de energia?
- Existe um levantamento sobre a produção de lixo? Como ele é descartado?
- O museu possui algum projeto que se relacione com esta temática?
- Na cidade na qual a instituição está alocada, existem políticas socioambientais implementadas?
- Como o museu se relaciona com as práticas locais? Possui parceria com os órgãos e associações existentes? Segue a agenda ambiental local?
- O museu possui projetos e estágios em andamento? Se sim, quantos alunos estão envolvidos?
- O museu possui algum projeto de curto prazo em andamento, o qual preveja contratação de equipe? Se sim, quantos profissionais seriam necessários e quais as funções a serem desempenhadas por eles?
- O museu possui algum outro projeto ou parceria que tenha destinação de pessoal? Se sim, listá-lo(s). Considere aqui projetos de ensino, de pesquisa e de extensão que possuem bolsistas.

O MF deverá criar uma política socioambiental, assim como realizar o levantamento das demandas para este tema.

#### 5.2.11.1 Considerações sobre o diagnóstico

Projeto socioambiental: nele deverão ser estabelecidas as políticas as quais o MF irá se inserir, assim como a busca de conhecimento sobre as agendas existentes, com adequação dos projetos para o atendimento destas agendas.

### 5.2.12 Diagnóstico da acessibilidade universal

Sobre este aspecto, considerar:

- Como é o acesso ao museu? Possui calçada e passeio adequados? Há rampas e

elevadores?

- Como é a sinalização externa da instituição?
- Analisar o edifício e as exposições do museu considerando se estes espaços são acessíveis arquitetonicamente. Há desníveis e como eles são vencidos? Há banheiros adequados a todos os públicos? Qual o piso (considerar se há piso tátil)? As rotas de fuga são adequadas, contendo recursos sonoros e identificação visual?
- As exposições possuem recursos de acessibilidade (textos em braile; etiquetas com texto expandidos; etiquetas infanto-juvenil, entre outros recursos)?
- Há bebedouros, telefones e mobiliários adequados?
- As equipes recebem treinamento para as ações e as condutas acessíveis?
- Na cidade onde o museu está há políticas e entidades que representam o público composto por pessoas com deficiência?

A cidade de Ouro Preto é pouco acessível e isso se reflete no entorno do MF, uma vez que as ruas são de calçamento em paralelepípedo e as calçadas em pedra, de formas irregulares, dificultam a locomoção. Torna-se necessário pensar a sinalização externa e criar algo que corrobore a identidade do prédio que, no momento de realização da pesquisa, ainda era reconhecido como sendo da EFAR. Arquitetonicamente o prédio está sendo adequado para receber os visitantes e todos os banheiros foram reformados. No processo, ocorrem as seguintes ações: colocação do piso tátil nas áreas comuns; feitura da sinalização de rotas de fuga; sinalização em braile nos corrimãos; luminária de emergência nos acessos; rampas para salas e áreas nas quais há desnível. Para a garantia da acessibilidade, as obras ainda estavam em curso, faltando a instalação do elevador. As exposições que estavam montadas antes das obras e da pandemia não possuíam recursos de acessibilidade e, assim como a possibilidade de revisão e remontagem destas, poderá ser prevista a adequação e a inclusão dos recursos.

#### *5.2.12.1 Considerações sobre o diagnóstico*

Projeto de acessibilidade universal: como a exposição e o prédio estavam passando por adequações e reformulações no momento de realização da pesquisa e estas permaneceram após a conclusão desta investigação, o momento torna-se oportuno para a implantação de um projeto de acessibilidade universal, prevendo não apenas a

acessibilidade motora mas todas elas, com a inclusão de textos adequados, videoaudios, placas de identificação, dentre outros recursos que garantam o direito universal ao acesso.

## 6 CONCLUSÃO

A construção deste roteiro não foi algo linear e, ao longo do tempo, foram necessárias idas e vindas no que concerne aos conceitos, às reflexões e às sugestões. O documento apresentado é a busca de um instrumento facilitador deste processo tão complexo que é a construção de um plano museológico.

Os museus e acervos universitários são singulares e merecem ter uma atenção especial diante das políticas públicas que vêm sendo criadas para os museus e que não raras vezes se pautam por um modelo de gestão mais global.

Este roteiro buscou facilitar um processo que, para a gestão universitária, se mostra sempre complexo. Esperamos não resolver a questão, mas apresentar uma solução viável para que os museus universitários cumpram as diretrizes estabelecidas pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2019 (BRASIL, 2009a) e pelo Estatuto de Museus (BRASIL, 2013).

A aplicação do roteiro ao Museu da Farmácia (Anexo I) contribuiu para perceber que este documento se configura como um instrumento eficiente, funcionando como norteador para que a administração superior conheça, reconheça e se sensibilize sobre a importância das ações desenvolvidas pelo referido museu, como também sobre como estas podem ser melhoradas.

As universidades possuem uma ampla variedade de acervos, coleções e museus. Esta é uma ferramenta adequada aos museus já em funcionamento ou em processo de implementação, porém, as coleções e acervos que possuem outra estrutura podem se beneficiar deste roteiro quanto à elaboração de um documento diagnóstico que possa contribuir para outras ações a serem tomadas, sejam nos processos de conservação, de preservação ou naqueles de divulgação destas coleções e acervos.

O trabalho desenvolvido atualmente no Museu da Farmácia e o contato com outros tantos museus universitários fortalecem a necessidade deste roteiro. Muitas ações são desenvolvidas de forma isolada e uma mudança de planejamento e gestão poderá contribuir para que estas se fortaleçam e dialoguem entre si.

Apesar de já existirem há muito tempo, os museus universitários ainda têm um longo caminho pela frente e esperamos com este roteiro ter contribuído para a consolidação destas histórias.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cícero Antônio F de. **Plano Museológico – Marco de Regulamentação da Gestão Museal no Brasil**. In: Gestão Museológica: Questões Práticas. Brasília, 2013.

BRASIL. **Lei nº11.904, de 14 de janeiro de 2009**, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 15 de janeiro de 2009a. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acessado em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009**. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 21 de janeiro de 2009b. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11906.htm#:~:text=Cria%20o%20Instituto%20Brasileiro%20de,Federal%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.&text=Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11906.htm#:~:text=Cria%20o%20Instituto%20Brasileiro%20de,Federal%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.&text=Art.)>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013**. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Diário Oficial da União, de 18 de out. 2013. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm)>. Acessado em: 20 out. 2020

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 23 nov. 1968. Retificado no Diário Oficial da União, de 03 dez. 1968. Disponível em:<>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Decreto-lei nº 778, de 21 de agosto de 1969**. Autoriza o funcionamento da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, de 22 ago. 1969, p. 7.129. Disponível em: <[https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-778-21-agosto-1969-374757-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Autoriza%20o%20funcionamento%20da%20Universidade,UFOP\)%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.>](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-778-21-agosto-1969-374757-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Autoriza%20o%20funcionamento%20da%20Universidade,UFOP)%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.>)>. Acesso em: 20 out. 2020.

CÉSAR, Chico. **Museu** – Disponível em: [https://www.letras.mus.br/chico-cesar/museu/#google\\_vignette](https://www.letras.mus.br/chico-cesar/museu/#google_vignette)

CLERC, Steven W.G. de.; LOURENÇO, Marta C. **A Globe is just another Tool: Understanding the Role of Objects in University Collections**. In: UMAC-ICOM. University Museums and Collections. ICOM Study Series, 11, 2003. 2003. Disponível em: <[http://umac.icom.museum/wp-content/uploads/2017/05/11\\_ICOM-UMAC.pdf](http://umac.icom.museum/wp-content/uploads/2017/05/11_ICOM-UMAC.pdf)>. Acesso em: 06 nov.2018.

CHAGAS, Mario. NASCIMENTO, José do. **Política Nacional de Museus**. Brasília: MinC, 2007

**Definição de Museu.** ICOM Portugal: <http://icom-portugal.org/recursos/definicoes/> (acesso a 18-11-2019).

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS COMMITTEE FOR UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS – ICOM – UMAC. September, 2017. Disponível em: <<http://umac.icom.museum/about-umac/what-is-umac/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

DIAS, José Ramos. **Apontamentos históricos do sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto**. 3 ed. Ouro Preto, UFOP, Escola de Farmácia, 1989.

ESCOLA DE FARMÁCIA. **Relatório de Gestão, 1968**.

GODOY, Victor Vieira de. **A Coleção de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto**. In: GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. Coleções Científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Rio de Janeiro: MAST, 2010.

GODOY, Victor Vieira de. **A Escola de Farmácia de Ouro Preto: a memória sublimada**. São Paulo: Metalivros, 2019.

GOMES, Wagner Matias. **Conservação Preventiva e suas aplicações: análise das fotografias da galeria dos ex-alunos do Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto**. Universidade Federal de Ouro Preto.TCC. 2018.

GUIMARÃES, Igor Lacerda. **Fontes luminosas e conservação de acervo: o caso dos quadros de formandos da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto**. Universidade Federal de Ouro Preto.TCC. 2018.

HOTTES, Sarha Dias. **Reflexão sobre documentação museológica: uma análise das fichas de registro e documentação da coleção de medicamentos do Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto**. Universidade Federal de Ouro Preto.TCC. 2019

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. **Home**. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br>>. Acesso em: 20 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. **Museus em números**. Vol. 1. Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. **Subsídios para a elaboração de planos museológicos**. Instituto Brasileiro de Museus, 2016.

JORNAL ESTADO DE MINAS, **A Escola de Farmácia**. Edição 21 de Abril de 1968

LISBOA, Carlos Eduardo. DORES, Rosana Gonçalves Rodrigues das. GODOY, Victor Vieira de. **Organização da Memória da Escola de Farmácia de Ouro Preto**. Ouro Preto, Julho de 1998.

LOURENÇO, Marta C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. **Museologia e Patrimônio**, v.2, n.1, 2009, p.47-53. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25>>. Acesso em: 25 maio 2021

NETO, João Soares da Silva. **Fármacos e medicamentos do acervo do Museu de Pharmacia da UFOP (MPh/UFOP):** análise comparativa de aspectos farmacológicos abordados no início do século XX e atualidade. Universidade Federal de Ouro Preto.TCC. 2022.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento estratégico:** conceitos, metodologias e práticas. São Paulo. Editora Atlas, 2007

**Plano Museológico do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Rodrigues Cabral,** 2016. Disponível em <https://museu.ufsc.br/files/2016/03/Plano-MuseologicoMARquE.pdf>

**Plano Museológico do Museu de Ciências Naturais CECLIMAR.** Disponpivem em [https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2019/10/PLANO-MUSEOL%C3%93GICO-MUCIN-2019\\_2022.pdf](https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2019/10/PLANO-MUSEOL%C3%93GICO-MUCIN-2019_2022.pdf), 2019.

**Plano Museológico dos museus de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.** Disponível em <https://www.ufmg.br/mhnjb/wp-content/uploads/2018/09/PlanoMuseologico27102015.pdf>, 2015.

RAMOS, Ana Ligia Campos. **Acessibilidade no Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto-** uma proposta de implementação de recursos acessíveis. Universidade Federal de Ouro Preto. TCC. 2019.

**Relatório Final Grupo De Trabalho Interministerial Sobre Museus Federais .** Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/Relatorio\\_2524722\\_Relatorio\\_Final\\_GTI\\_Museus\\_\\_1\\_.pdf?1625004235](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/Relatorio_2524722_Relatorio_Final_GTI_Museus__1_.pdf?1625004235)

**Resolução nº 208, de 07 de abril de 1841.** São dispensados do exame exigido pela Lei n. 140 os farmacêuticos, que tiverem exercido constantemente esta profissão por seis anos contados até a promulgação da mesma lei. LM-0240, Tomo 7, parte I, p.36-37. Disponível em: <[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis\\_mineiras/brtacervo.php?cid=746](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras/brtacervo.php?cid=746)>. Acesso em: 20 Out. 2022.

RIBEIRO, Emanuela Sousa et al. Museus e patrimônio cultural universitário: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. In: ARAÚJO, Bruno Melo de *et al* (org). **Museologia e suas interfaces críticas:** museu, sociedade e os patrimônios. Recurso eletrônico. Recife: Ed. UFPE, 2019.

SANTOS, W; GRABE-GUIMARÃES, A. A Glimpse on a Brazilian Pharmacology Bibliography of the Early-20th Century **Revista Brasileira de História das Ciências**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.256-269, jul-dez, 2019. Disponível em: <[https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=2871](https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2871) >. Acesso em: 20 out. 2020.

SANTOS, Weillher Paulo dos. **Farmacologia no Brasil baseada no acervo bibliográfico do Museu da Pharmacia da UFOP.** Universidade Federal de Ouro Preto.2019.

SILVA, Guilherme Tavares da. **Segurança em museus:** sistema de prevenção e combate a

incêndio do Museu da Farmácia da UFOP. Universidade Federal de Ouro Preto.TCC. 2022.

SOUZA, Luiz Fernando; BORGES, Ingrid da Silva. **Os modelos anatômicos do Dr. Auzoux, na Universidade Federal de Ouro Preto**. Alemur, vol.5, 2020, p. 76-82. Disponível em:

<<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/alemur/article/view/4160/3431>>. Acesso em: 20 out. 2020.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **Acórdão 1.243/2019-TCU-Plenário**. Processo TC 041.083/2018-0. Relator: Ministro André Luís de Carvalho. Sessão de 29 maio 2019.

TRINDADE, Silvana Cançado. **Planejamento Museológico**. Caderno 02. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura. Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Museu de História Natural e Jardim Botânico. **Plano Museológico**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/mhnbj/wp-content/uploads/2018/09/PlanoMuseologico27102015.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano Museológico Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Rodrigues Cabral 2016-2021**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2016. Disponível em <<https://museu.ufsc.br/files/2016/03/Plano-Museol%C3%B3gico-do-MArqueE.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **História da UFOP**. UFOP Disponível em:<<https://ufop.br/historia-da-ufop>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Resolução Cuni 1.284**, de 21 de novembro de 2011,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Escola de Farmácia**. Home. Disponível em: <<https://escoladefarmacia.ufop.br/>>. Acesso em: 20 out. 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Museu Nacional**. Disponível em: <<https://www.museunacional.ufrj.br/index.html>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano Museológico Museu de Ciências Naturais CECLIMAR/UFRGS 2019-2022**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível [https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2019/10/PLANO-MUSEOL%C3%93GICO-MUCIN-2019\\_2022.pdf](https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2019/10/PLANO-MUSEOL%C3%93GICO-MUCIN-2019_2022.pdf)

**VI Fórum Permanente de Museus Universitários** <https://vifmu.ufpr.br/portal/>

[https://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/////LEIS/L8443.htm](https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/////LEIS/L8443.htm)

<https://www.ashmolean.org/>

<https://rbcmu.com.br/>

**APÊNDICE**

Ebook Roteiro Elaboração Plano Museológico. Disponível em  
<https://www.livrosdigitais.org.br/livro/206263N4DX8ZMJ5?page=0>



**ANEXO I**

Memorando nº XXX

Ouro Preto, XX de \_\_\_\_\_ de 2022

Ao Conselho Acadêmico e Administrativo do Museu da Farmácia

Assunto: Plano Museológico do Museu da Farmácia

Prezados,

Sabendo da necessidade de criação e implantação do Plano Museológico conforme determinação da Lei 11.904 de janeiro de 2009, solicito a este Conselho que analise o documento anexo a este memorando e que dê os encaminhamentos para que seja criada a comissão de implantação do plano museológico.

Atenciosamente,

Ingrid da Silva Borges

Museóloga

Diagnóstico para elaboração do Plano Museológico do Museu da Farmácia

## Lista de Imagens

Imagem 1: Quadro de Formandos de 1888 .....	09
Imagem 2: Cartaz da Exposição Caminhos da Escola de Farmácia .....	10
Imagem 3: Recorte de Jornal Estado de Minas Edição de 21 de Abril de 1968 .....	14
Imagem 4: Página do Catálogo da Fundação Roberto Marinho.....	15
Imagem 5: Fotografia dos congressistas mineiros de 1891 .....	20
Imagem 6: Prédio da Escola de Farmácia 1905 .....	21
Imagem 7: Prédio da Escola de Farmácia 1920 .....	21
Imagem 8: Prédio da Escola de Farmácia 1960 .....	22
Imagem 9: Construção da quadra poliesportiva 1960 .....	22
Imagem 10: Exposição do Museu na década de 90 .....	23
Imagem 11: Planta baixa prédio principal 1º andar .....	24
Imagem 12: Planta baixa prédio principal 2º andar .....	25
Imagem 13: Planta baixa anexo I .....	25
Imagem 14: Modelo da ficha usada no museu, preenchida para a coleção de medicamento .	36

## Sumário

1. Introdução .....	05
2. Diagnóstico institucional .....	07
2.1) Diagnóstico das forças e fraquezas .....	26
3. Diagnóstico para os programas .....	27
3.1)Diagnóstico Institucional .....	27
3.2)Diagnóstico do quadro de pessoal do Museu da Farmácia .....	32
3.3)Diagnóstico do Acervo .....	34
3.4)Diagnóstico das exposições .....	38
3.5)Diagnóstico do educativo e cultural .....	39
3.6)Diagnóstico da Pesquisa .....	40
3.7)Diagnóstico Arquitetônico-urbanístico .....	42
3.8)Diagnóstico de Segurança .....	42
3.9)Diagnóstico da comunicação institucional .....	43
3.10)Diagnóstico da Acessibilidade Universal .....	43

## Introdução

Este documento tem por objetivo servir como base para a construção do Plano Museológico do Museu da Farmácia. De acordo com a Lei 11.904 de janeiro de 2009 nos artigos 44 e 45 o Plano Museológico deve ser elaborado e implementado por todo Museu e é uma ferramenta básica de planejamento estratégico, que sistematiza o trabalho interno e a atuação junto à sociedade.

Hoje o Museu da Farmácia não dispõe deste instrumento, sabendo da sua complexidade e da necessidade de envolvimento de diversos atores, a partir do roteiro proposto na dissertação “Roteiro Para Elaboração do Plano Museológico: O Museu da Farmácia como exemplo de aplicação”, elaboramos este pré documento e sugerimos que seja criado um grupo de trabalho que possa desenvolver para o Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto esta ferramenta tão importante para o presente e futuro do Museu.

Para a construção do Plano Museológico, e considerando o atual organograma da UFOP, aprovado pela Resolução CUNI 2.304 de 08 de outubro de 2019, sugerimos um grupo de trabalho inicial composto por:

- Membros do Conselho Acadêmico e administrativo do Museu. De acordo com o Regimento interno do Museu são 13 representantes dos seguintes setores: Conselho Universitário, Diretor da Escola de Farmácia, Conselho Departamental da Escola de Farmácia, Associação dos ex-alunos da Escola de Farmácia, Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, Departamento de Museologia, Departamento de História, Servidor da área de Preservação, Servidor ou Colaborador lotado no Museu, Arquivo Central, Bibliotecário da Escola de Farmácia, Museólogo da Escola de Farmácia, Discente do Centro Acadêmico de Farmácia, o que já engloba um grande número de profissionais e representações que podem em muito contribuir com o Plano Museológico.
- um representante da Diretoria de Comunicação Institucional, responsável pela comunicação institucional terá papel importante nos programas institucional, de exposições, educativo e cultural e de comunicação.

- dois representantes da Pró-reitoria de Extensão, setor responsável pela elaboração e implementação das políticas de extensão e cultura da UFOP; tem na sua missão e valores preceitos que deverão estar presentes nas ações do Museu. Também é o setor que mais conversa com o Museu quanto à sua interação com a comunidade.
- um representante da Pró-reitoria de Graduação; Responsável pelas Políticas de Graduação da UFOP; contribuirá na construção da relação do Museu com os cursos de Graduação enquanto local de ensino ativos para as mais diversas áreas do conhecimento. Contribuirá principalmente nos programas de pesquisa, educativo e cultural.
- um representante da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação; responsável pelas políticas de pós graduação, pesquisa, inovação e ética da UFOP; contribuirá na relação do Museu com estas áreas e na elaboração de ações específicas, principalmente nos programas institucional, de pesquisa, exposições e de comunicação.
- dois representantes da Pró-reitoria de Orçamento, Planejamento e Administração; ligados a diferentes coordenadorias ; órgão executivo ligado à Reitoria tem em como missão “Contribuir para a melhoria da Gestão e Desenvolvimento Institucional”; poderá contribuir nos programas institucional, de gestão de pessoal, arquitetônico, de financiamento e fomento e de segurança.
- um representante da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas; Responsável pelas políticas voltadas para gestão de pessoal; poderá contribuir nos programas institucional e de gestão pessoal.
- um representante da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis: responsável pela permanência e bem estar da comunidade acadêmica, poderá contribuir nos programas institucional, de gestão de pessoas, educativo e cultural e de acessibilidade universal.
- um representante do Centro Acadêmico do Curso de Museologia; hoje a quase totalidade de alunos envolvidos em projetos do Museu são do Curso de Museologia e a presença dos alunos do curso na elaboração do Plano Museológico será de grande contribuição. Eles poderão contribuir em todos os programas, e poderá ser estudada a possibilidade de haver mais de um representante.

- um representante do Núcleo de Educação Inclusiva: responsável pela garantia do direito acesso universal, será primordial nas construção dos programas de gestão de pessoas, exposição,educativo e cultural, comunicação e acessibilidade universal.

Destacamos que o plano deve ser um documento exequível e que deve condizer com a realidade e planejamento institucional, por isso a necessidade e importância destes representantes e de outras indicações que apresentem ser necessárias durante a construção deste documento.

## 2. Diagnóstico institucional

A seguir apresentaremos um diagnóstico do Museu da Farmácia que foi construído já considerando a estrutura do plano museológico e poderá ser utilizado na sequência dos trabalhos. Este se dividiu em duas partes, na primeira iremos realizar uma contextualização histórica do museu fazendo uma breve reflexão das suas forças e fraquezas atuais.

Na segunda um diagnóstico por áreas, seguindo a estrutura do plano museológico e organizada de acordo com os programas e com sugestão de projetos a serem executados.

### 2.1) Histórico do Museu da Farmácia

O histórico aqui apresentado se dividiu em conhecer primeiro a instituição de origem do Museu que é a Escola de Farmácia e na sequência o Museu e o prédio ao qual está inserido.

#### A Escola de Farmácia

A Escola de Farmácia de Ouro Preto (EFAR) é uma unidade integrada à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Porém, a sua história precede a desta Universidade e se destaca dentro da História da Educação no Brasil. Marco de um pioneirismo e um arroubo da Província Mineira, Godoy (2019) descreve a criação da Escola como uma “Ousadia nas montanhas”. Em 04 de Abril de 1839 era publicada a Lei n.140, da Província de Minas Gerais, que continha 21 Artigos e criava duas escolas de Farmácia, uma em Ouro Preto e outra em São João Del Rei.

A trajetória da Escola de Farmácia em Ouro Preto é rodeada de fatos e histórias que a tornam sua trajetória única. Já na sua criação, para que pudesse iniciar as aulas, sem contar com prédio ou estrutura própria, as suas atividades foram vinculadas ao Colégio Ouro Preto, instituição de ensino criado no mesmo ano da Escola, porém com o objetivo de oferecer melhores condições de formação para os jovens da província. A aula inaugural da Escola de Farmácia, aconteceu no dia 07 de setembro de 1840 ( Godoy, 2019, p.99).

A criação da Escola está estreitamente ligada a regulamentação da Profissão de Farmacêutico, de acordo com a Lei 140 de 04 de Abril de 1839, seriam considerados Farmacêuticos aqueles, mesmo já estabelecidos, que frequentasse um ano de aulas em uma escola de farmácia, passasse nos exames e tivessem comprovados 02 anos de práticas em um farmácia legalmente estabelecida. Esta exigência criou dificuldades para os profissionais, assim em Abril de 1841 foi publicada a resolução 208 em que aqueles que comprovarem exercício constante da profissão por seis anos antes da Lei 140 seriam dispensados dos exames (Ramos, 1989, p. 35 e 36).

Inicialmente as aulas da EFAR eram distribuídas em dois anos de aulas em que eram oferecidas quatro disciplinas “no 1º química e farmácia, regidas as cadeiras por Arieira, e no 2º matéria médica e botânica, regidas, por Cabral” e o aluno precisava durante este período realizar prática em uma farmácia da cidade. A primeira reformulação aconteceu com Joaquim Floriano de Godoy, que durante os anos de 1872 e 1873, foi o governador da Província de Minas Gerais.

No curto mandato em Minas Gerais, Floriano de Godoy teve como meta “[...] estimular o espírito público, e sem estorvar ou mistificar, secundemos as inspirações da época, fazendo pouco, mas bom e sensato [...]” e tornou efetiva a reestruturação do ensino na Província de forma inovadora... Já o regulamento nº65 da Instrução Pública, assinado em 16 de agosto do mesmo ano (1872), reorganizou o curso de Farmácia, que foi ampliado e dividido em 3 anos, com as seguintes disciplinas: 1º - Química e Botânica; 2º - Física e Mineralogia; 3º - Farmácia e Matéria Médica.

(Godoy, 2019, P. 134)

Nesta reorganização foram montados os primeiros laboratórios de química e física, foi criado um jardim para cultivo de plantas medicinais, as aulas foram transferidas para um novo

prédio e novos professores foram contratados. Tais mudanças culminaram em uma nova dinâmica para a Escola que ganhou autonomia e força para sua sobrevivência.

Novas conquistas ajudaram a escola a se fortalecer. Mesmo ainda sem um prédio próprio, a estrutura acadêmica e administrativa começou a ganhar corpo e em 1883, um novo regulamento estabelece que “[...] a Escola ficaria sob a direção e fiscalização de um Diretor, escolhido entre os professores e nomeado pelo Presidente da Província (Godoy, 2019, P.151) além de estruturar a Congregação, possibilitar a contratação de um corpo administrativo de secretários, porteiro e servente.

A Escola passa a receber muitos alunos. Desde sua criação até 1889, aproximadamente 669 alunos tinham sido diplomados, o que representava para o País, novos profissionais de destaque que se espalharam por todo o território, possibilitando uma melhora na assistência à saúde.



Imagem 1: Quadro de Formandos de 1888 – Acervo Museu da Farmácia

A trajetória da escola ganha um novo capítulo junto com a Proclamação da República, em 1889. A EFAR passava por prédios sem estrutura, com os laboratórios precários e muitas críticas eram feitas. Um grupo de alunos manifestou sua insatisfação em uma carta endereçada ao Governador de Minas, em 05 de janeiro de 1891 “É para lastimar-se que a referida Escola além de não possuir edifício onde possa funcionar com o avultado número de alunos que conta, não tenha sequer um laboratório no qual possamos por em prática as teorias que aprendemos” (Godoy, 2019, p.187).



Imagem 2: Cartaz da Exposição Temporária promovida pelo Museu da Farmácia em 2016 com a trajetória da EFAR nos prédios da cidade.

Estes esforços de alunos e professores deram resultado e foi destinado à Escola um novo orçamento para compra de materiais e equipamentos. Além disto, dentro da reestruturação da ocupação dos prédios da cidade por conta da mudança do regime, o então governador Antônio Augusto de Lima, como um de seus últimos atos, destinou para a Escola o prédio onde funcionou o Congresso do Estado.

Uma sede significava um encontro com um lar, com todo seu significado afetivo: além de pedra, cal, madeira e aço, suas paredes estariam impregnadas das alegrias, tristezas, esperanças, fracassos,

conquistas e outros elementos que iriam configurar o seu papel de Alma Mater da Farmácia no Brasil. (Godoy, 2019, p.191).

É com este espírito que a Escola se estabelece, as transformações acadêmicas ganham destaque e novos laboratórios foram implementados. No novo currículo estabelecido pelo decreto nº 600, de 02 de Janeiro de 1893, a escola deveria ter os seguintes gabinetes e laboratórios: “Física Experimental, Fisiologia Experimental, Botânica e Zoologia, Matéria Médica, Química Inorgânica, Química Orgânica e Biológica, Química Analítica e Toxicologia, Anfiteatro de Anatomia e Oficina de Farmácia.” (Godoy, 2019, p.192).

Este mesmo decreto trouxe uma mudança de grande importância na formação com a possibilidade de obtenção do Diploma de Farmacêutico para quem fizesse o curso em três anos e o de Bacharel em Ciências Naturais e Farmacêuticas para quem cursasse o 4º ano e defendesse tese.

Foi neste prédio que a escola pode se estabelecer e ser uma instituição de referência no ensino. Aulas teóricas e práticas ganharam corpo e em 1889 uma biblioteca foi criada. Depois de 54 anos de criação, em 1893, a Escola teve a sua primeira solenidade de comemoração de aniversário, uma tradição que se estabelece até os dias atuais.

O prédio, ao longo dos anos, ganhou novas configurações. Em 1912, já contava com um anexo construído para abrigar laboratórios. Em 1920, ganhou uma ampliação no segundo andar para abrigar a Sala da Congregação e a Diretoria.

A virada de século trouxe novos desafios. Em 1908, em Ouro Preto, foi criado por iniciativa dos professores da Escola de Farmácia o Instituto Profissional Domingos Freire que oferecia os cursos de Odontologia, Obstetrícia e cursos preparatórios. Segundo Godoy, o curso de Obstetrícia durou 2 anos, o preparatório 07 e o de Odontologia foi anexado à Escola de Farmácia e encerrou suas atividades em 1927.

De acordo com os registros do Museu da Farmácia o número de alunos formados até a segunda metade do século XX era de 1765 alunos que exerceram a profissão e foram agentes de mudança na saúde por todo o país além de exercerem cargos políticos e de importância nos locais ao qual regressavam.

Além de destaque nos locais para o qual retornavam os ex-alunos e professores da Escola foram fundamentais na regulamentação da Profissão Farmacêutica e no desenvolvimento científico do país, visto que muitos estiveram à frente da criação de

inúmeros estabelecimentos de ensino, da criação e desenvolvimento de laboratórios e na indústria farmacêutica.

A gestão administrativa da EFAR sempre foi pautada em superar desafios, principalmente na obtenção de recursos, uma solução buscada e conquistada foi a da Federalização, que depois de um longo caminho foi conquistada em 1950.

Em 1950, a Escola de Farmácia de Ouro Preto regozijava-se por conseguir melhores perspectivas de vida, agora sob as asas do Governo Federal. [...]

[...] Repetindo o que havia acontecido quando conseguiu sede própria, no final do século XIX, iniciou-se outro período tranqüilo e produtivo. A Escola se firmava como referência para a população, que a procurava para visitar a biblioteca e os laboratórios com equipamentos exóticos, bem como para identificar plantas e animais e fazer exames clínicos e toxicológicos. (Godoy, 2019, p.281).

Este novo fôlego orçamentário fez crescer o curso e a Escola, que se adequando às novas possibilidades da profissão farmacêutica incorporou no seu currículo, novas disciplinas e pode crescer fisicamente. O prédio passou por uma ampla reforma quando aconteceu a ampliação do segundo andar e foi criado o Instituto Farmacêutico e Bioquímico (Dias, 1989,p. 51), local que passou a ser referência na cidade de Ouro Preto por serviços prestados através do Laboratório Piloto de Análises Clínicas (LAPAC) que está, até hoje, em funcionamento no anexo construído no mesmo período.

Em meio a este crescimento e fortalecimento a escola se depara com um novo capítulo, de acordo com Godoy, em 1968, o regime Militar promoveu a reforma Universitária e a Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, determinava que os estabelecimentos de ensino isolados deveriam ser incorporados às universidades existentes ou se juntarem a outros estabelecimentos isolados. Neste momento se apresentam duas opções: a escola ser transferida para a Capital e se vincular a Universidade Federal de Minas Gerais, ou ser criada na cidade de Ouro Preto uma universidade a partir das duas escolas autônomas ali existentes.

Dentro desta prerrogativa, foi criada uma comissão mista com representantes da Escola de Farmácia e da Escola de Minas e foi iniciado o movimento para a criação da Universidade Federal de Ouro Preto. Assim, em 21 de Agosto de 1969, foi criada pelo decreto lei nº 778 a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

A Escola deixa de ser autônoma e passa a integrar a Universidade, apresentando-se um novo capítulo na sua história. A EFAR nestes 50 anos de UFOP continuou a crescer e ser referência no Ensino Superior de Farmácia. Para continuar a trilhar este caminho de sucesso, em 2013, foram concluídas as obras de um novo prédio no Campus Morro do Cruzeiro para onde as atividades acadêmicas e administrativas da Escola foram transferidas. Assim, o prédio que abrigou por 120 anos a Escola, passa a ser totalmente ocupado pelo Museu da Farmácia que ganhou força e espaço.

### O Museu da Farmácia

Como é possível perceber, ao longo da trajetória da Escola de Farmácia a federalização ocorrida na década de 1960 foi grande impulsionador para o desenvolvimento da instituição e é nesse contexto que surge o Museu da Farmácia.

Na época (1966), o Diretor Vicente Ellena Trópia adquiriu do antiquário Isaac Babsky o mobiliário pertencente à antiga Pharmácia Magalhães, que funcionou em Ouro Preto no final do século XIX. O proprietário foi o farmacêutico Antônio de Magalhães Gomes, formado na Escola em 1870 e pai do ex-diretor da escola Alberto de Magalhães Gomes. Esse equipamento foi adaptado a uma pequena sala e reproduzia parte do ambiente original: uma balaustrada separava um espaço com armários de madeira contendo potes de faiança com nomes de matérias-primas e medicamentos antigos. A maioria dos potes foi proveniente da Farmácia Magalhães; outros contendo reagentes químicos, drogas e extratos, vieram da antiga Farmácia da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto da antiga Farmácia do ex-Professor Horácio dos Santos. Ao local foi dado o nome de Museu da Escola de Farmácia, que era aberto por ocasião das festividades de comemoração do aniversário da escola e para parques visitantes atraídos pela menção a “museu” em alguns guias de turismo da cidade. A chave ficava na portaria sendo o próprio porteiro encarregado de acompanhar os visitantes. (Godoy, 2019, p.295)

A história do Museu da Farmácia possui uma grande lacuna e em publicações sobre a Escola esta é uma das poucas referências. Tendo como base esta citação de Godoy (2019) e sabendo que a gestão do Professor Vicente Ellena Trópia como diretor foi entre os anos de

1966 a 1970 (Dias, 1989, p.84) realizamos uma busca nos documentos do período e pudemos estabelecer a data de abertura oficial do Museu no dia 04 de abril de 1968, nas comemorações de 129 anos da Escola de Farmácia.

No Relatório de Gestão (Anexo I) do ano 1968 enviado à Diretora do Ensino Superior, Dra. Elsa Nogueira Gomide do Ministério da Educação e Cultura, no Capítulo II – Administração e Diretoria, na página 8 têm a seguinte descrição do Museu e de uma Farmácia Exposição nas dependências da Escola:

MUSEU FARMÁCIA - foi organizada, com móveis, peças, aparelhos e utensílios constantes do acervo da Escola, uma belíssima Farmácia Museu, protótipo de uma Farmácia do século XVIII a qual constitui um ponto de atração para todos quantos a visitam.

FARMACIA EXPOSIÇÃO – Foi organizada, no Saguão de entrada da Escolas, dois grandes armários de Pinho de Riga, uma Farmácia Exposição, contendo grande quantidade de medicamentos doados pelas Indústrias Farmacêuticas do País. A Literatura daqueles medicamentos encontra-se catalogada na Biblioteca da Escola, à disposição de todos os interessados. A montagem desta Farmácia tem por finalidade colocar os alunos em permanente contato com os produtos farmacêuticos, sua forma, fórmula e preparação.” ( Anexo I – Relatório de Gestão 1968 – Pág. 8)

Podemos entender que a criação do Museu não foi um ato isolado, mas que teve repercussão e influência mais ampla incluindo a cidade de Ouro Preto e o seu contexto político e cultural.

Em um recorte do Jornal Estado de Minas, edição de 21 de abril de 1968, o Museu é nomeado como “Museu da Botica” e dá destaque para as peças ali expostas.

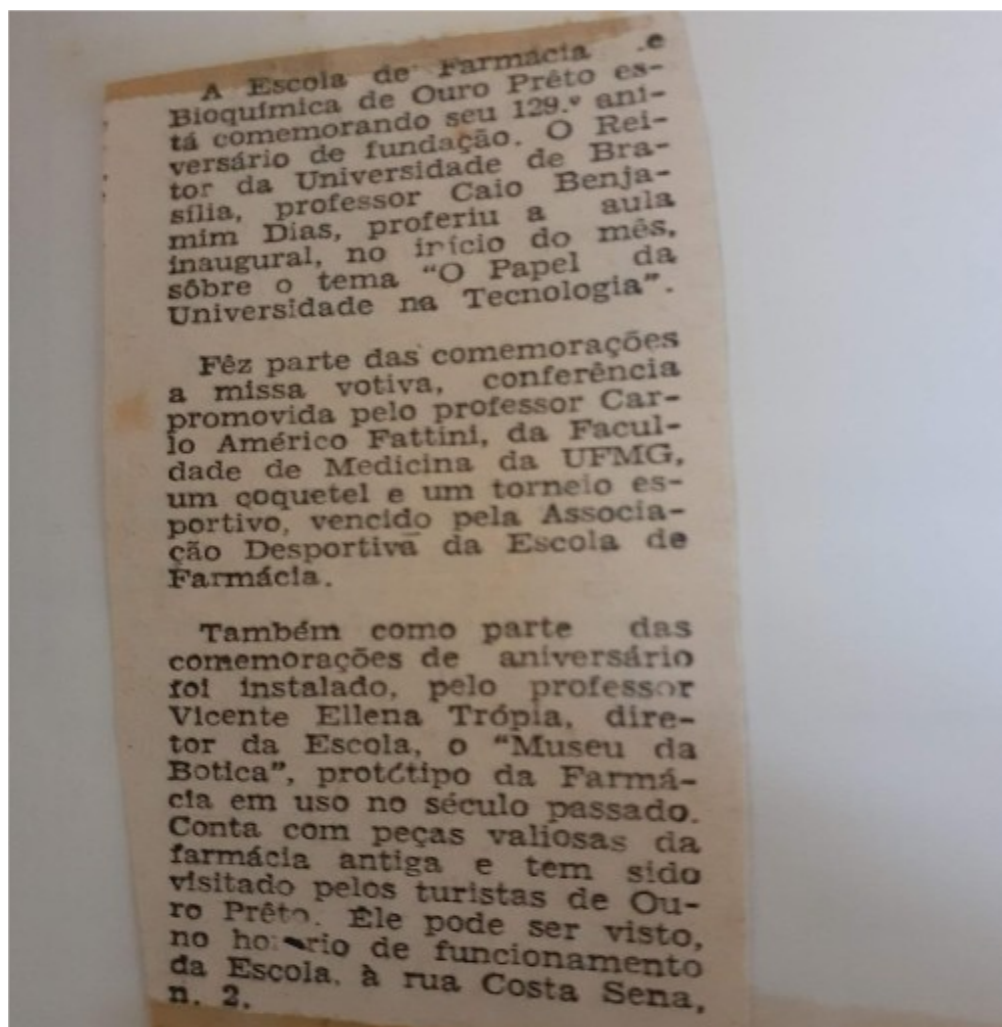


Imagem 3: Recorte de Jornal Estado de Minas Edição de 21 de Abril de 1968 – Acervo do Museu da Farmácia.

Nos documentos do ano de 1969, conseguimos encontrar um intitulado “Uma Escola Moderna em uma Velha Cidade” em que há um longo trecho falando do Museu e de seus objetivos. Nele percebemos a importância deste acervo, já em 1969, para a história da Profissão Farmacêutica.

O acervo documental do Museu da Farmácia ainda está em processo de organização, o que dificulta a pesquisa. Desta forma, não foi possível continuar a buscar ano a ano por referências ao Museu. Optamos por analisar aqui documentos que referenciam momentos chave, e que já haviam sido separados em outras oportunidades, e ajudam a compreender a história da instituição. Estabelecida a data de criação do Museu, sabemos que ele se manteve montado em uma sala e podia ser visitado principalmente pelos alunos, professores e autoridades.

Em 1981, a Fundação Roberto Marinho foi responsável pela realização do 1º Inventário do Acervo Cultural Farmacêutico no Brasil e o acervo da Escola de Farmácia – Museu da Farmácia de Ouro Preto, integrou este inventário. Do resultado deste trabalho há no Museu um catálogo completo com cópia das fichas e relações dos acervos levantados.

Nos acervos listados são relacionados mobiliários, frascos, potes, equipamentos farmacêuticos e uma grande relação de livros. As fichas utilizadas possuem campos de informação como a identificação, as características, a descrição, entre outras informações que podem contribuir no processo de identificação e preservação do acervo.

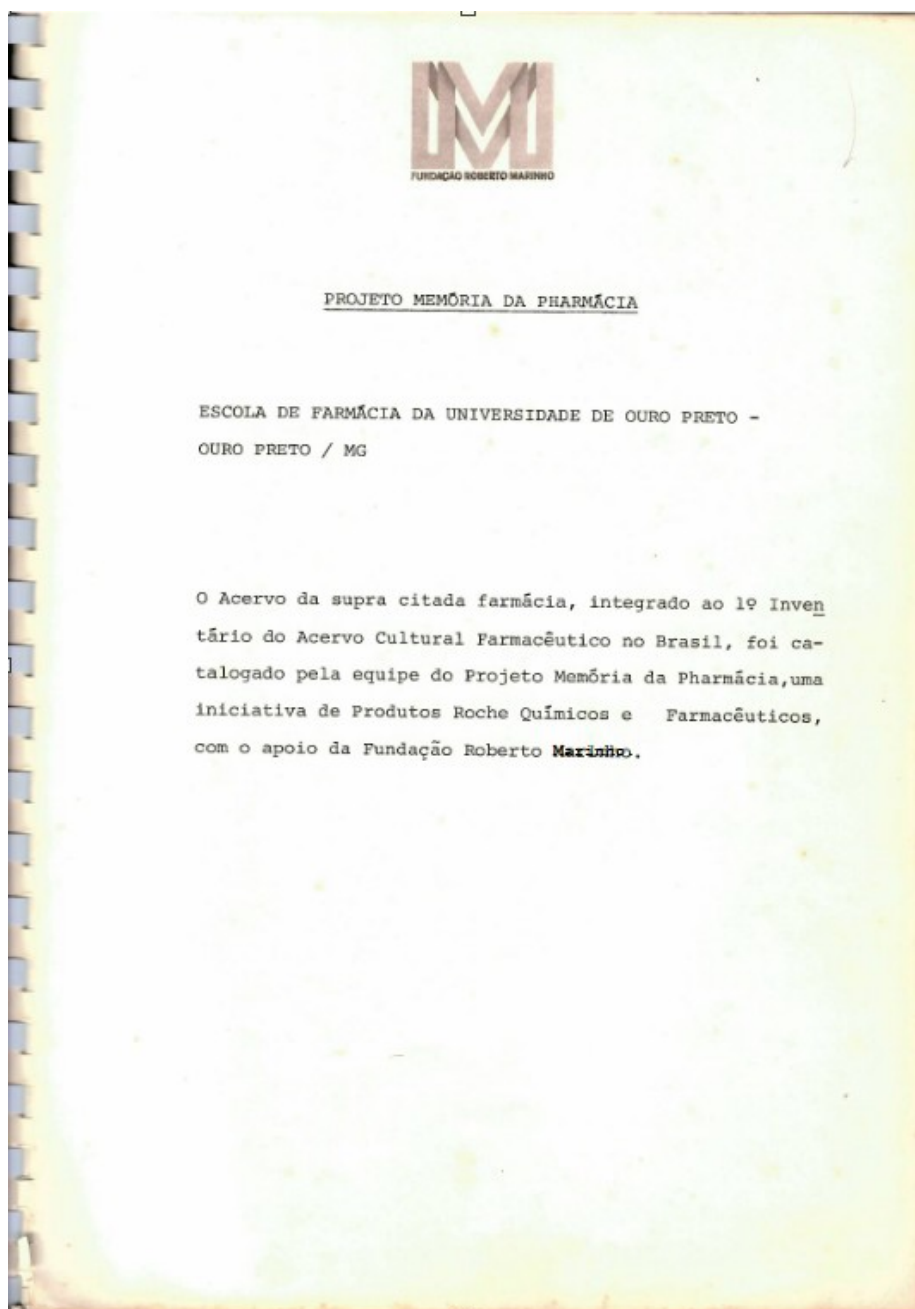


Imagem 4: Página do Catálogo da Fundação Roberto Marinho.

Os trabalhos referentes ao acervo do Museu da Farmácia foram sempre constantes, mesmo nos momentos em que não houve abertura ao público. Em 1986 houve uma iniciativa em transformar a exposição em um Museu Histórico e Didático, o projeto seria uma cooperação institucional e seria realizado em parceria com o Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) e com o Instituto de Ciências Exatas e Biológicas (ICEB, porém não chegou a ser executado.

Entre os anos de 1991 e 1993 um projeto foi organizado e desenvolvido pelo Professor Ronald Polito do departamento de história, este projeto previa ações de preservação, conservação e organização de diferentes tipologias de acervos e teve como resultado uma exposição nas comemorações dos 153º Aniversário da Escola. Neste trabalho as principais ações desenvolvidas foram o diagnóstico do estado de conservação do acervo bibliográfico e de desinfestação do acervo museológico.

Podemos perceber que as ações sempre aconteceram e apesar da visitação pública não acontecer de forma contínua a preservação do acervo e da história sempre esteve presente. O MF tem a sua primeira comissão instituída em 1995, o que fortalece os trabalhos e culmina no trabalho realizado em 1998, onde foi organizado pelos Professores Carlos Eduardo Lisboa, Victor Vieira de Godoy e pela Farmacêutica Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres um documento que se encontra nos arquivos do Museu intitulado "Organização da Memória da Escola de Pharmácia de Ouro Preto".

Este documento nos apresenta três frentes de atuação da instituição sendo eles o arquivo, o acervo Bibliográfico e o Museu que tinham os seguintes objetivos:

Objetivos gerais:

- Promover a democratização do conhecimento
- Buscar integração entre educação, cultura, lazer e turismo
- Estimular atitude preservacionista da população visando conservar e promover seu patrimônio
- Desenvolver atividades técnico-científicas como preparo de coleções, classificação e documentação de elementos, pesquisa de objetos e métodos de sua conservação, restauração e armazenamento.

- Contribuir para a instrumentalização e a capacitação de quadros técnicos locais.
- Planejar e desenvolver exposições permanentes e temporárias
- Promover intercâmbio com escolas e outras instituições congêneres.
- Facilitar a informação e a documentação necessárias para a pesquisa histórica;

Um documento ambicioso para o ano, já previa a ocupação de todo o prédio por exposições, reservas técnicas, acervo, biblioteca e arquivo. O planejamento proposto se dividia em 5 fases até a ocupação total do prédio, prevendo um trabalho de longo prazo envolvendo profissionais das áreas de arquivologia, biblioteconomia e museologia.

A primeira fase que foi executada foi a organização da “mostra permanente sobre o Ensino e Prática Profissional de Farmácia em Ouro Preto no final do séc. XIX e início do séc. XX”. Além do mobiliário da Farmácia Magalhães e dos acervos levantados pela Fundação Roberto Marinho, outros acervos foram recolhidos pela escola. Entraram nesta exposição: mobiliário, equipamentos de ensino de física, química e biologia, moldes anatômicos, animais taxidermizados, vidrarias, medicamentos, quadros e outros acervos que foram coletados principalmente nos laboratórios.

Além da exposição o documento previa também uma proposta educacional que teria como fio condutor a fabricação de um medicamento, partindo da identificação da matéria prima até o produto final. A metodologia proposta contém um exemplo que possibilita entender o quão rico esta ação seria e dela se ramificaram outras ações como seminários, palestras, cursos e uma parceria com outro projeto existente na cidade que era desenvolvido pelo Museu da Inconfidência, o Projeto Ludomuseu.

A recepção da Escola passou a ser a entrada do Museu e foi adequada para receber o visitante, sendo incluídos um balcão e um guarda volume. Devido ao espaço reduzido ficou definido que o Museu receberia um número de até 10 visitantes por vez. Nesta configuração, nas comemorações do aniversário, em 04 de abril de 1998 a exposição foi aberta à visitação.

Neste período houve também uma prévia organização do acervo bibliográfico que, segundo o documento, seriam 3000 livros que estariam parcialmente inventariados e acondicionados nas estantes que remetiam à primeira configuração da Biblioteca da Escola.

A Escola de Farmácia além de ser a unidade mais antiga da Universidade se destaca também por ser um local de acolhimento para outros cursos que foram sendo criados e, é com este espírito acolhedor, que em 2008, a Escola passa a receber as aulas do Curso de Museologia.

O Curso de Museologia da UFOP foi criado dentro do Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI), sendo o primeiro do Brasil com funcionamento noturno e tem como laboratórios de atuação os Museus ligados à UFOP, sendo fundamental para o desenvolvimento destas instituições, prova disto é que em 2008 o Museu da Farmácia, estava recebendo apenas visitas agendadas, mas o início do curso abriu portas para que um trabalho de manutenção da exposição, pesquisas sobre o acervo e reestruturação para a abertura do Museu fossem iniciados

O Museu ganha novos ares com o desenvolvimento de atividades internas e em 2010, unificando esforços e contando com o apoio da Reitoria da UFOP e de diversos profissionais da área museológica em Ouro Preto, foi formada uma Comissão que teve como objetivo principal abrir, permanentemente, o MPh/UFOP à visitação pública.

A partir daí, foram desencadeadas ações sistemáticas de conservação e proteção dos acervos, melhorias na disposição da exposição, inventário, restauração do acervo, criação de um projeto arquitetônico e contratação de pessoal para gerir e receber os visitantes.

Dessa forma, e após anos fechado à visitação pública, em 4 de abril de 2011 – data em que também se comemorou o 172º aniversário da Escola de Farmácia – o museu foi reaberto, oferecendo a Ouro Preto mais um museu para seu circuito cultural e educativo. Neste ano foi aprovado também pela Resolução Cuni 1284, de 21 de novembro de 2011, o regimento interno do Museu.

O Museu passa a ganhar espaço dentro do prédio, que estava em processo de desocupação pela Escola. Em 2013, todas as atividades acadêmicas e administrativas da Escola de Farmácia são transferidas para novas e modernas instalações no Campus do Morro do Cruzeiro e o Museu passa a ocupar todo o edifício.

A ocupação do Prédio aconteceu de forma sistemática e as adequações vêm ocorrendo nos últimos anos. Entre os anos de 2013 e 2019 o Museu ampliou suas atividades, passou a funcionar de segunda a sexta-feira de 08h às 12h para atividades internas e de 13h às 17hs para visitação com entrada gratuita.

A exposição foi sendo ampliada. A sala montada em 1968, passou a ser duas em 1998 e readequadas, que foram adequadas em 201 e até o final de 2019 passaram a ser sete salas de exposições de longa duração. Além disso, acontece uma significativa adequação dos espaços utilizados com a criação de uma sala para exposição temporária, um auditório, uma sala de eventos, quatro reservas técnicas, uma sala para o administrativo, uma sala para setor Educativo, um Laboratório de conservação e uma biblioteca de Obras Raras e Especiais.

A Coleção do Museu também foi ampliada com a transferência de itens, proporcionada por uma busca ativa nos laboratórios e grande parte dos modelos de ensino, equipamentos científicos e vidrarias que foram sendo usados e modernizados ao longo do anos, passaram a integrar o acervo do Museu. Outras unidades da Universidade passaram a enviar acervos históricos para o Museu, como foi o caso dos modelos de ensino de anatomia Humana que se encontravam no Laboratório de Anatomia da Escola de Medicina e que foram transferidos para o Museu, em 2018.

Em 2015, foi realizado o concurso para Museólogo na UFOP e no mesmo ano a primeira nomeação de um Profissional Técnico que foi lotado no Museu. As atividades passaram a ser ampliadas, dois Projetos de Extensão vem acontecendo de forma contínua no Museu desde 2016 e tem possibilitado a ampla divulgação da coleção e desenvolvimento de ações educativas.

Em 2016, o Setor Educativo do Museu ganhou um espaço físico próprio, um antigo laboratório com bancadas e pias, onde as atividades podem ser desenvolvidas com o público infante juvenil que visita o Museu. Além disso, foram estabelecidas parcerias com as Escolas da Rede de Ensino do Município de Ouro Preto o que resultou em diversas atividades que foram desenvolvidas com crianças de 04 a 12 anos.

A coleção passou a receber também acervos doados por ex-alunos e que são referência na história do ensino e da profissão farmacêutica. Uma grande doação recebida foi o mobiliário e materiais de uso da Farmácia Central, estabelecimento que funcionou em Ouro Preto de 1910 até o ano de 2016.

O Museu se estabelece como um local de referência para estudantes da UFOP e passou a receber alunos nos estágios obrigatórios. Além disso, suas coleções passaram a ser temas de artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações de mestrado e local de pesquisa para projetos de doutorado e pós-doutorado.

Em 2018 foi solicitado à Diretoria da Escola de Farmácia, unidade à qual o Museu está vinculada a cessão de uma parte do Museu para que fosse recebida a instalada a Biblioteca do Instituto de Filosofia da UFOP. Para que isto acontecesse duas exposições que estavam abertas à visitação tiveram que ser desmontadas e foram realizadas adequações dentro do funcionamento do Museu. Há uma expectativa que este espaço seja ocupado por esta Biblioteca de forma temporária.

O ano de 2020, iniciou com muitas expectativas para o Museu com reformas e pintura externa e interna do prédio. Porém, em decorrência da Pandemia do COVID19, as obras e as atividades foram suspensas, até que fossem estabelecidos protocolos de trabalho.

No início de 2021, seriam retomadas as obras de pintura iniciadas em 2020. Porém, antes que isto acontecesse, uma nova obra foi iniciada. A UFOP está realizando em 07 prédios da instituição, as adequações de acessibilidade e implementação de projetos de combate a incêndio e, dentro dos prédios selecionados está o do Museu. Desta forma, nos anos de 2021 e 2022, o prédio está passando por obras que foram ampliadas além das já iniciadas em 2020.

#### Histórico do Prédio

O Museu da Farmácia está localizado no Prédio da Rua Costa Sena, 171, Centro. Buscando pela cronologia e construção do prédio, sabemos que no local onde foi construído “existia um belo pomar, uma pequena casa habitada e era conhecida como Chácara dos Monges” (p.188. Godoy,2019). De acordo ainda com Godoy,na metade do século XIX terreno foi doado à província e nele se iniciou a construção de um prédio para abrigar a Escola Normal, porém com a proclamação da República o prédio que ainda estava em construção foi adequado para abrigar o Congresso Mineiro.

Com esta ocupação há um momento histórico de destaque que é marcado por uma placa no Salão Nobre. Nela é possível ler “Nesta sala, em 15 de junho de 1891, foi solenemente jurada a Primeira Constituição Republicana de Minas Gerais. Homenagem da Escola de Farmácia aos constituintes de 1891 - 04 de abril de 1939”



Imagem 5: Fotografia dos Congressistas Mineiros de 1891 - Arquivo Público Mineiro

A Escola de Farmácia passou a ocupar o prédio da Rua Costa Sena em 1893, quando em decorrência da reforma administrativa estabelecida pela República o prédio foi destinado à escola. A sua configuração inicial é a estrutura de um andar, não se sabe se o anexo que já está presente no registro fotográfico de 1905 já integrava o conjunto em 1893 ou se foi construído para abrigar os novos laboratórios.



Imagem 6: Prédio da Escola de Farmácia em 1905. Acervo do Museu da Farmácia

A Primeira ampliação do edifício principal se deu em 1920, quando foi construída a primeira parte do segundo andar onde passa a funcionar a biblioteca, secretária e a sala da congregação.



Imagem 7: Ampliação do 2ª Andar em 1920 - Acervo Museu da Farmácia

Na década de 1960 temos a segunda ampliação do prédio principal, a construção da quadra Poliesportiva, a aquisição do terreno e a construção do Instituto de Bioquímico. Esta grande ampliação possibilitou a modernização das instalações e o início do processo de implementação do Museu, que passa a ocupar uma sala do prédio.



Imagem 8 : Segunda ampliação do andar superior 1960 – Acervo do Museu da Farmácia



Imagem 9: Construção da quadra poliesportiva 1960 – Acervo Museu da Farmácia.

É possível ver a lateral interna da Escola e os prédios que foram construídos para abrigar laboratórios. Com estas instalações durante 120 anos as atividades acadêmicas e administrativas se desenvolveram na Escola de Farmácia e durante 45 anos o Museu ocupou a pequena sala que fica à esquerda de quem entra no edifício.



Imagem 10 - Exposição do Museu década de 90

Em 2013 são concluídas as obras do novo prédio da Escola de Farmácia no Campus Morro do Cruzeiro e o Museu passa a ocupar o edifício principal e os dois anexos. O prédio do Instituto Bioquímico ainda abriga atividades acadêmicas e Laboratórios. Em 2018 duas salas de exposição foram desmontadas para abrigar a Biblioteca do IFAC que precisou ser retirada de um prédio alugado pela UFOP, traremos agora a plantas baixas com a atual ocupação dos espaços.

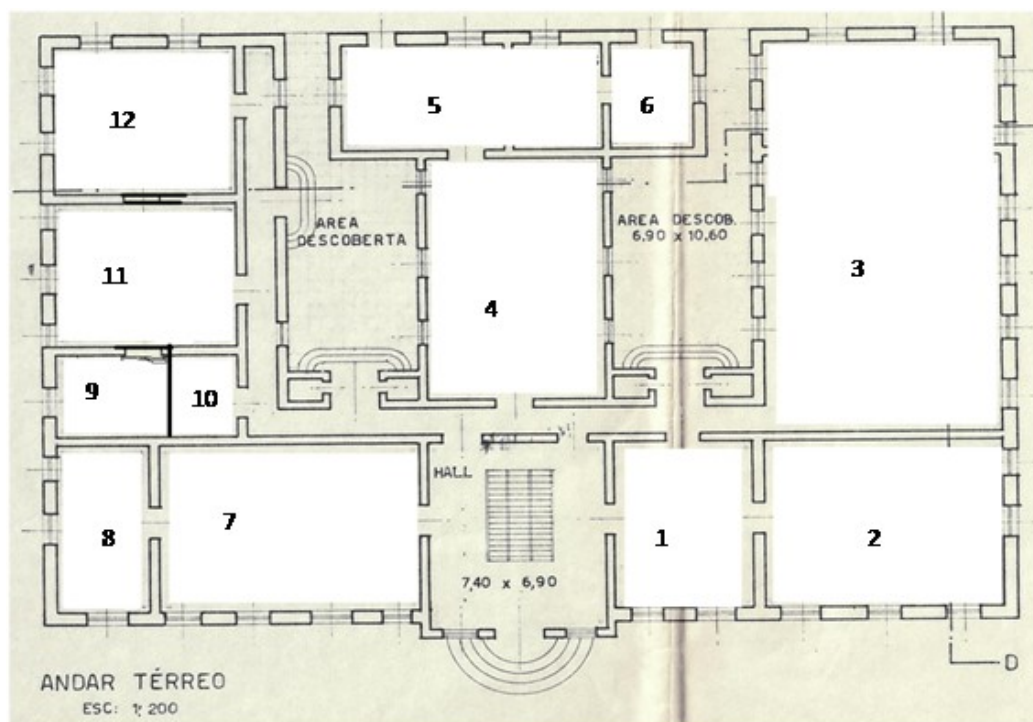


Imagem 11: Planta Baixa Prédio Principal 1º Andar

- 1) Sala de Exposição Origem do Medicamentos
- 2) Sala de Exposição Farmácia Magalhães
- 3) Salão Nobre – Auditório
- 4) Sala de Exposição ( Duas exposições de longa duração – Farmácia Central e Anatomia)
- 5) Setor Educativo
- 6) Sala de descanso das Funcionárias
- 7) Biblioteca IFAC
- 8) Biblioteca IFAC
- 9) Biblioteca IFAC
- 10) Depósito Material
- 11) Sala de Exposição – Salas de aula
- 12) Reserva Técnica 1 ( Biblioteca)

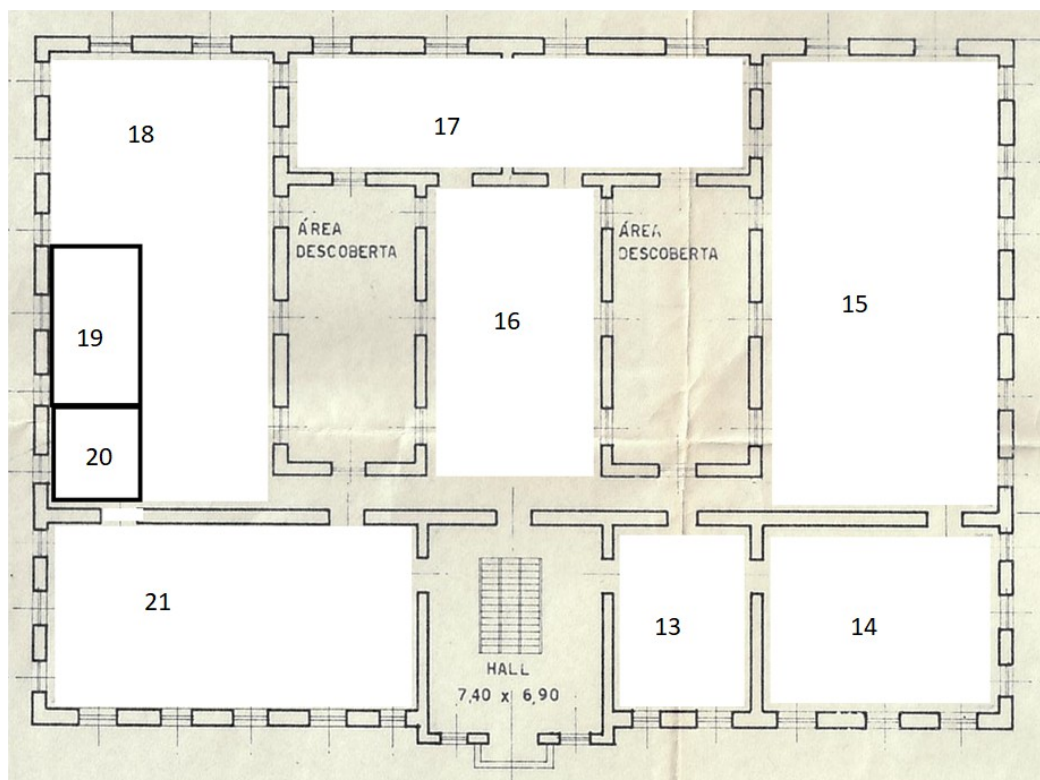


Imagem 12: Planta Baixa Prédio Principal 2º Andar

- 13) Sala de Exposição - Diretoria
- 14) Sala de Exposição - Galeria dos Ex Alunos
- 15) Salão Eventos e Exposição Temporária
- 16) Sala 2 - Sala de aula
- 17) Sala com acervo da SISBIN - Biblioteca da Escola de Farmácia
- 18) Biblioteca de Obras Antigas e Raras
- 19) Reserva Técnica - Quadros dos Ex alunos
- 20) Sala Bibliotecária
- 21) Sala da Congregação.

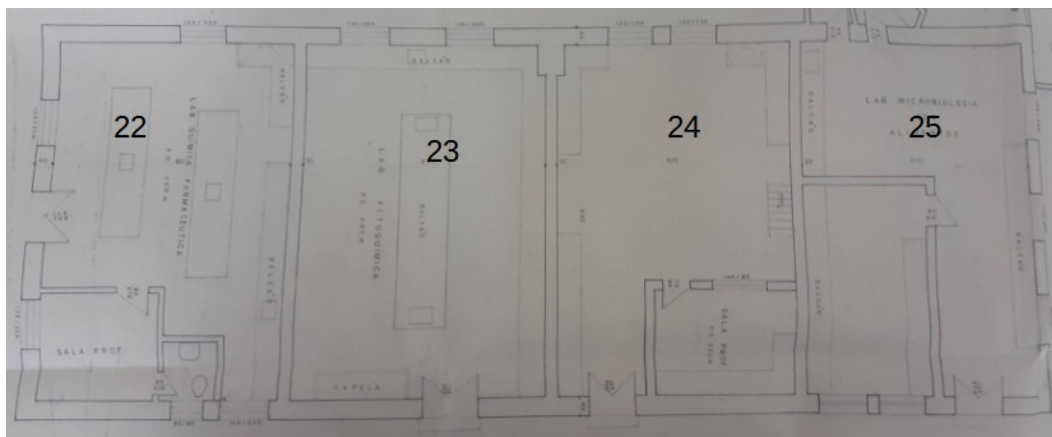


Imagem 13: Planta Baixa Anexo 1

- 22) Administrativo;
- 23) Laboratório de Conservação
- 24) Reserva Técnica;
- 25) Reserva Técnica.

Há ainda um segundo prédio anexo que no momento deste levantamento está com problemas estruturais e foi solicitado à prefeitura do campus a análise deste espaço para que possa ser utilizado.

#### A atuação do Museu

Hoje no Museu são desenvolvidos dois projetos de extensão: Museu da Farmácia Preservando Conhecimento e Museu da Farmácia como local de Educação. São desenvolvidos estágios obrigatórios de alunos do curso de museologia, um trabalho de pesquisa para trabalho de conclusão de curso de um discente do Curso de Farmácia, um projeto de iniciação científica que tem como base a coleção de anatomia.

Podemos dizer que as linhas de atuação em desenvolvimento no Museu hoje são o trabalho com as coleções englobando a catalogação, conservação, pesquisa e divulgação, as ações educativas envolvendo a comunidade da cidade de Ouro Preto. Estas linhas de atuação estavam em pleno desenvolvimento até o ano de 2020, quando em decorrência da Pandemia as atividades foram paralisadas e posteriormente adaptadas para serem desenvolvidas de maneira remota, com isto uma nova linha de atuação tem sido desenvolvida que é a inserção do museu no mundo virtual. O Museu também vem passando por uma série de obras que buscam adequar o espaço quanto a acessibilidade, prevenção e combate a incêndio.

## 2.2) Diagnóstico das forças e fraquezas

Este diagnóstico consiste no levantamento das potencialidades e fraquezas do museu, a metodologia utilizada, teve como referência a análise FOFA (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças) em que os fatores internos e externos foram levantados e serão a base para os diagnósticos detalhados de cada programa:

### Fatores Internos

**FORÇAS:** Prédio próprio, Museólogo na equipe, Estatuto atualizado, acervo rico e diversificado, exposição atrativa, obras de manutenção em andamento prédio, chegada de uma bibliotecária para trabalhar com acervo de obras raras e especiais.

**OPORTUNIDADES:** Revisão do Organograma institucional, adequação do prédio para acessibilidade e prevenção e combate a incêndio.

**FRAQUEZAS:** Equipe pequena, inventário do acervo pouco desenvolvido, falta da placa de identificação, biblioteca do IFAC no prédio impossibilitando o uso das salas para exposições e tendo conflito em horários de funcionamento.

**AMEAÇAS:** Falta de políticas internas, estrutura elétrica antiga, falta de controle de climatização, falta de orçamento específico

### Fatores Externos

**FORÇAS:** Integra o Sistema de Museus de Ouro Preto, localização central facilita acesso dos turistas e escolas.

**OPORTUNIDADES:** Estabelecimento de parceria com outras instituições de ensino da cidade como a Fundação de Artes e Ofício (FAOP) e o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG-OP).

**FRAQUEZAS:** A comunidade não reconhece o prédio como sendo do Museu, a sinalização da cidade para os monumentos é insuficiente, o Museu não possui placa de identificação na fachada, a acessibilidade da cidade é ruim e isso reflete no museu.

**AMEAÇAS:** Grande quantidade de atrativos nas proximidades.

Para que o diagnóstico possa ficar completo será necessário que o grupo de trabalho estabeleça outras metodologias. Sugerimos a aplicação de questionários e entrevistas, que contribuirão no levantamento de outras informações para o diagnóstico, principalmente para

entender a visão do público, pesquisadores e instituições vizinhas que compõem o ambiente externo sobre a instituição.

### 3. Diagnóstico para os programas

O Museu da Farmácia está hoje ligado à Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, possui um Conselho Administrativo e um Diretor indicado por este. Apesar desta estrutura, a sua gestão orçamentaria está vinculada a da UFOP, Devemos, desta forma, ter em mente que todos os projetos e ações deverão ser definidos em conjunto com a administração superior e serem programadas para acontecerem dentro das normatizações da administração pública.

Seguindo a estrutura do roteiro e do plano museológico, realizamos um diagnóstico dividido por programas, este deverá ser revisado pelo grupo de trabalho, que poderá incluir novos dados a partir das informações e construir os projetos dentro da realidade levantada :

#### 3.1) Diagnóstico Institucional

Este programa busca compreender como a gestão é realizada no museu, faremos o diagnóstico sobre três linhas: A gestão administrativa, a gestão técnica e a gestão das relações institucionais.

Iniciamos este diagnóstico levantando os documentos e bibliografias da instituição. No que se refere a documentação institucional, não foram localizados documentos de criação como lei, decreto ou outro. A data de criação do Museu da Farmácia se baseia no Relatório de Gestão do ano de 1968 (Anexo I), que indica que em abril daquele ano a exposição foi aberta em decorrência das comemoração do aniversário da Escola de Farmácia. Neste ponto é necessário ver institucionalmente qual o trâmite para regularização deste documento. O Museu possui regimento interno com sua última revisão realizada em 2017.

Atualmente não consta no organograma institucional, porém como o organograma da UFOP e dos setores estão em processo de revisão e por este motivo, o museu passará a constar no organograma da unidade a qual está vinculado, a Escola de Farmácia.

O Museu da Farmácia atualmente está ligado diretamente à Diretoria da Escola de Farmácia, que é uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal de Ouro Preto. Não há uma setorização para o Museu, sendo assim não há destinação orçamentária para o Museu no planejamento anual da instituição.

Atualmente o quadro de funcionários é pequeno e insuficiente, destacando-se que estão ligados diretamente à Diretoria da Escola de Farmácia por não existir no Organograma o setor Museu da Farmácia:

1 Técnico Administrativo Nível E - Formação em Museologia- Ingrid - Desde 2015 no Museu.

1 Bibliotecária - Ligada ao SISBIN - Luciana - Desde 2019 no Museu.

2 Faxineiras - Terceirizadas - Maria da Conceição e Wendy - No Museu desde 2018

2 Porteiros - terceirizados - Luiz Antônio no Museu desde 2006 e Vitor no Museu desde 2017.

2 Vigilantes - Terceirizados que ficam à noite no prédio do Museu e atendem também ao LAPAC.

2 Bolsistas de Extensão do Curso de Museologia

2 Bolsistas voluntários de extensão Curso de Museologia

1 Bolsista de Desenvolvimento Institucional do curso de Ciência da Computação

Devido à Pandemia do COVID 19 e aos cortes orçamentários houve uma redução na equipe de terceirizados, sendo dispensado um dos porteiros e o terceirizado Luis Antônio responsável, anteriormente, pela recepção do público e mediação das visitas foi transferido para a portaria.

Em desenvolvimento hoje no Museu temos os seguintes projetos de ensino, pesquisa e extensão:

Projeto de Extensão Museu da Farmácia como espaço de educação - Museóloga Ingrid - 2016/2022

Projeto de Extensão Museu da Farmácia: Preservando Conhecimento - Museóloga Ingrid - 2016/2022

Projeto de Extensão: Jardins do Museu da Farmácia - Professora Alice Viana de Araújo - 2019/2022

Projeto de Pesquisa: Museu de Anatomia - Professor Luiz Eduardo de Souza - 2019/2022

Projeto de Pesquisa: Tecnologia 3D aliada a uma metodologia multi-pedagógica na Educação Científica e Anatômica - Professor Luiz Eduardo de Souza - 2018/2022

Pesquisa para trabalho de conclusão de curso - coleção de medicamentos - aluno João Soares da Silva Neto - Farmácia UFOP - Orientadora Andrea Grabe. 2020/2022

Pesquisa e colaboração na identificação do acervo bolsista pos-doc Amanda Corrado do Projeto Plantas Úteis do Rio Doce - 2018/2021

O Acervo do Museu da Farmácia tem como origem a compra do mobiliário da Farmácia Magalhães, a Escola de Farmácia, doação de ex-alunos, professores e comunidade. Hoje ele segue uma classificação e sistema de numeração que foi estabelecida no primeiro inventário, realizado em 2011.

MPh01 - Quadros e Plotagens - O inventário está desatualizado não sendo possível quantificar nem aproximadamente;

MPh02 - Medicamentos - Aproximadamente 2600 peças;

MPh03 - Equipamentos Científicos - Em 2011 eram 500 peças. Ainda não foi realizada uma revisão desta coleção, mas sabemos que desde este último inventário houve um crescimento de mais de 50% no total desta coleção;

MPh04 - Arquivo - Não houve nenhum levantamento desta coleção;

MPh05 - História Natural - Aproximadamente 115 peças;

MPh06 - Mobiliário - Não houve levantamento desta coleção;

MPh07 - Acervo Bibliográfico - Aproximadamente 4500 obras higienizadas e arroladas, estimamos mais 10.000 para passarem por este processo;

MPh08 - Vidraria - Aproximadamente 880 peças;

MPh09- Fotografias - Aproximadamente 1500 fotografias;

MPh10 - Quadros Ex-alunos - Aproximadamente 120;

Há ainda acervos para serem criadas as coleções: Banners, flâmulas comemorativas, medalhas, troféus e bandeiras.

Até o ano de 2020 quando as atividades foram paralisadas, contávamos com as seguintes exposições:

Exposição de Longa Duração: Farmácia Magalhães - Inaugurada em 1968 Modificada em 1998/2010

Origem dos medicamentos - Inaugurada em 1998 - Modificada em 2010

Sala da Congregação - Inaugurada em 2013

Sala da Diretoria - Inaugurada em 2013

Galeria Ex-alunos - Inaugurada em 2017

Farmácia Central - Inaugurada em 2018

Anatomia - Inaugurada em 2018

Sala das Disciplinas - Inaugurada em 2018

Exposição Temporária: Na programação fixa temos: Exposição das turmas homenageadas, Exposição na Semana de Museus, para os outros períodos não há programação.

As últimas realizadas no prédio do Museu: Turmas Homenageadas, História da Farmacologia

Em 2022 após retorno das atividades presenciamos duas exposições de curta duração foram realizadas em espaços externos: Objeto Inventado - no festival de inverno e Retratos de Um Prédio Antigo no hall de entrada da Escola de Farmácia no Campus.

Uma importante observação é que devido às obras de pintura e acessibilidade pelo qual o edifício está passando nos anos de 2020/2021 as exposições foram desmontadas o que resultará em uma revisão deste item.

Como descrito no histórico o prédio tem uma arquitetura eclética e foi adaptado principalmente desde a sua ocupação em 1893 pela Escola de Farmácia. Nos anos de 2021/2022 ele está passando por uma série de obras de acessibilidade e adequação para prevenção e combate a incêndio. O Museu esteve aberto até o fim de 2019, quando fechou para pintura e posteriormente devido a Pandemia do COVID19.

Para aferição do público são usados os cadernos de assinatura e lista de presença dos alunos que visitam através dos projetos. O público predominante é o de visitantes espontâneos que estão à passeio na cidade, conforme planilha e gráficos que apresentaremos a seguir. Nos

meses de férias e do aniversário da Escola de Farmácia há um pico maior no número de visitantes.

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Janeiro		100	92	187	110	220	376	435
Fevereiro	69	32	59	43	50	86	122	92
Março	48	46	24	121	67	77	106	171
Abril	39	110	150	47	172	256	265	230
Maiο	62	122	48	33	156	127	150	179
Junho	62	51	49	68	121	146	90	221
Julho	55	167	158	203	253	340	400	470
Agosto	54	56	140	73	136	137	207	193
Setembro	52	31	110	141	158	157	206	179
Outubro	38	46	58	120	240	128	276	184
Novembro	55	33	46	104	129	134	227	186
Dezembro	44	35	137	88	140	120	271	311

Total	578	729	979	1041	1622	1928	2320	2416
-------	-----	-----	-----	------	------	------	------	------

Visitantes entre os anos de 2012 e 2019 dados extraídos dos cadernos de visitação e relatórios de frequência dos projetos educativos.

Quanto à comunicação das ações do Museu, há divulgação apenas das atividades desenvolvidas nas redes sociais do museu. No ano de 2018, iniciamos a construção do site do Museu, mas ele não foi concluído. Hoje há divulgação nas redes sociais criadas para o Museu: Facebook e Instagram.

Até o ano de 2019 o setor educativo do Museu estava ativo e eram desenvolvidas atividades sistemáticas com as escolas, além da realização de visitas acompanhadas para todos os visitantes. Nos anos de 2020 e 2021 foram desenvolvidas atividades remotas e com pouco impacto. Após o fim da pandemia as atividades terão que ser reestruturadas e repensadas.

O Museu possui uma ampla participação social, desenvolvendo parcerias e tendo representação nos seguintes órgãos e setores:

Sistema Municipal de Museus - vinculação desde 2006

Rede de Museu da UFOP - vinculação na criação 2021

Representante da UFOP no Conselho Municipal de Políticas Culturais 2018/2021

Parcerias com: Museu do Chá, Herbário Professor José Badini, Laboratório de Anatomia da UFOP

### 3.2) Diagnóstico do quadro de pessoal do Museu da Farmácia:

O Museu da Farmácia possui hoje um quadro pequeno e insuficiente para o seu funcionamento, a composição de um quadro ideal deverá ser pensado junto à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e à Pró-Reitoria de Administração. Abaixo detalharemos o quadro atual e quais as necessidades de contratação:

Quadro existente hoje é pequeno e insuficiente. Há um acúmulo de atividades e muitas que necessitam ser desenvolvidas encontram-se paradas, fazendo com que o Museu não desenvolva toda a sua potencialidade em pesquisa, conservação e divulgação das suas coleções. Hoje o quadro funcional conta com:

- 1 Técnico Administrativo Nível E - Formação em Museologia- Ingrid - Desde 2015 no Museu, responsável pelas atividades administrativas e técnicas da instituição.
- 1 Bibliotecária - Ligada ao SISBIN - Luciana - Desde 2019 no Museu, responsável pela Biblioteca de Obras Raras e Especiais que está em processo de organização.
- Considerando as complexidades e necessidades do Museu da Farmácia hoje seriam necessários no quadro funcional permanente da instituição os seguintes profissionais que pudessem desenvolver as atividades relacionadas:
- 1 Arquivista: Será o responsável pela organização, documentação e manutenção do acervo documental;
- 1 Conservador/Restaurador: Ações diretas de conservação/restauração do acervo;
- 4 técnicos que desenvolvam as atividades de pesquisa, educação e suporte nas áreas a saber: Biblioteca, Arquivo, Conservação, Museologia;
- 2 técnicos com habilidades em para o desenvolvimento de atividades no setor educativo;
- 1 secretária;

O Museu possui um quadro de terceirizados, serão considerados nesta relação aqueles que atuam diretamente no Museu, mas é preciso considerar que, dentro da estrutura Universitária, outros profissionais são envolvidos nas atividades de manutenção do Museu e estas ações devem estar presente nas rotinas administrativas mais amplas da UFOP.

Hoje o quadro de prestadores de serviços terceirizados no Museu é:

2 Faxineiras - Terceirizadas - Maria da Conceição e Wendy - No Museu desde 2018

2 Porteiros - terceirizados - Luiz Antônio no Museu desde 2006 e Vitor no Museu desde 2017.

2 Vigilantes - Terceirizados que ficam à noite no prédio do Museu e atendem também ao LAPAC.

Como já levantado no Programa de Institucional, houve um corte de um funcionário da portaria e o Luiz Antônio que recebia o público e mediava as visitas foi transferido para a portaria, este corte afetará diretamente o funcionamento do Museu no retorno das atividades.

Para o funcionamento do Museu será necessário o seguinte quadro complementar de terceirizados:

04 recepcionistas;

02 monitores.

Além dos quadros acima, há ainda os temporários ligados ao projetos, que vem sendo desenvolvidos no Museu da Farmácia desde o ano de 2021 estão. Atualmente estão vinculados a projetos em desenvolvimento direto do museu:

2 Bolsistas de Extensão do curso de museologia

2 Bolsistas voluntários de extensão curso de museologia e engenharia de controle e automação.

No primeiro semestre de 2010 aconteceu 01 estágio obrigatório, antes da suspensão das atividades eles aconteciam com uma média de 03 estagiários por período, ligados ao curso de Museologia. Com o quadro de pessoal adequado estes estágios poderiam ser ampliados e considerando as áreas de pesquisa e atuação do Museu poderiam ser recebidos alunos dos cursos abaixo relacionados e outros da UFOP que conseguissem desenvolver correlação: História; Museologia; Pedagogia, Farmácia e Educação.

No ano de 2019 foi desenvolvido pela Professora Andrea Grabe um projeto financiado pela FAPEMIG momento que o Museu contou com 01 museólogo e 01 profissional de nível técnico que desenvolveram ações específicas com o acervo.

Sugerimos como projetos para o Museu da Farmácia:

Projeto de reorganização e ampliação da equipe.

Projeto de Capacitação, qualificação e atualização das equipes:

Ex.: Manuseio de Acervos; Limpeza de Acervos; Segurança; Receptivo e outros relacionados à conservação, preservação, segurança do acervo e relação direta com o público. Os projetos devem ser pensados de forma contínua e com parcerias internas (Departamento de Museologia, Rede de Museus e Acervos da UFOP e outros departamentos) e externas ( Prefeitura, IFMG, FAOP).

Projeto de Saúde e Bem Estar:

Aqui a sugestão é para o desenvolvimento de ações que contribuam para a saúde e bem estar da equipe, considerando a estrutura e serviços que são ofertados pelos diversos setores da UFOP , podendo ser pensadas parcerias, além de realização de diagnósticos regulares para adequação de ergonomia e outros fatores que influenciam na qualidade do trabalho e da saúde do funcionário.

### 3.3) Diagnóstico do Acervo

O Museu da Farmácia possui uma coleção diversificada de grande relevância para a história da Farmácia, da UFOP e do conhecimento científico, sendo o testemunho material deste processo o acervo ainda não foi totalmente identificado sendo possível fonte de descobertas a respeito da história da ciência.

O Acervo do Museu da Farmácia tem como origem a criação e história da Escola de Farmácia em 1839 e a compra do mobiliário da Farmácia Magalhães em 1962, além de doações de alunos, ex-alunos, professores e comunidade.

Desta forma a origem é diversa, temos o acervo que foi adquirido com fins acadêmico e posteriormente incorporado ao museu como é o caso dos modelos de ensino, medicamentos, vidrarias e equipamentos científicos e livros. Os que foram produzidos na instituição com fins acadêmicos que é caso das taxidermias e medicamentos e que posteriormente foram sendo incorporados ao Museu.

O acervo arquivístico que é composto por documentos administrativos e acadêmicos da escola de Farmácia entre os anos de 1839 e 1970. Acervos de outras unidades acadêmicas que foram transferidos para o museu.

Temos os acervos adquiridos com objetivo de criação do Museu que é o mobiliário e vidrarias da antiga Farmácia Magalhães. Os acervos doados ao longo dos anos são vidrarias, equipamentos, livros, quadros, fotografias e mobiliários.

A compra da Farmácia Magalhães e a criação do museu em 1968 é o início do processo de musealização dos outros acervos. Com a transferência das atividades acadêmicas em 2012 para o Campus a coleção museológica cresceu, isto porque neste momento houve uma organização de salas e laboratórios e além disto a consolidação de um projeto para o museu.

Hoje ele segue uma classificação e sistema de numeração que foi estabelecida no primeiro inventário, realizado em 2011.

MPh01 - Quadros e Plotagens - O inventário está desatualizado não sendo possível quantificar nem aproximadamente;

MPh02 - Medicamentos - Aproximadamente 2600 peças;

MPh03 - Equipamentos Científicos - Em 2011 eram 500 peças. Ainda não foi realizada uma revisão desta coleção, mas sabemos que desde este último inventário houve um crescimento de mais de 50% no total desta coleção;

MPh04 - Arquivo - Não houve nenhum levantamento desta coleção;

MPh05 - História Natural - Aproximadamente 115 peças;

MPh06 - Mobiliário - Não houve levantamento desta coleção;

MPh07 - Acervo Bibliográfico - Aproximadamente 4500 obras higienizadas e arroladas, estimamos mais 10.000 para passarem por este processo;

MPh08 - Vidraria - Aproximadamente 780 peças;

MPh09- Fotografias - Aproximadamente 1500 fotografias;

MPh10 - Quadros Ex-alunos - Aproximadamente 120;

Há ainda acervos para serem criadas as coleções: Banners, flâmulas comemorativas, medalhas, troféus e bandeiras.

Como percebido acima, as formas mais comuns de aquisição do acervo são a doação (realizada por ex-alunos e seus familiares) e transferência entre unidades. Quanto ao descarte, ele acontece quando há dano irreparável no acervo, como não há políticas estabelecidas mesmo quando há pequenos danos eles continuam na coleção.

Por não ter rotinas estabelecidas, hoje são usados os seguintes documentos quando acontecem doações ou descartes: termo de doação, ficha de transferência e observação na ficha quando o acervo é descartado.

As últimas aquisições foram: Doação de quadro de ex-alunos pelos representantes das turmas de 2015 e 1976, doação de frascos de medicamentos e utensílios de farmácia pela família do Ex-aluno José Rodrigues de Moraes. Transferência de dois modelos de ensino de anatomia do Museu de Ciência e Técnica.

As rotinas de aquisição, descarte e organização dos acervos podem contar com o apoio da divisão de patrimônio, que hoje não possui uma política voltada para os acervos históricos. Destaque aqui para a criação da Rede de Museus e Acervos da UFOP que poderá estabelecer uma política integrada para os acervos da UFOP

Quanto à documentação do acervo, desde o início do trabalho foi adotado pelo Museu o uso de uma ficha de registro onde os campos variam de acordo com as tipologias já apresentada, nesta ficha as informações comuns como os campos onde são atribuídos o número, o nome, uma fotografia do acervo e as suas dimensões. Atualmente é utilizada também uma planilha onde as informações são listadas.

As fichas criadas são preenchidas em documento word e estão em formato digital, quando um acervo é todo catalogado buscamos imprimir as fichas, como é o caso da coleção de quadros, história natural. As planilhas que estão sendo geradas são impressas mais regularmente, como o acervo ainda está em processo de documentação e revisão ainda acontecem mudanças.

A ficha utilizada foi criada em 2011 e vem sendo revisada constantemente, sendo preenchida pela museóloga e pelos bolsistas e estagiários. Estimamos que menos de 50% do acervo foi documentado.

A documentação hoje é de acesso restrito, apenas a equipe que preenche e pesquisadores, quando agendado têm acesso.

Mph 02.001 (Modo de Compatibilidade) - Word (Produto Não Licenciado) Ingrid da Silva Borges Ingrid

Arquivo Página Inicial Inserir Design Layout Referências Correspondências Revisão Exibir Ajuda Digite-me o que você deseja fazer

Normal Sem Espaçamen Título 1 Título 2 Título Subtítulo Ênfase Sutil Ênfase Ênfase Intensa

Área de Transferência

Nome: Óleo de Beladona

Número de Patrimônio: N/C Categoria de Acervo: 02 - Medicamentos

Localização: Farmácia Magalhães - Armário de Tinturas Dimensões: 5,6 cm (d) x 15,5 cm (h)


Material e Técnica: Frasco de Vidro Data: N/C

Origem: Belo Horizonte Fabricante: Laboratório Osorio de Moraes Ltda

Marcas e Incrições: Rotulo Logomarca \_des Laboratórios Osorio de Moraes Ltda/ 250cc/ OLEO DE BELADONA/OleumBelladonna AE/ Farm. Brasil/ LABORATORISA OSOSRIO FR MORAES LTDA/ Rua Muriaé, 92 a 98, Belo Horizonte - Brasil/ Ear Resp. Inneu de Moraes/ Industria Brasileira

Observações: O frasco contém liquido e está fechado com rolha

Movimentação:



MPh 02.001

Página 1 de 1 96 palavras Português (Brasil) 22°C Ensolado 13:53 11/07/2022

Imagem 14: Modelo de Ficha usada, preenchida para a coleção medicamento. Como relatado acima, o acervo ainda está em processo de documentação e junto a isto ao estabelecimento de rotinas de conservação e restauração, hoje é feito um acompanhamento visual e quando detectada alguma infestação ou alteração são tomadas as medidas necessárias, na maioria das vezes ações emergenciais.

No geral o acervo encontra-se em um estado de conservação bom, a seguir fazemos um levantamento do estado de conservação por tipologia.

MPh01 - Quadros e Plotagens - estado de conservação regular, muitos precisam ser higienizados e tratados.

MPh02 - Medicamentos - estado de conservação bom.

MPh03 - Equipamentos Científicos - estado de conservação regular, as bases de madeira sofreram com infestações e uso durante os anos.

MPh04 - Arquivo - estado de conservação bom.

MPh05 - História Natural - estado de conservação regular, por terem ficado expostos a luz e ao tempo houve degradação das peças.

MPh06 - Mobiliário - estado de conservação bom.

MPh07 - Acervo Bibliográfico - estado de conservação bom.

MPh08 - Vidraria - estado de conservação bom;

MPh09 - Fotografias - estado de conservação bom.

MPh10 - Quadros Ex-alunos - estado de conservação bom.

Quanto aos agentes de risco, hoje os maiores tanto das reservas como das exposições são poeira, umidade, temperatura, furtos, roubos e pragas. Os sistemas de prevenção que o museu possui hoje são: sistema de combate a incêndio atualizado e controle de acesso ao prédio.

Quanto as condições de armazenamento hoje o museu possui reserva técnica, porém não há mobiliário adequado e suficiente, por ser um espaço adaptado utilizamos estruturas que já existiam para os laboratórios assim como mobiliários já utilizados pela escola, são eles armários de metal e de madeira.

Para manuseio e do acervo não há procedimentos, apenas a utilização de EPI's como luvas e máscaras. A exposição não possui iluminação adequada, as janelas não possuem filtros, não há sistema de câmeras e alarmes e a equipe é insuficiente.

O acervo irá demandar uma série de projetos, as ações contidas nestes irão permear outros projetos e deverão conter um cronograma definido com início, meio e fim bem definidos.

Projeto de política de acervo : Neste projeto deverão constar quais serão as políticas adotadas pelo museu, incluindo normas e documentos orientadores para aquisição, descarte

Projeto de Documentação: Ele deverá ter subprojetos e dividido em pelo menos três momentos: levantamento do acervo, escolha de um sistema de catalogação e catalogação do acervo.

Projeto de segurança do acervo: Aqui deverão constar as políticas voltadas ao acesso ao acervo e aos dados gerados na catalogação.

Projeto de gestão de riscos: Neste projeto deverão ser consideradas as exposições, reservas e entorno da instituição para que sejam propostas ações que prevejam e eliminem os riscos físicos das coleções.

Projeto de conservação preventiva: Neste projeto deverão ser consideradas as ações de preservação e monitoramento das coleções. Propomos que sejam realizadas ações de avaliação das coleções quanto ao estado de conservação e presença de pragas, estabelecimento de parâmetros de acondicionamento e estabelecimento de rotinas e conservação.

Projeto de restauração: Este projeto poderá seguir duas linhas dependendo da condição do acervo da instituição: se no diagnóstico não forem encontrados acervos em situação ruim e que necessite de intervenção de restauração, propomos que seja um projeto de estabelecimento de rotinas e parâmetros que deverão ser seguidos em um momento futuro.

#### 3.4) Diagnóstico das exposições

Exposição de longa duração:

Até o ano de 2019 as exposições de longa duração do MF eram 08 com as seguintes temáticas: Farmácia Magalhães - Inaugurada em 1968 Modificada em 1998/2010, Origem dos

medicamentos - Inaugurada em 1998 - Modificada em 2010, Sala da Congregação - Inaugurada em 2013, Sala da Diretoria - Inaugurada em 2013, Galeria Ex-alunos - Inaugurada em 2017, Farmácia Central - Inaugurada em 2018, Anatomia - Inaugurada em 2018, Sala das Disciplinas - Inaugurada em 2018.

Estas exposições estavam divididas no prédio conforme a planta apresentada no diagnóstico. Os espaços e mobiliários foram adequados para receber as exposições e desta forma não estão adequados, sendo que a iluminação precisa ser adequada, não há controle de climatização, quanto a acessibilidade apesar do prédio ter passado por algumas obras estas ainda não foram concluídas. Devido às obras as exposições acima listadas foram desmontadas, a sua remontagem pode ser o momento de incluir outros elementos de acessibilidade como legendas expandidas e áudio guia.

À seleção da temática e do acervo seguiu o contexto de criação da escola e da história da profissão farmacêutica. Para a sua execução são utilizados os mobiliário expositivos adaptados para receber as exposições e que são em número insuficiente.

As manutenções de exposições seguem duas linhas: as preventivas de controle do acervo quanto a pragas e outros, trimestralmente e de troca de acervo e outros ajustes anualmente, além de rotinas de limpeza e higienização semanais.

Exposição de curta e média duração:

O museu possui uma sala onde são desenvolvidas exposições de curta e média duração. Nos últimos cinco anos foram realizadas:

Anualmente no mês de abril a uma exposição sobre as Turmas Homenageadas no aniversário da Escola;

Anualmente a semana de Museus em Maio seguindo a temática;

História da Farmacologia

Caminhos da Escola de Farmácia

Herbário Professor José Badini

O museu hoje não possui um planejamento para estas exposições e desta forma elas acontecem apenas contando com o que já temos. Além disto a equipe por ser pequena não consegue suprir as demandas destas exposições, o espaço tem grande potencial que é pouco aproveitado devido a estas lacunas de recurso e pessoal.

Além das exposições realizadas no Museu foram realizadas em espaços externos:

As coleções da UFOP (em parceria com o Museu de Ciência e Técnica e com o Herbário Prof. José Badini) no hall de entrada do ICEB durante a semana de Museus de 2017;

Exposição Caminhos da Escola de Farmácia - Hall de entrada da Escola de Farmácia - Campus 2018

Exposição Extratos de um prédio antigo - Hall de entrada da Escola de Farmácia - Campus 2022

O museu recebe apenas exposição de pessoas ou setores internos da UFOP, como falta equipe e recurso abrir para a comunidade não seria possível neste cenário. Para cada modelo de exposição propomos projetos que possam organizar-las e melhor oferecer o acesso da comunidade ao acervo

Projeto de Exposição longa duração: como o museu encontra-se fechado para reforma este é o momento ideal para o desenvolvimento deste projeto, já vislumbrando a revisão e reformulação das exposições montadas anteriormente, alinhado-às conceitualmente com as novas definições de missão e valor. As ações devem estar alinhadas com as de outros programas como o educativo

Projeto de média e curta duração: considerando o espaço que o museu possui hoje para exposições de longa duração, este projeto deverá prever um cronograma de exposições que possa contemplar a comunidade acadêmica e da cidade, além de exposições do museu que possam ser levadas a outros setores, escolas e espaços da cidade.

### 3.5) Diagnóstico do educativo e cultural

O setor educativo do museu foi criado em 2015, para atender as demandas das escolas visitantes. No ano de 2016 foi aprovado o projeto de extensão Museu da Farmácia como Espaço de Educação, o qual os relatórios serão inseridos como anexo a este. Desde então vem desenvolvendo ações com as escolas municipais, que busca relacionar o acervo do Museu com os acervos dos parceiros e trabalhar os conceitos de museu e patrimônio. Além desta ação são desenvolvidas oficinas nas férias de julho e na semana da criança em outubro que tem como público alvo crianças da comunidade.

As atividades são desenvolvidas pelos bolsistas de extensão, voluntários e em parceria com o Centro Acadêmico de Farmácia e o Pet Farmácia. As avaliações ocorriam com

cartas das crianças e questionário aplicado aos professores e sempre tiveram um ótimo retorno.

Projeto educativo e cultural: Neste deverão conter as possibilidades de atividades educativas e culturais que o museu pode desenvolver, lembra de relacioná-los aos demais programas, principalmente de acervos e pessoal

### 3.6) Diagnóstico da Pesquisa

Durantes os últimos anos foram produzidos os seguintes trabalhos sobre o Museu:

Artigos:

Os modelos anatômicos do Dr. Auzoux, na Universidade Federal de Ouro Preto  
Disponível em : <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/alemur/article/view/4160/3431>

A Glimpse on a Brazilian Pharmacology Bibliography of the Early-20th Century (Um Olhar sobre uma Bibliografia Brasileira de Farmacologia do Início do Século XX)” por Santos W. & Grabe-Guimarães A. Revista Brasileira de História da Ciência

Trabalhos de Conclusão de Curso:

Acessibilidade no Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto – Uma Proposta de implementação de recursos acessíveis – Ana Ligia Campos Ramos - 2019

Reflexão sobre Documentação Museológica: Uma análise das Fichas de registro e documentação da Coleção de Medicamentos do Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. – Sarha Dias Hottes – 2019

Conservação Preventiva e Suas Aplicações: Análise das fotografias da Galeria dos Ex-alunos do Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto - Romário Wagner Matias Gomes – Fevereiro 2018

Fontes Luminosas e Conservação de Acervo: O caso dos quadros de formandos da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto – Igor Lacerda Guimarães – Fevereiro 2018

Fármacos e Medicamentos do Acervo do Museu de Pharmacia da UFOP (MPh/UFOP):

Análise Comparativa de Aspectos Farmacológicos Abordados no Início do Século XX e Atualidade - João Soares da Silva Neto - Junho 2022

Segurança em Museus: Sistema de Prevenção e Combate a Incêndio do Museu da Farmácia da UFOP - Guilherme Tavares da Silva - Junho 2022

Tese Mestrado:

Farmacologia no Brasil Baseada no Acervo Bibliográfico do Museu da Pharmacia da UFOP – Weilher Paulo dos Santos - 2019

Estágios

Luciana Bernardes de Andrade Vieira – Animais Taxidermizados – 2016

Kalila Assis Amorim – Modelos de ensino animal – 2016 e Modelos Anatomia Humana – 2017

Sarha Meirielli Ferri Naves – Modelos Anatomia Humana – 2017

Fabiana Martins de Souza – Quadros – 2017

Thiago Henrique Nascimeto Ramos – Quadros – 2017

Emilia Gabriela Silva Moraes – Quadros – 2016

Igor Lacerda Guimarães – Quadros – 2017

Romário Wagner Matias Gomes - Quadros – 2017

Rafaela Julia da Silva – Quadros – 2016

Marcelo e Ludimila – Medicamentos -2019

Amanda Meireles de Lima Oliveira – Baners – 2019

Sarha Dias Hotes – Vidraria - 2018

Isabela Montaldo de Almeida – Vidraria - 2018

Davi Isaac de Souza - Mobiliário - 2022

Trabalhos de Pesquisa estão sendo realizados:

Projeto de Extensão Museu da Farmácia como espaço de educação.

Projeto de Extensão Museu da Farmácia: Preservando Conhecimento.

Projeto de Extensão: Jardins do Museu da Farmácia - Professora Alice Viana de Araújo

Projeto de Pesquisa: Museu de Anatomia - Professor Luiz Eduardo de Souza

Projeto de Pesquisa: Tecnologia 3D aliada a uma metodologia multi-pedagógica na Educação Científica e Anatômica - Professor Luiz Eduardo de Souza

Projeto de iniciação científica: Bibliografia anatômica utilizada na Escola de Farmácia de Ouro Preto entre 1839 e 1969. - Professor Luiz Eduardo de Souza

Sobre a história do museu, as pesquisas que acontecem hoje são internas e são utilizados documentos e referências bibliográficas existentes. No caso dos trabalhos e pesquisas, quando há necessidade de acesso ao acervo é feito agendamento prévio e o material separado.

Das visitas realizadas ao museu o controle é realizado apenas pelo livro de visitas que fica na entrada, não há um maior detalhamento sobre este.

Apenas dentro da unidade a qual o museu está inserido há uma ampla divulgação sobre as possibilidades de projetos e pesquisas, falta hoje uma divulgação em outras unidades e nas pró-reitorias de ensino, pesquisa e extensão. Entendemos que para este

Projeto de pesquisa interna: em que sejam contempladas a história do Museu, ações relacionadas diretamente às exposições, aos acervos e ao educativo cultural

Projeto de pesquisa de público voltado a conhecer o público visitante e propor estratégias de ampliação dos frequentadores do Museu.

Projeto de pesquisa externa: Neste projeto deverão constar ações que estimulem as pesquisas por pessoas e instituições externas, podendo ser criados grupos de pesquisas relacionados às temáticas da instituição.

### 3.7) Diagnóstico Arquitetônico-urbanístico

O prédio está sendo adaptado para receber o Museu, hoje há um acordo em ceder duas salas para a Biblioteca do IFAC. O prédio hoje está ocupado conforme planta apresentada no histórico do edifício. Várias ações de adequação e reforma estão sendo executadas no edifício, obras de acessibilidade, manutenção de telhado, revitalização da rede elétrica e hidráulica, pintura entre outras.

Além dos projetos que estão sendo executados, estão em processo de execução o projeto de paisagismo externo e iluminação externa. Por ser um prédio da universidade, as demandas seguem o mesmo processo de todos os prédios da universidade, sendo necessário

para qualquer obra ou manutenção a inserção do pedido no SEI, os pedidos entram no montante das demandas e são executados por servidores da UFOP ou terceirizados de acordo com o fluxograma da Prefeitura do Campus.

Da documentação do edifício, há o documento de doação do mesmo para a Escola de Farmácia em 1839, faltam outros que necessitam de adequação como projeto de combate a incêndio, as adequações que estão sendo realizadas tem o objetivo de regularizar a documentação.

Projeto de arquitetura: levantamento de necessidades e propostas de projetos de adequação, reforma e manutenção do prédio.

Projeto de urbanismo: Ampliação do projeto que está em andamento e coordenado pela Professora Alice.

### 3.8) Diagnóstico de Segurança

Hoje não há segurança predial, durante o dia o acesso ao prédio é controlado por porteiros terceirizados e à noite há um vigia noturno. A equipe é insuficiente e os acessos ao prédio são diversos, o que dificulta o controle.

As principais vulnerabilidades do prédio são: equipe pequena, ruas do entorno escuras, estacionamento público na lateral do prédio, acessos diversos. O prédio é antigo e os sistemas elétricos e hidráulicos também, atualmente estes estão passando por atualização e como descrito no programa de arquitetura, será necessário realizar um planejamento de manutenção. A única fonte de energia do edifício é a elétrica e não há fonte alternativa.

O projeto de prevenção e combate a incêndio está em processo de atualização, o que tem como objetivo regularizar os alvarás e laudos de funcionamento. Junto com a atualização do sistema foram instalados sensores de fumaça, único sistema implementado.

Hoje no museu não há rotinas de segurança ou protocolos para furto, roubos ou sinistros e não há seguro contratado

Projeto de gestão de risco - Onde devem estar previstas ações que busquem a proteção do acervo, dos visitantes e das equipes de trabalho.

Projeto de Rotinas de Emergência - elaboração de rotinas e protocolos voltados para segurança.

### 3.9) Diagnóstico da comunicação institucional

O museu não possui pessoa ou equipe de comunicação, as ações que são desenvolvidas são realizadas pelos bolsistas ligados ao projeto de extensão. Na UFOP há um setor de comunicação, que é responsável por todas as demandas, o processo é lento, mas somos sempre atendidos. Como ações de comunicação hoje tempo: as redes sociais do museu e um vídeo institucional produzido em 2018.

Projeto de comunicação institucional: Onde as ações deverão ser relacionadas aos outros programas e deverão refletir qual será a imagem do museu para o público

### 3.10) Diagnóstico da Acessibilidade Universal

A cidade de Ouro Preto é pouco acessível e isso se reflete no entorno do Museu, as ruas são de calçamento em paralelepípedo e as calçadas em pedra Ouro Preto irregulares dificultando a locomoção. Como já relatado anteriormente falta sinalização externa, o prédio ainda é reconhecido como sendo da escola de farmácia.

Arquitetonicamente o prédio está sendo adequado para receber os visitantes, todos os banheiros foram reformados, piso tátil foi colocado nas áreas comuns, a sinalização de rotas de fuga, sinalização em braille nos corrimãos, luminária de emergência nos acessos, rampas para salas e áreas em que há desnível. Para garantir a acessibilidade as obras ainda estão em curso, faltando a instalação do elevador.

As exposições que estavam montadas antes das obras e da pandemia não possuíam recursos de acessibilidade, assim como a possibilidade de revisão e remontagem das mesmas poderá ser previsto a adequação e inclusão dos recursos.

Projeto de acessibilidade universal: Como a exposição e o prédio estão passando por adequações e reformulações este é o momento da implantação de um projeto de acessibilidade universal, prevendo não apenas a acessibilidade motora e sim todas, com inclusão de textos adequados, vídeo audios, placas de identificação e outros recursos que garantam o direito universal ao acesso.

### Referências Bibliográficas

BRASIL. Decreto 8.124 de 17 de outubro de 2013, que Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Disponível em

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm) Acessado em 20/10/2020

BRASIL. Lei nº11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm) Acessado em 20/10/2020

DIAS, José Ramos. Apontamentos Históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto. 3 ed. Ver. Ouro Preto, UFOP/ Escola de Farmácia 1989

GODOY, Victor Vieira de. A Escola de Farmácia de Ouro Preto: a memória sublimada – São Paulo: Metalivros, 2019.

GODOY, Victor Vieira de. A Coleção de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. In: GRANATO, Marcus e LOURENÇO, Marta C. Coleções Científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto – Rio de Janeiro: MAST, 2010.

IBRAM. Museus em números. Volume 1 - Instituto Brasileiro de Museus, 2011

\_\_\_\_\_. Subsídios para a elaboração de planos museológicos – Instituto Brasileiro de Museus – 2016

LOURENÇO, Marta C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. *Museologia e Patrimônio*, v.2, n.1, 2009, p.47-53. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25>. Acesso em: 25 de Maio 2021

OLIVEIRA. Djalma de Pinho Rebouças. Planejamento Estratégico: Conceitos, Metodologias e Práticas. São Paulo. Editora Atlas, 2007

RIBEIRO. Emanuela Sousa ... [ET al]. MUSEUS E PATRIMÔNIO CULTURAL UNIVERSITÁRIO: DISCUTINDO CONCEITOS E PROMOVENDO PARCERIAS E ARTICULAÇÕES In: *Museologia e suas interfaces críticas [recurso eletrônico] : museu, sociedade e os patrimônios / [organizadores] Bruno Melo de Araújo... [et al].* – Recife : Ed. UFPE, 2019.

TRINDADE, Silvana Caçado. Planejamento Museológico: Caderno 02. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010

Plano Museológico do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Rodrigues Cabral disponível em <https://museu.ufsc.br/files/2016/03/Plano-Museol%C3%B3gico-do-MArquE.pdf>

Plano Museológico Museu de Ciências Naturais CECLIMAR/UFRGS 2019-2022 disponível [https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2019/10/PLANO-MUSEOL%C3%93GICO-MUCIN-2019\\_2022.pdf](https://www.ufrgs.br/mucin/wp-content/uploads/2019/10/PLANO-MUSEOL%C3%93GICO-MUCIN-2019_2022.pdf)

Plano Museológico Museus de História Natural e Jardim Botânico da UFMG disponível em <https://www.ufmg.br/mhnb/wp-content/uploads/2018/09/PlanoMuseologico27102015.pdf>

<https://ufop.br/historia-da-ufop>

<https://escoladefarmacia.ufop.br/>

<http://www.museus.gov.br>